



twheeler2005

Leila Denise Monteiro Furtado

**VULNERABILIDADE E TERRITÓRIO:
Dinâmica da vulnerabilidade dos jovens do bairro Safende**

Tese de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Albuquerque.

Coimbra 2011



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Leila Denise Monteiro Furtado

**VULNERABILIDADE E TERRITÓRIO:
Dinâmica da vulnerabilidade dos jovens do bairro Safende**

Tese de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo,
apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, sob a orientação da
Professora Doutora Cristina Albuquerque.

Coimbra 2011



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

Quando achei que já tinha cumprido a minha árdua tarefa de organizar e dar inteligibilidade às ideias e aos factos desta pesquisa, eis que me deparo com uma incumbência não menos desafiante: os agradecimentos.

Assim, é realizada a difícil e, por vezes, ingrata tarefa, todavia imprescindível para expressar, de um jeito singelo, um obrigado:

A todos os meus professores do mestrado, em especial à minha orientadora professora Doutora Cristina Albuquerque, pela atenção, disponibilidade e motivação em conduzir e orientar este trabalho.

À minha família, especialmente meus pais, Margarida Monteiro e Nicolau Furtado, pelo incentivo e confiança mesmo quando esta crença exauria da própria.

Ao Felisberto Mendes, pela cumplicidade, amizade e momentos de partilha de vivências que alentam os meus dias mais difíceis.

Aos amigos e colegas pelo apoio ao longo dessa jornada, pelas nossas conversas que, com certeza, foram uma mais-valia nesse processo de aprendizagem, elas e eles sabem quem são.

À fundação Infância Feliz, na pessoa de sua presidente, D. Adélcia Pires e dos técnicos, pelos momentos de aprendizagem e incentivo às minhas escolhas profissionais.

Aos entrevistados e entrevistadas que contactei que deram vez e voz a esta pesquisa, agradeço a disponibilidade, a franqueza e a inspiração.

Ao Nelson Moreira, pela disponibilidade em conduzir-me a uma visita ao bairro, o que me proporcionou conhecer o quotidiano dos seus moradores.

Ao Constantino Veiga, pelos seus conhecimentos de geografia que me permitiram elaborar a cartografia do bairro.

Finalmente a DEUS, que me guiou e No qual busco força para continuar, a minha eterna gratidão!!!

*“Plus urgente que la détermination des dates est, pour la connaissance de
l’intimité, la localisation dans les espaces de notre intimité
(Bachelard, 1984, p.28).*

¹ “Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade a localização nos espaços da nossa intimidade”. (tradução nossa)

RESUMO

“Vulnerabilidade e território:
Dinâmica da vulnerabilidade dos jovens do bairro Safende”

A presente investigação visa compreender a dinâmica da vulnerabilidade no contexto social cabo-verdiano, tendo como eixo de análise os jovens residentes no bairro Safende (periferia da cidade da Praia). De entre as leituras possíveis, defende-se a que concebe a vulnerabilidade *como uma configuração particular negativa, resultante da intersecção das estruturas de oportunidade e dos activos dos indivíduos* (Filgueira, 2001, p.10). Nesta lógica, a realidade do bairro Safende é caracterizada pelos recursos que possui e aqueles que lhe estão ausentes, onde se torna evidente a dicotomia centro e periferia nas suas dimensões geográficas e sociais. Ancorado num estudo de natureza qualitativa, este cenário é apresentado a partir do olhar dos jovens com idade compreendida entre os 16 e os 25 anos.

Com este estudo foi possível identificar que a vivência no bairro Safende é percebida pelos jovens como potencializadora da dinâmica da vulnerabilidade pela insuficiência de oportunidades que atendam as suas necessidades educativas, de emprego e de lazer, que contribui para dificultar a apropriação das escassas oportunidades e consequentemente fragilizar ainda mais os seus activos. Ficou evidente o papel que as redes de proximidade assumem na minimização do impacto da vulnerabilidade.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social, jovens, bairro Safende, Cabo Verde, estrutura de oportunidade, activos.

ABSTRACT

«Vulnerability and territory:

Dynamics of the vulnerability of young people the Safende neighborhood »

This research aims to understand the dynamics of social vulnerability in the context of Cape Verde having as point of analysis the young residents in the neighborhood Safende (outskirts of the city of Praia). Among the possible readings, we argued the one that conceives vulnerability as a negative particular configuration, resulting from the intersection of opportunity structures and assets of individuals (Filgueira, 2001, p.10). In this logic the reality of the Safende neighborhood is characterized by the resources it has and those who are absent, where the dichotomy center periphery is evident in their geographical and social dimensions. Anchored in a qualitative study, this scenario is presented through the eyes of young people aged between 16 and 25 years.

This study, we found that the experience in the Safende neighborhood is perceived by young people as an aggravator of the dynamics of vulnerability considering lack of opportunities that meet their educational needs, employment and leisure, which contributes to hinder the appropriation of scarce opportunities and thus further weaken their assets. Through this study it was evident the role that proximity networks assume in minimizing the impact of the vulnerability.

Key works: social vulnerability, young, Safende neighborhood, Cape Verde, opportunity structure, asset.

RÉSUMÉ

«Vulnérabilité et territoire:

La dynamique de la vulnérabilité des jeunes dans le quartier Safende»

Cette recherche vise à comprendre la dynamique de la vulnérabilité dans le contexte social du Cap-Vert, on a eu comme point d'analyse les jeunes résidents dans le quartier Safende. Parmi les lectures possibles, il est soutenue celle qui conçoit la vulnérabilité comme une configuration particulière du négatif, résultant de l'intersection des structures d'opportunité et de capacités des individus (Filgueira, 2001, p.10). Dans cette logique la réalité du quartier Safende est présentée par les ressources dont il dispose et ceux qui sont absents, où il devient évident la dichotomie center - périphérie dans leur dimensions géographiques et sociales. Ancrée dans une étude qualitative, ce scénario est présenté à travers les yeux des jeunes âgés entre 16 et 25 ans.

Parmi cette étude, nous avons constaté que l'expérience dans le quartier de Safende est perçue par les jeunes comme un facteur qui potentialise la dynamique de la vulnérabilité par manque de possibilités qui puissent répondre à leurs besoins éducatifs, de l'emploi et de loisirs, ce qui contribue à entraver l'appropriation des occasions rares et donc à affaiblir davantage leurs actifs. Grâce à cette étude, il a été évident le rôle que les réseaux de proximité ont dans la minimisation de l'impact de la vulnérabilité.

Mots-clés: La vulnérabilité sociale, jeunes, quartier de Safende, Cap-Vert, structure d'opportunité, d'actifs

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

DECRP	Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza
INE	Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde
OMDM	Objectivos e Metas do Desenvolvimento do Milénio
PN	Polícia Nacional
POP	Polícia da Ordem Pública
BAC	Brigada Anti – Crime
BIC	Brigada de Investigação Criminal
PRM	País de Rendimento Médio
OTS	Organizações do Terceiro Sector
ONG	Organização Não Governamental
CEPAL	<i>Comisión Económica para América Latina</i>
UCUDAL	<i>Universidad Dámaso Antonio Larrañaga de Uruguai</i>
IFH	Imobiliária Fundiária e <i>Habitat</i>
EBI	Ensino Básico Integrado
DGEFA	Direcção Geral da Educação e Formação de Adultos
MED	Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde
AZM	Associação Zé Moniz
ASDS	Associação Solidária para o Desenvolvimento de Safende
AJPS	Associação Juvenil Progredir Safende
SB	<i>Safende´s Boys</i>
SB JÚNIOR	<i>Safende´s Boys Junior</i>
UE	União Europeia
EUA	Estados Unidos da América

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	3
Resumo	5
<i>Abstract</i>	6
<i>Résumé</i>	7
Lista de Abreviaturas ou Siglas	8
Índice geral	9
Índice de gráficos	11
Índice de tabelas	12
INTRODUÇÃO	13

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEITO COMPLEXO E MULTIDISCIPLINAR	21
1.1 Vulnerabilidade: uma visão dinâmica da pobreza	23
1.2 Vulnerabilidade e risco	25
1.2.1 Vulnerabilidade e a cadeia do risco	25
1.3 A dinâmica da vulnerabilidade	30
1.4 A dimensão social da vulnerabilidade dos jovens	34
1.4.1 As exigências da sociedade actual	35
1.4.1.1 O consumo	37
1.4.2 A juventude: uma construção social	40
CAPITULO II: VULNERABILIDADE E TERRITÓRIO	43
2.1 Território: quadro estruturante de (in) oportunidade	43
2.2 Entre o centro e a periferia	46
2.2.1 Safende: um dos bairros periféricos da cidade da Praia	48

PARTE II: ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPITULO III: MODELO DE INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA	53
3.1 Contextualização e delimitação do objecto de estudo	53
3.1.1 Objectivos e hipóteses de estudo	53
3.2 <i>Design</i> ou tipo de estudo	54

3.3 Sujeito da pesquisa	55
3.4 Contexto de pesquisa	56
3.5 Estratégia metodológica	57
3.5.1 Técnicas de recolha de informação	58
3.6 Procedimento	63
CAPITULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	65
4.1 Os (In) activos dos jovens de Safende	65
4.2 O bairro Safende no olhar dos jovens actores.	72
4.2.1 Percepção da vivência no bairro Safende	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	90
ANEXOS:	96
Anexo I: Caracterização global do contexto de pesquisa	97
1.1 Contexto macro: Cabo Verde	97
1.2 Contexto micro: Bairro Safende	104
1.2.1 Origem e localização geográfica	104
1.2.1.1 Via de acesso/ comunicação inter – bairros	105
1.2.2 Aspectos demográficos	107
1.2.3 Recursos do bairro	109
1.2.3.1 Acessibilidade aos equipamentos colectivos	109
1.2.3.2 Grupos associativos	114
1.2.3.3 Serviço de apoio ao bairro Safende	117
Anexo II: Pedido de autorização	120
Anexo III: Guião de entrevista aos jovens do bairro Safende	121
Anexo IV: Guião de entrevista à Gestora da Escola do E. B.I. de Safende	123
Anexo V: Guião de entrevista à Coordenadora da “Casa do Direito” Safende	125
Anexo VI: Guião de entrevista ao Director do “Espaço Aberto” Safende	126
Anexo VII: Guião de entrevista a um dos Líderes Comunitários de Safende	127
Anexo VIII: Eixo de análise I: “(in) activos dos jovens do bairro Safende”	129
Anexo IX: Eixo de análise II: “percepção da vivência no bairro Safende”	134

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos jovens entrevistados por idade	65
Gráfico2: Distribuição da amostra dos jovens entrevistados segundo habilitações literárias	66
Gráfico 3: Situação actual no ensino	67
Gráfico 4: Participação dos jovens nos grupos do bairro	71

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Perfil dos jovens entrevistados	56
Tabela 2: Distribuição dos jovens entrevistados segundo a formação realizada	68
Tabela 3: Caracterização das experiências profissionais e da situação laboral dos jovens entrevistados	69

INTRODUÇÃO

1.1 Contexto e relevância da investigação

O mundo contemporâneo tem-se deparado com várias transformações a diversos níveis: sociais, económicos, tecnológicos, ideológicos, religiosos, valorativos, inter-relacionais que se configuram em desafios permanentes para os seus actores e Cabo Verde não se encontra imune a estas transformações, o que tem provocado consequências não só positivas como negativas.

A crescente globalização da economia mundial tem sido encarada como uma oportunidade de acesso a novos mercados, possibilidade da transferência de tecnologias e meios para aumentar a produtividade. Mas também é de realçar que para os pequenos países como Cabo Verde, que precisa importar cerca de 80% a 90% do seu consumo (cf. os dados do Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza - *DECRP - 2004*), a globalização também pode significar perdas de oportunidade, sobretudo quando a situação internacional é menos favorável, com sucessivas crises. Por outro lado, pode representar uma ameaça devido à crescente inflação sobre os produtos.

Essas mudanças, presentes desde a independência, têm originado em Cabo Verde novos modos de vida, têm criado novas necessidades, têm alterado valores e estruturas das relações sociais, familiares e interpessoais. Para além disso, confronta-se ainda com outros problemas de carácter estrutural e circunstancial que acabam igualmente por ser causas precipitantes de muitas problemáticas como sejam a pobreza, o desemprego, a migração, que constituem não só ameaças mas também obstáculos ao próprio desenvolvimento, nomeadamente nos principais centros urbanos expostos a um ambiente de vulnerabilidade social.

No âmbito das transformações demográficas, Cabo Verde caracteriza-se, de acordo com o censo 2000, pela extrema juventude da sua população (62% com menos de 25 anos em 2000)². Segundo Martins (2010) ao nível demográfico o país registou um

² Actualmente com base numa abordagem diferenciada (Nova Abordagem do Instituto Nacional de Estatística –INE - utilizada nos cálculos do censo 2010), nota-se que 54,4% da população tem menos de 25 anos; 31,6% tem menos de 15 anos; e 6,4% tem 65 anos ou mais.

crescimento muito intenso nas últimas décadas, com uma população que cresceu de 200.000 habitantes em 1964 para 500.000 em 2005 (cf. os dados do Instituto Nacional de Estatística – INE- sobre a população). Paralelamente, num país com uma forte tradição rural, hoje 60% da população reside em núcleos urbanos. Estes factores demográficos têm inevitavelmente como resultado uma forte pressão juvenil no espaço socioeconómico e cultural do país, com especial expressão nos seus principais centros urbanos, como é o caso da cidade da Praia (capital do país).

A cidade da Praia (e seus arredores) constitui-se como um dos concelhos mais atractivos de Cabo Verde para onde se dirigem os fluxos migratórios dos outros concelhos, em especial do interior de Santiago e das outras ilhas. Esta atractividade advém das instituições que alberga, como por exemplo, escolas, universidades, hospitais centrais, empresas, serviços e órgãos de soberania, centros comerciais, etc. Conclui-se, então, que as razões que estão por detrás da procura por esta cidade prendem-se com o sonho da qualidade de vida, ou seja, o saber/a instrução e o mercado de trabalho.

Geralmente os bairros privilegiados para a habitação dessas pessoas são os das periferias da cidade da Praia, pelas características e condições que reúnem, tais como níveis de vida mais baixos, fraca fiscalização das construções de alojamentos clandestinas, conveniências pessoais, etc. Como exemplo desse cenário, encontramos o bairro Safende (um dos bairros periféricos da cidade da Praia), com 43 % da população oriunda do interior de Santiago, de acordo com os dados do censo 2000 do INE de Cabo Verde.

Para além do aspecto demográfico, as questões ligadas à juventude têm-se evidenciado em vários domínios da agenda do país, nomeadamente, político, económico, simbólico, etc. Esta evidência, na sua maioria, deve-se:

- Às acções colectivas dos jovens no âmbito desportivo, comunitário, cultural ou ligada à violência urbana;
- Pelo simples facto de estarem nas ruas e/ou nos bairros, nas praças demonstrando o alto grau de ociosidade pelo qual a maioria envereda;
- Ou também pela pressão que exercem no sector educativo e económico (mercado de trabalho) e pela fraca capacidade de respostas das entidades públicas face ao aumento considerável da população, principalmente a população juvenil.

Pelos motivos supracitados, esta franja da população é alvo de investimentos e preocupações da sociedade civil, das entidades públicas e privadas, o que nos leva a pensar que a juventude em Cabo Verde representa a esperança do futuro. Ao mesmo tempo, nos últimos anos tem-se caracterizado em grupos que geram pânico e insatisfação pelos comportamentos desadaptados, alvo de críticas pela população em geral (Martins, 2010), de reflexão e elaboração de planos de acção do Governo a fim de reforçar o exercício da cidadania e a autoridade do próprio Estado.

Acrescenta-se, ainda, a preocupação da disseminação e o controlo insuficiente do consumo e tráfico de drogas, dadas as consequências que trazem para a segurança interna, a estabilidade social, a saúde dos jovens, o equilíbrio do país e a boa imagem no sentido de fortalecer a credibilidade dos financiadores externos.

De acordo com a comunicação intitulada: *Por que razões os jovens se mobilizam... ou não? Jovens e violência em Bissau e na Praia*, realizada por Sílvia Roque e Kátia Cardoso³, constata-se que as políticas e medidas dirigidas aos jovens em Cabo Verde baseiam-se na invisibilidade, pois as prioridades são as estratégias repressivas tanto a nível de leis como também, a nível de acções no terreno junto aos policiais e entidades competentes. Nas quais incidem, acima de tudo, sobre acções para reforçar os recursos humanos e meios materiais, bem como a coordenação das diversas entidades e serviços responsáveis no combate ao crime⁴.

Este movimento crescente no combate ao risco social, principalmente da população juvenil, justifica-se, em parte, pelo empenho do actual governo em atingir o mais rápido possível os Objectivos e Metas do Desenvolvimento do Milénio (OMDM) propostos pelas Nações Unidas, e ainda pelo desafio da construção do novo paradigma de desenvolvimento que surge no âmbito da classificação pelo referido organismo

³ Investigadoras do Núcleo de Estudos para a Paz, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra.

⁴ Como é afirmado no artigo “ Semântica da violência juvenil e repressão policial em Cabo Verde” de Bordonaro, L. (2010, p.181) *o governo cabo-verdiano, respondendo às acusações de incompetência dos partidos de oposição e da imprensa, adoptou uma política fortemente repressiva da criminalidade juvenil, literalmente assediando às redes públicas e às zonas periféricas e/ou de risco em ambas as cidades principais [Praia e Mindelo]. Em 2005, a antiga Policia da ordem Pública (POP) foi reestruturada e baptizada Policia Nacional (PN), enquanto a policia Judiciaria aumentou consideravelmente o número dos seus efectivos. 2006, em particular, foi um ano de grandes mudanças no sector de segurança interna (...). As forças policiais foram ulteriormente aumentadas e reorganizadas; foram assinados acordos de cooperação e parcerias com polícias europeias. Também foram reforçados piquetes, equipas especiais que circulam e patrulham as áreas urbanas dia e noite, com o objectivo de assegurar a ordem e a segurança. Até a policia militar foi chamada para intervir na cidade da Praia duas vezes, enquanto duas novas equipas especiais foram criadas dentro da Policia Nacional: a Brigada Anti-Crime (BAC) e a Brigada de Investigação Criminal (BIC).*

(Nações Unidas) como País de Rendimento Médio (PRM)⁵. Os critérios são bem específicos, a saber: o rendimento *per capita*, o índice do desenvolvimento humano e o índice de vulnerabilidade económica (o único que ainda não se cumpriu).

1.1.1 “Factos portadores de futuro⁶”

Questões ligadas à juventude como estímulo à participação cívica e à promoção da integração social e económica, na presente legislatura do Governo⁷, afiguram-se como uma das prioridades. Esta escolha enquadra-se na premissa do Governo, de que o futuro de Cabo Verde depende, em muito, de como se processará a integração das novas gerações na sociedade cabo-verdiana.

A centralidade da juventude é observada na Moção de Confiança do Governo, como uma aposta numa juventude dinâmica, capacitada e com ambições. A proposta do Governo, nesse documento, é de propiciar condições para que os jovens possam realizar as suas legítimas aspirações, designadamente através de políticas activas de qualificação e emprego e nos domínios do empreendedorismo jovem, da habitação, das tecnologias de informação e comunicação, do turismo, da educação e da saúde.

Neste cenário, compreender as especificidades da juventude pode constituir-se numa oportunidade para averiguar, no bairro Safende, ecos, e algumas respostas às questões como por exemplo: (1) Que tipo de oportunidades existem no bairro para os jovens? (2) Como essas oportunidades são avaliadas por eles? (3) Quais são as formas de apropriação das oportunidades? (4) Quais são os factores inerentes aos jovens que os impedem de usufruir das oportunidades existentes? (5) Se as oportunidades existem e não são identificadas pelos jovens, quais são os motivos subjacentes a essa não identificação?

⁵ A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas aprovou, em 2004, uma resolução que determina que a partir de 1 de Janeiro de 2008, Cabo Verde passaria à categoria de Países de Rendimento Médio (PRM). cf. Informação recuperada em Agosto, 2010, de <http://www.governo.cv>.

⁶ *Factores de mudança, quase imperceptíveis hoje, mas que constituirão as tendências pesadas de amanhã. Com efeito, uma variável em germe não é outra coisa senão o que P. Massé qualificava de “facto portador de futuro”*: O sinal ínfimo pelas suas dimensões presentes, mas imenso pelas suas consequências virtuais” Godet, M. (1993). *Manual de prospectiva estratégica. Da antecipação à acção*. Lisboa: D. Quixote, p.69).

⁷ Refere a VII Legislatura, no entanto, recentemente, em Cabo Verde (Fevereiro de 2011), realizaram-se eleições legislativas. Os cabo-verdianos e as cabo-verdianas foram às urnas e elegeram o mesmo partido que esteve no poder os dois mandatos anteriores, por isso as linhas orientadoras do Governo, apesar de alguns ajustes e mudanças a nível de remodelação ministerial e não só, mantêm-se.

Um outro aspecto relevante do estudo em foco diz respeito a uma contribuição específica que poderá direccionar acções numa vasta gama de intervenções no domínio da protecção social, no qual as Organizações do Terceiro Sector (OTS) têm vindo a desenvolver um trabalho de extrema importância, quando não dominante, principalmente pela abrangência de suas actividades.

Pelo exposto, verifica-se que este estudo se afigura numa finalidade aplicada ao contexto de enquadramento profissional, ao procurar reflectir sobre as dinâmicas de vulnerabilidade dos jovens e, conseqüentemente, sobre os factores que condicionam o espírito, a atitude e a capacidade de empreender desses jovens.

1.2 Aspectos inovadores da pesquisa

A inovação reflecte “*a busca, descoberta, imitação, desenvolvimento e adopção de novos produtos, novos processos de produção e novas formas de organização*” (Dosi, 1988, p.222). Ela começa com a combinação de ideias provenientes de diversas fontes (Murray, Grice & Mulgan, 2010) e “*combina factores de uma nova forma*” (Schumpeter, 1939 como citado em Sakar, 2007, p.111). O conhecimento e a capacidade para criar, aceder e usá-lo eficazmente, como refere Sakar (2007), é um instrumento importante da inovação e um dos motores fundamentais do desenvolvimento económico e social. O estudo em tela busca, através de “*rearranjos sociais alternativos*”, produzir conhecimento que possa contribuir para a satisfação de necessidades dos jovens do bairro Safende através de práticas e estratégias que atendam à transformação de quadros de acção.

As visíveis interconexões, a vários níveis, no contexto social cabo-verdiano, reforçam a multidimensionalidade no processo de análise, como sugere Sen (1999). Esta observação incorpora não só variáveis quantitativas mas também as qualitativas, portanto interessa-se por aquilo a que as pessoas têm acesso (como bens e serviços, tipo de mercado) e como se apropriam dessas oportunidades. Assim, para a compreensão e análise da problemática da vulnerabilidade, reflectida ou não em diversos comportamentos à luz de certos contextos, torna-se oportuno efectivar uma abordagem holística e complexa dos vários aspectos relativos aos jovens em contextos urbanos. O estudo da dinâmica da vulnerabilidade dos jovens em contexto cabo-verdiano é relevante não só para a área do conhecimento na qual se insere, mas também para a

sociedade cabo-verdiana no modo mais amplo. Daí a relevância de um conhecimento mais aprofundado das especificidades dos jovens cabo – verdianos, a partir de dinâmicas locais, como é o caso do bairro Safende.

Conceptualmente a vulnerabilidade é entendida, neste estudo, como uma configuração particular negativa, resultante da intersecção das estruturas de oportunidade e dos activos dos indivíduos (Filgueira, 2001, p.10). Articular as componentes objectivas e subjectivas, no sentido do que existe e como é percebido, tem a vantagem adicional de ser aplicável a qualquer segmento da sociedade e não apenas aos vulneráveis. A nível subjectivo permite prestar atenção em simultâneo ao *portfólio* de recursos individuais e à estrutura de oportunidades a que estão expostos e a como se dá o processo de apropriação. A análise objectiva permite o rastreamento de mudanças nessas estruturas.

Nas outras abordagens a vulnerabilidade social cristaliza-se em situações que caracterizam certas categorias sociais que compartilham a mesma condição (ou seja, a fragilidade). A abordagem activa enfatiza, por sua vez, o carácter dinâmico, dado pelos processos de construção ou destruição de vulnerabilidades, como por exemplo as estruturas de oportunidade disponíveis e os activos das pessoas. Neste quadro conceitual da vulnerabilidade considera-se que as pessoas não são, em si, vulneráveis, mas podem estar vulneráveis a algumas situações e não a outras, sob determinadas condições, em diferentes momentos de suas vidas. Nessa direcção, esta pesquisa procurou responder à questão: “*Em que medida os jovens de Safende percebem a vivência neste bairro como potencializadora da dinâmica da vulnerabilidade?*”.

O estudo que ora se propõe afirma-se como uma contribuição à nova vaga de pesquisas⁸ que buscam documentar e (re) discutir a vulnerabilidade juvenil no contexto

⁸ A investigação sobre juventude em Cabo Verde tem sido desenvolvida a vários níveis. Como exemplo, pode-se frisar o trabalho de José Carlos Gomes dos Anjos (2005) sobre “A sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição dos jovens urbanos pobres”. Esta pesquisa teve como objectivo principal documentar os modos de socialização e os tipos de comportamento segundo o sexo e a saúde reprodutiva de adolescentes na África. Num quadro de análise holística, que toma como foco os factores culturais de exacerbação dos riscos, utilizou-se uma pesquisa de perfil qualitativo centrado nas representações de adolescentes do sexo masculino em situação de maior vulnerabilidade. cf. Anjos, José C. G. dos. (Janeiro - Abril/2005). *A sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição dos jovens urbanos pobres*. Estudos Feministas, Florianópolis, 13 (1): 216.

É de realçar que também foi realizado, mais recentemente (em 2009), um estudo intitulado “*Trajectórias de disseminação e contenção da violência: um estudo comparativo entre Bissau e Praia*”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, coordenado por José Manuel Pureza, do Núcleo de Estudos para a Paz do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. O estudo de caso sobre a cidade da Praia foi conduzido por Kátia Cardoso do referido Núcleo.

social cabo-verdiano. Para este efeito traz uma componente da inovação, no sentido em que não duplica o que já existe, mas articula aspectos objectivos e subjectivos da vulnerabilidade em termos conceptuais, com o intuito de trazer a voz e a versão dos jovens.

Nesta pesquisa assumiu - se uma abordagem *bottom-up* na compreensão da vulnerabilidade em que os jovens são solicitados a dar vez e voz às suas percepções, experiências sobre aspectos ameaçadores da sua mobilização social e produtores da sua vulnerabilidade. Esta forma de conhecimento fornece orientações directas de políticas, selecção e disposição dos instrumentos de gestão adequados à situação, na medida em que difere da percepção do governo (distante) ou de uma percepção (ainda mais distante) dos organismos internacionais, financiadores potenciais dos programas e projectos sociais. Este interesse pelo individual traduz-se na valorização do *feed-back* subjectivo a par da escala essencialmente quantitativa.

Para tal, priorizou-se como modelo de enfoque dominante a pesquisa qualitativa que assume com “*particular relevância no estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida*” (Flick, 2009, p.21). Como técnica privilegiada, a entrevista semi-estruturada realizada na língua materna dos entrevistados (o crioulo), para além de facilitar a comunicação dos jovens, propiciou a apreciação das particularidades e a essência de cada resposta dos jovens no seu espaço de pertença. De uma forma complementar fez-se entrevistas ao líder comunitário e aos agentes privilegiados responsáveis pela gestão dos equipamentos colectivos com vista à identificação e caracterização dos recursos do bairro.

O estudo está estruturado, para além da introdução que contextualiza e apresenta o tema investigado, em duas partes distintas:

A) A parte I, destinada ao enquadramento teórico que se divide nos capítulos seguintes:

Capítulo I

Faz uma reflexão em torno do quadro conceptual da vulnerabilidade e de algumas terminologias que lhe estão associadas, nas quais se desenrolam os seus processos. É aqui feita uma viagem pelas principais contribuições dos autores diferenciando a vulnerabilidade da pobreza, do risco e da cadeia do risco até chegar à discussão da sua dinâmica, ao relacionar as estruturas de oportunidade e os activos dos indivíduos. A última parte deste capítulo debruça-se sobre a dimensão social da vulnerabilidade dos

jovens na qual, para além da reflexão sobre algumas das exigências da sociedade actual impostas à juventude, evidencia alguns aspectos que sustentam a abordagem da sua construção social.

Capítulo II

Apresenta-se aqui o debate a nível das terminologias, espaços e territórios, no qual são evidenciadas as relações interpessoais como marco nessa diferenciação. Discutem-se algumas formas assumidas na relação com o espaço social, onde se torna evidente a dicotomia centro e periferia nas suas dimensões geográficas e sociais. Nessa lógica procede-se à discussão da realidade do bairro Safende a nível dos recursos que possui e aqueles que lhe são ausentes.

A segunda parte do trabalho corresponde ao estudo empírico, subdividido nos dois capítulos seguintes:

Capítulo III

Reserva-se ao enquadramento metodológico onde se descreve e se fundamenta todo o trajecto metodológico, em busca dos objectivos definidos para esse estudo.

Capítulo IV

Refere-se à análise e interpretação dos dados. Nesta secção são reveladas as entrevistas aos jovens, interpretadas a partir da técnica de análise de conteúdo, à luz de algumas teorias.

Finalmente, as considerações finais, nas quais são apresentados os argumentos finais sobre a dinâmica da vulnerabilidade dos jovens do bairro Safende, as contribuições do estudo em tela para a intervenção social e as limitações que podem, de alguma forma, ser inspiração para estudos posteriores.

CAPÍTULO I

Vulnerabilidade: um conceito complexo e multidisciplinar

A vulnerabilidade, termo bastante utilizado actualmente, abarca um campo complexo e multidisciplinar incluindo desenvolvimento, pobreza, segurança alimentar, saúde pública, gestão de riscos, calamidades, etc. Este fenómeno ocupa vários sistemas como instituições, cidades, população, grupos demográficos específicos, géneros, grupos étnicos e lugares, vários campos da acção humana com características diferentes entre si. A diversidade desse estudo justifica-se por uma tendência em focar as diferentes componentes do risco, das respostas ao risco, e do resultado no bem – estar do indivíduo.

Com o passar dos anos, nota-se que o significado da vulnerabilidade se expandiu consideravelmente, implicando uma variedade de elementos e situações de "segurança de subsistência"⁹, incluindo exposição a riscos, perigos, choques e *stress*, dificuldade em lidar com as contingências, e aspectos ligados à rede de activos. Com esta expansão tornou-se possível observar que existem outros factores que interferem e, muitas vezes, determinam a atitude e a conduta das pessoas, ampliando ou diminuindo as situações de risco. De entre esses factores estão: o acesso ou não à educação, aos serviços, aos programas de saúde, ao pleno emprego, à participação social e às condições de vida digna.

As diferentes abordagens da vulnerabilidade, apesar de complementares e necessárias, denotam vários debates em torno de possíveis formas de caracterização da mesma, tanto na teoria como na prática. De uma forma geral, observa-se que esta terminologia está associada à ideia de susceptibilidade a danos e prejuízo como argumentam Eakin and Luers (2006 como citado em Sousa, 2008).

Partindo de pressupostos genéricos, Vignolli (2000, p.95) esclarece-nos que a vulnerabilidade reflecte o “*resultado da confluência da exposição aos riscos, da incapacidade de resposta e da inabilidade de adaptação*”. O mesmo reforça que a

⁹ Equivalente às expressões *Sustainable livelihood* utilizadas pelos autores Alwang, Siegel and Jorgensen (2001)

vulnerabilidade é tanto uma condição dos actores face aos diversos eventos (ambientais, económicos, fisiológicos, psicológicos, legais e sociais), como um enfoque para o exame de diferentes tipos de risco e de respostas, ou opções de assistência, existentes diante da sua efectivação.

Assim, é inviável separar a compreensão da vulnerabilidade individual da vulnerabilidade social, visto que as relações inter-individuais existem naturalmente no colectivo. A vulnerabilidade social é também produto de desigualdade social, lugares inadequados/desiguais, estrutura social e económica, políticas sociais e do ambiente, embora, tendencialmente a sua análise se centre nas características individuais ou pessoais como as questões da idade, raça, saúde, emprego, etc (Cutter, Boruff & Shirley, 2003 como citado em Sousa, 2008).

Autores como Alwang, Siegel and Jorgensen (2001) apontam como princípios gerais relacionados com o conceito de vulnerabilidade os que a seguir se destacam:

- A probabilidade do indivíduo experienciar uma perda no futuro com alguma referência ao bem-estar, causada por eventos incertos;
- A correlação entre as características do risco e a capacidade de resposta do indivíduo determina o grau de vulnerabilidade;
- A dependência do horizonte temporal (o indivíduo pode estar vulnerável ao risco ao longo do próximo mês ou ano ou seja, as respostas acontecem com o tempo);
- O acesso limitado aos activos¹⁰ e a capacidade de resposta explicam, de uma forma geral, a relação entre a vulnerabilidade e a pobreza.

Observa-se então que, grosso modo, os conceitos ligados à vulnerabilidade direccionam-se para:

- Susceptibilidade, que é a probabilidade que o indivíduo tem de experienciar perda de bem-estar no futuro em relação a um dado evento, em função dos riscos enfrentados aos activos e a sua história de resposta.

¹⁰ As abordagens baseadas em activos não são específicas para a literatura económica, mas sim de natureza multidisciplinar, apesar de ser uma terminologia baseada nos princípios económicos. No dicionário da Porto Editora da Língua Portuguesa (2010) o termo activo é definido como conjunto de valores patrimoniais positivos de uma empresa ou pessoa (dinheiro, imóveis, máquinas, créditos, etc.). Já na literatura sociológica e antropológica, como nos dizem Alwang, J. et al. (2001), nos finais dos anos 80 essa terminologia passou a incluir capital social e novas formas de activos intangíveis.

- Resiliência, que é entendida como habilidade do indivíduo para resistir à pressão e recuperar do choque. Depende, entre outras coisas, da efectividade da resposta ao risco e da capacidade para responder no futuro.
- Sensibilidade, que é a extensão na qual a base dos activos do indivíduo tende a diminuir após a resposta ao risco (Alwang *et al.*, 2001).

Do exposto conclui-se que um dos possíveis consensos encontrados nos diferentes campos das Ciências Sociais é a multidimensionalidade que acompanha os estudos ou caracterizações do conceito de vulnerabilidade.

1.1 Vulnerabilidade: uma visão dinâmica da pobreza

Um dos principais incentivos ao desenvolvimento dos enfoques da vulnerabilidade social é a preocupação em entender a dinâmica das condições da pobreza (carência de rendimento e de consumo), na medida em que o conceito de vulnerabilidade abarca uma visão integral das condições de vida dos pobres ao debruçar-se sobre questões como insegurança, incerteza e exposição a riscos provocados por eventos socioeconómicos ou o não - acesso às estruturas de oportunidade. Ao mesmo tempo considera a disponibilidade de recursos e as estratégias que os indivíduos (pobres) utilizam para enfrentar as dificuldades que os afectam (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima, & Martinelli, 2002).

Na literatura económica, os autores apropriam-se da terminologia vulnerabilidade como um resultado de um processo de resposta ao risco dado, pelo indivíduo, a um conjunto de situações básicas. Classificam o indivíduo vulnerável como aquele que passou ou está propenso ao estado de pobreza ou miséria como consequência de um processo acumulativo de risco e resposta. Portanto, o conceito de vulnerabilidade está associado à probabilidade de “cair” abaixo do nível de referência de consumo no período corrente e a perda ou degradação dos activos¹¹ tangíveis ou intangíveis (Alwang *et al.*, 2001).

Assim, o conceito de vulnerabilidade envolve a qualidade preditiva, que se traduz numa forma de avaliar uma população em condição de identificação de risco ou perigo particular. Dito por outras palavras, a vulnerabilidade identifica a fragilidade do vínculo

¹¹ Os activos tangíveis incluem a terra, o trabalho, o capital, a poupança (recursos físicos e financeiros). Os activos intangíveis incluem as relações sociais, institucionais e políticas.

social antes de sua ruptura. Este cenário permite: examinar com eficácia os recursos disponíveis aos pobres (com os quais podem contar) e a forma como eles se apropriam desses recursos, identificar as linhas de actuação das políticas implementadas para a promoção de um papel activo dessas pessoas (Moser, 1998).

Assiste-se então que, embora haja uma relação entre a vulnerabilidade e a pobreza, estas não são sinónimas como defende Kaztman (2005)¹², na medida em que nem todos os vulneráveis são pobres, apesar de, geralmente, os pobres serem os mais vulneráveis.

Por seu turno, Moser (1998) reforça que a pobreza é um conceito estático cuja escala é fixa no tempo, ao contrário do conceito de vulnerabilidade que é dinâmico, um processo evolutivo criado por condições acumulativas, que melhor espelha a entrada e a saída da pobreza. O autor reconhece que a compreensão da vulnerabilidade inclui aspectos tais como segurança nos “ meios de vida” que ultrapassam a típica discussão económica da pobreza, ou seja, o rendimento do indivíduo e o consumo adequado.

A vulnerabilidade é definida como a “*insegurança e sensibilidade no bem-estar dos indivíduos, famílias ou da comunidade face à mudança ambiental*” (Moser, 1998, p.2). Esta mudança ambiental (ecológica, económica, social e política) ameaça o bem-estar e assume formas de choques súbitos, tendências a longo prazo ou ciclos sazonais, que, muitas vezes, vêm aumentar o risco, a incerteza, e declina o auto-respeito. Em outras palavras, a análise da vulnerabilidade incluirá a ameaça propriamente dita e a resiliência¹³ do indivíduo.

Corroborando com a ideia precedente, Alwang *et al.* (2001) defendem que muitas teorias sociológicas esforçam-se por entender a vulnerabilidade encontrando as raízes da insatisfação através das escalas comuns cujo foco aponta para o rendimento e o consumo. Esta abordagem é argumentada como resultado das políticas inadequadas e programas equivocados. Eles reforçam ainda que o foco nas escalas múltiplas e no esforço da participação é implícito, porque a vulnerabilidade é concebida como um estado em processo, composto por muitas componentes/escalas e uma análise voltada

¹² “*Vulnerabilidad no es exactamente lo mismo que pobreza se bien la incluye. Esta última hace referencia a una situación de carência efectiva y actual mientras que la vulnerabilidad trasciende esta condición proyectando a futuro la posibilidad de padeceria a partir de ciertas debilidades, que se constatan em el presente*”. (Kaztman, 2005, p. 04, como citado em Silva, 2007). cf. Silva, A. (2007, Setembro). *Juventudes contemporâneas entre o urbano e o rural: aproximações e diferenças*. Recuperado em 14 de Dezembro, 2009, de <http://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/artigo/artigo16.pdf>.

¹³ Definida neste estudo como a habilidade de explorar oportunidade, resistir e recuperar de choques negativos.

apenas para uma componente, a capacidade para responder ao risco, não reflecte adequadamente a verdadeira vulnerabilidade.

Outro ponto a considerar é o de Castel (1998, p.569) que realça a diferença entre o conceito de vulnerabilidade e o de exclusão, na medida em que “ *os excluídos são, na maioria das vezes vulneráveis que estavam “por um fio” e que caíram*”. Dito de outra forma, a ausência de participação em qualquer actividade produtiva e o isolamento relacional conjugam os seus efeitos negativos para produzir a exclusão e evidencia a existência de uma desestabilização dos estáveis. Portanto, a vulnerabilidade social é entendida como uma “*zona intermediária, instável que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade* (Castel 1998, p. 24) ”.

1.2 Vulnerabilidade e risco

A compreensão do significado da vulnerabilidade parte da noção de risco¹⁴, uma vez que se articulam melhor as condições que favorecem a susceptibilidade dos indivíduos a determinada perda. Enquanto com a noção do risco se busca ponderar a “probabilidade da ocorrência” dessa perda a um grupo com certas características, com a noção da vulnerabilidade procura-se “julgar a susceptibilidade” dos grupos a um evento, como reforça Ayres (2002).

As fontes do risco enfrentado por indivíduos, famílias, comunidades ou nações podem ser naturais (terramotos, inundações) ou resultado da actividade humana (a inflação decorrente da política económica, degradação ambiental, a guerra, etc.) (Heitzmann, Canagarajah, & Siegel, 2002).

Os riscos podem ser não - correlacionados (idiosincráticos¹⁵) ou correlacionados em relação aos indivíduos (co-variante), ao tempo (repetição ao longo do tempo) ou aos outros riscos (concentração). Podem ainda ser de baixa frequência com efeitos graves no bem – estar (catastrófico) e de alta frequência, porém, com efeitos bem baixos (não catastrófico). As principais fontes de risco e o grau de co-variância podem variar de eventos puramente idiosincráticos (nível micro ou nos indivíduos específicos) aos

¹⁴ Na literatura alguns autores estabelecem a distinção entre risco e incerteza, outros argumentam que eles estão interligados. Neste estudo assume-se esta inter-ligação.

¹⁵ Como classifica Holzmann (2001, p.6) riscos idiosincráticos incluem doenças, viuvez ou desestruturação familiar.

regionalmente co-variantes (nível meso), e co-variante nacional (nível macro) (Holzmann, 2001, p.6).

Os riscos que não podem ser evitados, se efectivarem podem provocar impactos negativos a nível individual, familiar, comunitário e /ou regional de formas imprevisíveis. Esses impactos dependem essencialmente da conjunção de características como magnitude (tamanho e amplitude), frequência, duração e história desses eventos incertos (Heitzmann *et al.*, 2002).

As características do risco e das respostas ao risco ajudam a determinar o resultado, pois o indivíduo pode ser capaz de atenuar ou fazer face a um risco ou conjunto de riscos em um determinado período, mas o processo pode resultar numa capacidade limitada de gestão dos riscos em períodos subsequentes - especialmente quando os activos estão degradados (Holzmann & Jorgensen, 2000; Alwang *et al.*, 2001).

1.2.1 Vulnerabilidade e a cadeia de risco

Na análise do fenómeno da vulnerabilidade torna-se oportuno identificar os desafios da “cadeia de risco” e os meios eficientes para a sua gestão. Heitzmann *et al.* (2002, p. 4) alegam que este fenómeno pode ser decomposto em três etapas na "cadeia de risco" que a seguir se apresenta com as principais diferenças:

A) Risco e a efectivação do risco: risco, como já foi anteriormente referenciado, é caracterizado por alguma distribuição de probabilidade de eventos incertos nos quais (caso se materializem) podem causar uma perda de bem-estar do indivíduo. Esta perda pode, por exemplo, ser importante o suficiente para “empurrar” o indivíduo não – pobre para um nível abaixo da linha da pobreza, ou os indivíduos pobres ainda mais abaixo da linha da pobreza. No entanto, para esses autores a probabilidade de ficar abaixo de alguns indicadores de bem-estar no futuro não é necessária nem suficiente para a existência da vulnerabilidade, pois a vulnerabilidade está associada somente às perdas de bem-estar que deixam o agregado familiar abaixo de um nível mínimo definido socialmente. Assim, ambas as famílias, pobres e não pobres, podem ser vulneráveis num dado período de tempo.

Muitos reconhecem que uma das características recorrentes da actividade humana é a tentativa de reduzir o grau de incerteza que envolve o futuro. No contexto do

desenvolvimento económico tem sido amplamente reconhecido que tais tentativas podem, por vezes, ter consequências negativas em termos do potencial de crescimento. Esta posição é argumentada pelo Banco Mundial, pois defende que a assunção de risco (quanto mais elevado for) está associada, geralmente, a retornos elevados que são as condições necessárias para o crescimento.

B) Gestão do risco (resposta ao risco): compreende todas as acções implementadas como respostas ao risco, aos impactos e aos resultados adversos gerados. O indivíduo, nas respostas ao risco, usa instrumentos formais e informais. Esta escolha depende do acesso deste aos mesmos instrumentos (Alwang *et al.*, 2001).

Os acordos informais privados (como o casamento, o apoio mútuo, as poupanças em activos reais, etc.) são respostas ao risco que reflectem auto-protecção de indivíduos, famílias ou comunidades. Já os acordos formais privados (tais como bens financeiros ou contratos de seguro) exigem o funcionamento das instituições do mercado (incluindo um banco central, sistema bancário, mercados de valores mobiliários e companhias de seguros) ou outras organizações privadas formais (por exemplo, ONGs, organizações de doadores, organizações internacionais) (Heitzmann *et al.*, 2002).

Entretanto, esses autores referem que os acordos públicos, tais como o seguro/apoio social, são por vezes transmitidos nos casos em que os acordos particulares informais ou formais são disfuncionais ou simplesmente não existem.

Risco envolve acções proactivas (*ex ante*) e reactivas (*ex post*). As respostas proactivas (*ex ante*) ao risco configuram-se em três tipos de estratégias (Heitzmann *et al.* (2002, p. 9): (a) Prevenção ou redução de risco que se traduzem em medidas tomadas para eliminar ou reduzir a ocorrência de eventos de risco; (b) Prevenção ou redução de exposição ao risco: dada a existência de riscos, existem acções para prevenir ou reduzir a exposição a tais riscos, e (c) Mitigação do risco¹⁶: são acções que podem ser realizadas *ex-ante* com o intuito de proporcionar uma compensação no caso de perda provocada pelo risco (por exemplo, contratos sociais, realização de poupança, compra de seguros).

¹⁶ Estes autores diferenciam mitigação *ex ante* e o *coping ex post* do risco. Afirmam que a mitigação *ex ante* pode ser considerada um acordo contratual (formal ou informal) para salvaguardar/compensar em caso de perda. O *coping ex post* (lidar com) inclui acções implementadas pelo indivíduo em resposta a um evento de risco. Uma vez que mitigação de riscos fornece apenas uma compensação parcial da perda, as famílias precisam de lidar com os meios para compensar as perdas restantes.

Já as acções reactivas¹⁷ ao risco envolvem actividades para lidar com as perdas efectivas, nomeadamente: venda de bens; saída da escola; a migração; procura de emprego temporário. A nível das redes de segurança formal, os governos, geralmente, implementam programas no âmbito das obras públicas, fornecem ajuda alimentar, etc. Seja qual for a estratégia implementada na resposta ao risco, uma variedade de diferentes instrumentos está disponível dentro de cada estratégia, e todos têm custos e benefícios privados e efeitos sociais diferenciados, podem aumentar ou diminuir a vulnerabilidade ao longo do tempo.

Diante do exposto, é pertinente, na selecção das respostas, levar em conta as inter-relações e as consequências dos diversos tipos de estratégias e instrumentos de gestão de risco, na medida em que esta selecção pode causar efeitos adversos sobre a situação de vulnerabilidade da pessoa (Heitzmann *et al.*, 2002).

Como é assinalado por Heitzmann *et al.* (2002, p.11), na gestão do risco depara-se com diversos actores¹⁸ cuja diferença reflecte nos níveis de actuação: (a) família (que geralmente faz a gestão do risco a nível micro); (b) comunidades a nível meso; (c) governos a um nível macro. No entanto, vários actores podem gerir os riscos em diferentes níveis, por exemplo, as instituições públicas podem intervir no nível meso (através de seus governos locais) ou no nível macro (através do governo nacional). Entretanto, esta mobilidade exige algum cuidado, pois as acções realizadas por diferentes actores em diferentes níveis de risco e vulnerabilidade afectam os outros níveis ou acções tomadas por outros intervenientes (Holzmann & Jorgensen 2000; Siegel & Alwang, 1999).

Por seu turno, indivíduos e famílias desempenham um papel activo e fundamental quando se trata de gerir riscos. É evidente que, muitas vezes, encontram dificuldades na adopção de práticas eficientes nesta gestão, por isso dependem da intervenção do sector público. Essas restrições estão relacionadas com a inacessibilidade da informação; dos mercados financeiros; seguros insuficientes ou inexistentes; dificuldade cognitiva na

¹⁷ Para Heitzmann *et al.* (2002), regra geral, não existem *a priori* estratégias eficazes que determinam a preferência de umas em relação às outras, na medida em que as acções e instrumentos *ex post* de gestão de risco respondem apenas às perdas relativas ao risco. Por isso, as soluções proactivas são sempre as mais aconselhadas na medida em que permitem aos indivíduos eliminar ou reduzir os riscos, minorar a exposição ao risco e / ou atenuar as perdas associadas a eventos de risco.

¹⁸ Indivíduos e famílias, comunidades, redes sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs), o sector público a nível local, regional e nacional; sector privado, as empresas, os doadores ou organizações internacionais.

avaliação do risco; inabilidade/incapacidade de esforços de alívio informal devido a exclusão das redes sociais (Holzmann & Jorgensen, 1999; 2000).

Os governos podem fornecer muitas opções de suporte para a redução do risco através de leis e regulamentos (por exemplo, as leis contra o trabalho infantil, discriminação), ou através de campanhas de informação e educação (programas de consciencialização).

Uma outra força na gestão dos riscos como argumentada pelos autores Heitzmann *et al.* (2002, p.4) são as acções sociais que podem reduzir o risco ou exposição ao risco e com isso diminuir potencialmente os danos associados ao choque¹⁹. Neste sentido é comum dizer-se que a sorte e o bem-estar de uma família não se determinam apenas pelo seu nível de renda ou pela sua componente monetária. No entanto, a falta de estruturas e medidas alternativas faz com que essas dimensões, que em propriedade são descritivas, sejam transformadas muitas vezes em elementos-chave para pensar as situações dinâmicas de bem-estar.

C) Resultado: combinação do choque e das respostas ao risco. O resultado é a mudança no bem-estar que resulta da efectivação do risco - o choque - e do sucesso ou fracasso dos instrumentos de gestão de risco aplicado. Assim, diz-se que o indivíduo está vulnerável em relação ao risco ou vulnerável ao resultado.

A materialização do risco pode provocar resultados adversos, deixando o indivíduo mais vulnerável que antes na gestão de risco futuro. Entretanto, o resultado positivo ou negativo depende dos activos do indivíduo em relação aos riscos que enfrenta, às características do risco, às respostas do mesmo face a este desafio. Portanto, a redução da vulnerabilidade requer uma melhor compreensão do risco e da sua exposição, do resultado que provavelmente é provocado pelos choques e os meios eficientes na gestão de risco que não são independentes dos activos do indivíduo (Alwang *et al.*, 2001, p.2).

Neste sentido, a vulnerabilidade depende da existência (ou ausência) do mercado de activos, uma vez que estes são de uso limitado e podem não ser eficientemente mobilizados na gestão do risco. (Heitzmann *et al.*, 2002, p.4). Dada a diferente distribuição e apropriação de activos entre indivíduos um mesmo acontecimento pode ter efeitos diversos entre os mesmos. Da mesma forma, em indivíduos com activos

¹⁹ Entendido como evento de risco que pode causar impactos negativos significativos para o indivíduo, família, comunidade, Nação.

semelhantes, mas diferentes respostas aos riscos podem ocorrer resultados diferentes. Portanto, as opções de gestão do risco, recursos e acções dependem em grande parte dos activos do indivíduo (Alwang *et al.*, 2001, p.17).

1.3 A dinâmica da vulnerabilidade social

Nesta secção interessa-nos reflectir sobre o conceito particular da vulnerabilidade social, tomada de Kaztman e Filgueira (1999), que a formularam tendo como quadro de referência a "*asset vulnerability approach*"²⁰. Assim, estes autores entendem a vulnerabilidade como "*una relación entre dos términos: por una parte la "estructura de oportunidades" y, por la otra, las "capacidades de los hogares" De las diferentes combinaciones entre ambos términos se derivan tipos y grados de vulnerabilidade que pueden ser imaginados como um cociente entre ambos términos*".

A primeira componente de "vulnerabilidade social" como argumenta Filgueira (2001) refere-se à posse de controlo, ou à mobilização de recursos materiais e simbólicos que permitem ao indivíduo desenvolver-se na sociedade. O capital financeiro, capital humano, a experiência de trabalho, escolaridade, composição e atributos da família, capital social, participação em redes e o capital físico são atributos que ilustram alguns desses recursos²¹.

Os activos são considerados por Kaztman e Filgueira (1999) um subconjunto dos recursos nos quais a mobilização permite às pessoas a utilização/aproveitamento de estruturas de oportunidade existentes no momento, seja para elevar o nível de bem-estar (promoção) ou para mantê-lo face a situações que o ameaçam (adaptação). Por outras

²⁰ Abordagem apresentada por Caroline Moser (1998) na qual estuda os pobres e examina especialmente a natureza dos recursos que estes mobilizam para reduzir a sua vulnerabilidade a situações de risco. No entanto, posteriormente esta abordagem sofreu alguns ajustes por parte de autores como R. Kaztman e colaboradores (1999) por alegarem que a análise geral da produção e reprodução de activos não poderá ser feita apenas com ênfase na lógica e estratégias do indivíduo ou famílias. Complementam ainda, que esta análise só ganha sentido quando enquadrada nas estruturas de oportunidade que estes tem acesso. Constata-se, cf. Filgueira (2001), que para além do trabalho de C. Moser e J. Holland sobre "*Asset Vulnerability Framework*" no quadro institucional do Banco Mundial, é de realçar que a pesquisa sobre a vulnerabilidade tem suscitado trabalhos recentes a um grande número de investigadores em instituições diferenciadas, como por exemplo os estudos sobre *Estructura de Oportunidades –Activos-Vulnerabilidad* desenvolvido por R. Kaztman, C. Filgueira, C. Zaffaroni, F. Filgueira, e outros autores de Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), do PNUD, Montevideu, e da Universidade Dámaso Antonio Larrañaga de Uruguai (UCUDAL). Os trabalhos de M. González de La Rocha, L. Golderg, G. Kessler, L. Beccaria como também os trabalhos de B. Roberts e dos grupos de estudos da Universidade de Austin-Texas.

²¹ Considerados os activos tangível ou intangível de um indivíduo.

palavras o termo “activo” é encarado como *recursos dos lugares e dos indivíduos que os permitem alcançar os níveis de bem - estar próprios da sociedade moderna* (Kaztman & Filgueira, 1999, p.19). Portanto, os recursos dos indivíduos não podem ser considerados separadamente das estruturas de oportunidade a que estes têm acesso. De facto, argumentam que os recursos se tornam em activos, pois permitem o uso das oportunidades oferecidas por meio do Estado, do Mercado ou da Sociedade. Podemos ressaltar que existem estruturas de oportunidades que são inteiramente independentes da acção individual e outras que não são.

Um outro aspecto considerado por Kaztman e Filgueira (1999) como uma particularidade dos recursos é a capacidade dos indivíduos. Essa denominação justifica-se pelo facto de em determinadas circunstâncias funcionar como condição necessária para uma mobilização eficaz e eficiente de outros recursos. Geralmente é denominada como capital²² humano, ou seja, conhecimentos, habilidades, aptidões e energia física, assim como orientações relacionadas à disciplina, associação entre esforço e desempenho, e a vontade de adiar a gratificação imediata a favor de investimentos que melhoram possibilidades de um maior e mais estável futuro bem-estar.

Na abordagem sobre “*asset vulnerability Framework*” Moser (1998, p.25) desenvolveu uma classificação dos activos apropriada para os pobres urbanos. Isto inclui activos tangíveis, como o trabalho e o capital humano, mas amplia-se para aspectos que compreendem os activos produtivos, como a habitação, os activos intangíveis, em grande parte invisível, como relações e capital social. Estes activos podem ser resumidos da seguinte forma:

- Trabalho, comumente identificado como activo mais importante para os pobres.
- Capital humano que se refere, de uma forma geral, ao estado de saúde (que determina a capacidade das pessoas para o trabalho), às competências e à educação (que determinam o retorno ao trabalho);
- Activos produtivos para famílias pobres da cidade (em que o mais importante, na grande maioria, é a habitação);
- Relações Familiares, mecanismo de combinação de renda e divisão do consumo;
- Capital Social, reciprocidade nas comunidades e entre as famílias com base na confiança decorrente dos laços sociais.

²² Neste texto o termo capital é entendido como tendo o mesmo significado que activos.

As estruturas de oportunidade contribuem de forma decisiva para compreender a dinâmica da vulnerabilidade, na medida em que as oportunidades incidem sobre o bem-estar da família por permitir ou facilitar aos seus membros o uso dos seus próprios recursos ou por fornecer recursos novos. Podem ser definidas como “*probabilidades de acesso a bens e serviços ou o desenvolvimento das actividades*” (Kaztman & Filgueira, 1999, p.9). Porém, não são uma constante, pois os espaços não são iguais em oportunidade, nem em diferentes momentos históricos na trajectória de um país.

Para Filgueira (2001) essas estruturas de oportunidade são provenientes do Estado, do Mercado e da Sociedade, na medida em que se configuram em fontes de oportunidades e de acesso ao bem – estar:

A) O Estado, de acordo com a matriz institucional de cada país, ocupa, por sua vez, um papel central na definição das oportunidades para os cidadãos, através do seu impacto directo e indirecto que incide sobre as estruturas de oportunidade, sejam elas novas ou consolidadas. De uma forma geral, pode-se afirmar que instituições como o Estado são particularmente importantes na criação de oportunidades que, através do seu impacto na produção, distribuição e uso de activos facilitam o acesso aos canais de mobilidade e integração social. Portanto, as suas funções neste aspecto podem ser classificadas em dois grandes grupos: as que facilitam um uso mais eficiente dos recursos disponíveis aos indivíduos e as que provêem novos activos ou reactivam aqueles que foram esgotados. Ou seja, as suas acções, de entre outras, podem ser constatadas na melhoria de infra-estruturas, vias de acesso de uma localidade, habitação (instalação de gás, água potável, electricidade, telefone, etc.) ou a rede de transporte. Tudo isso incide directamente elevando o bem-estar dos indivíduos e indirectamente criando condições favoráveis a um melhor uso dos recursos. Um outro exemplo é a provisão da educação gratuita pelo Estado, considerada como estrutura de oportunidade na medida em que pode promover o ingresso no mercado de trabalho.

Os diferentes regimes de protecção social com o seu potencial efeito distributivo influenciam as oportunidades mediante processos de transferências entre sectores e grupos que são canalizados para o fornecimento de bens e serviços, seja de forma universal ou selectiva (educação, saúde pública, sistemas de cuidados infantis, programas de alimentação, protecção ao desemprego, etc.)

Para além do papel promotor, o Estado assume-se como regulador, efectua regulamentos em matéria da legislação do mercado de trabalho bem como políticas de emprego, privatização, tarifas, impostos alfandegários, etc.

B) O mercado, como um dos grandes provedores de recursos tem sido, por excelência, a principal estrutura de oportunidades, tradicionalmente considerado. Actualmente, sob o impacto do ajuste económico, abertura económica e da globalização, o objectivo dominante de aumentar a produtividade em um ambiente altamente competitivo tende a favorecer ainda mais a importância do mercado como provedor de recursos.

Esta conjuntura favorecerá mudanças nos canais de mobilidade social, em especial no mercado e local de trabalho, na medida em que os limites do conhecimento e as habilidades necessárias para o ingresso no mercado de trabalho de qualidade tendem a acontecer em patamares semelhantes aos dos países desenvolvidos, com quem compartilham os avanços tecnológicos.

Em termos mais gerais, crise ou recessão económica, crescimento, mudança tecnológica e transformações da estrutura produtiva são factores que a curto ou a longo prazo modificam a estrutura do mercado e incidem sobre as mudanças diferenciais de indivíduos e famílias.

Com a centralidade crescente do mercado na estrutura institucional subjacente à ordem social, o cenário actual regista, paralelamente, uma crescente incerteza sobre o trabalho como meio principal de construção do futuro de indivíduos e famílias. Esta incerteza contribui para o aumento do desemprego e da precarização²³ do trabalho, a flexibilidade laboral, o enfraquecimento das instituições sindicais e a retirada do Estado como empregador e como uma garantia da protecção social (Filgueira, 2001; Castel, 1998).

C) Finalmente, no plano das instituições e relações sociais está a terceira fonte de mudança na estrutura de oportunidades, pois diferentes formas de associações, acções colectivas, organização e peso da comunidade e da família, capital social, redes de interacção, em geral, constituem mudanças nas instituições fundamentais da sociedade.

²³ Um conceito que está intimamente ligado ao da vulnerabilidade, o qual nos remete para algo que não é estável, que não é seguro; incerto; ou às pessoas que estão sujeitas a contingências e a eventualidades. Para Castel (1998, p.23) a precariedade do trabalho revela processos de destabilização que estão na origem da vulnerabilidade, e permite compreender como as pessoas oscilam, caindo na instabilidade.

Por extensão, pode-se argumentar que todas as formas de acção vinculadas à esfera política deveriam ser consideradas como parte da estrutura de oportunidades. Sindicatos, empresas, movimentos sociais destinados a influenciar a tomada de decisões, os próprios partidos políticos, modalidades de recrutamento político e de certas configurações do sistema político particulares podem abrir e/ou fechar as várias possibilidades.

Diante do exposto, observa-se que abordar a componente objectiva e subjectiva da vulnerabilidade enfatiza o carácter dinâmico dos processos da sua construção ou destruição. Por isso, neste estudo, a vulnerabilidade é entendida como uma *configuração particular negativa, resultante da intersecção das estruturas de oportunidade e dos activos dos indivíduos* (Filgueira, 2001, p.10)²⁴. Mais do que um conceito estático, o significado da vulnerabilidade é compreendido como uma espécie de predisposição ou condições subjacentes favoráveis à mobilidade descendente. Dentro dessa perspectiva existem pelo menos dois planos a considerar no estudo sobre a vulnerabilidade dos jovens no contexto social cabo-verdiano: um refere-se ao nível estrutural, como indicado anteriormente, em contextos físicos e sociais; o outro diz respeito à esfera subjectiva, voltada para os activos individuais.

1.4 A dimensão social da vulnerabilidade dos jovens

Pelo argumento anteriormente referenciado, constata-se que na análise da vulnerabilidade social, para além das situações intermédias (Castel, 1998), evidenciam-se as dinâmicas das condições de desigualdade e mobilidade (ascendente ou descendente) a que determinados grupos estariam sujeitos. Portanto, nesta análise estão envolvidos grupos que procuram uma melhor posição social e aqueles que tentam manter o padrão de integração e bem-estar a um espaço social qualquer.

A relação com o espaço acaba por se transformar numa relação “total”, pelo facto de envolver todos os parâmetros da vida em sociedade, como afirma Capucha (2000).

²⁴ “Conceptualmente la “vulnerabilidad social” es entendida como una configuración particular, negativa, resultante de la intersección de dos conjuntos; uno, definido a nivel “macro” relativo a la estructura de oportunidades y otro definido a nivel “micro”, referido a los activos de los actores. Simplificando los términos, es posible afirmar que la diferencia entre estos dos conjuntos radica en el hecho de que los individuos directamente no controlan o no pueden incidir en los patrones más generales de la estructura de oportunidades mientras el segundo conjunto, relativo a los activos, depende de los individuos”.

Traduz-se num suporte do jogo relacional, onde são evidenciadas as potencialidades e os constrangimentos com que o indivíduo se depara ao longo da sua vivência e, tendencialmente revela fontes de vulnerabilidade social.

1.4.1 As exigências da sociedade actual

As sociedades actuais são atravessadas por transformações estruturais de proporções e de níveis diversificados. Todavia, é possível identificar dinâmicas que em diferentes períodos, têm-se desenvolvido em diversas sociedades, conduzido a reposições em todos os campos sociais. Especificamente, na formação de carácter e obtenção do respeito pelas características pessoais e condutas a nível social. Essas dinâmicas como nos alega Sennett (2004, p.81) perpassam pelas fontes de estima sociais como autodesenvolvimento, o cuidar de si e o retribuir aos outros. Esse autor entende por:

(a) auto-desenvolvimento, o desenvolvimento das capacidades e das habilidades, no qual afigura-se como uma fonte de estima social, pela valorização do uso eficiente dos recursos disponíveis tanto na experiência social como na economia. O desperdício não vislumbra aceitação no meio social. Ou seja, *na sociedade a pessoa muito inteligente que desperdiça o talento não inspira respeito e, por sua vez, aquele que apesar de ser menos dotado, trabalhe nos limites de sua capacidade é lhe dado o respeito* (Sennett, 2004, p.81);

(b) cuidar de si que em última instância, no mundo actual, significa ser adulto, não se tornar um fardo para os outros. Deste modo, para o mesmo autor, o adulto necessitado expõe vergonha e a pessoa auto-suficiente conquista respeito. O que está subjacente *é o ódio ao parasitismo na sociedade moderna; embora tema o desperdício, a sociedade teme ainda mais (racional ou irracionalmente) ser exaurida por exigências injustificadas* (Sennett, 2004, pp. 81-82)

(c) retribuir aos outros, que como fonte de estima mais universal, é intemporal e profundo para o carácter de alguém, na medida em que *a troca é o princípio social que anima o carácter de quem retribui à comunidade* (Sennett, 2004, p. 82).

A ênfase na formação ou no *empowerment* pessoal actualmente impõe algumas questões, tais como a sintonia ao ingresso “seguro” no mercado de trabalho, exigirá um processo contínuo que culmina com a integração profissional. De nada valerá incutir

nos jovens a necessidade de uma formação e muito menos abrir formações a vários níveis, com a proliferação de escolas no país, sem antes promover formas de seguimento e enquadramento desses jovens. Ou seja, desenvolver capacidades sim, mas também ter condições de as colocar em prática; caso contrário, este incentivo ao desenvolvimento das competências nos jovens, desarticulados da integração profissional, poderá evidenciar aspectos perversos (Pinto, 1998), nomeadamente caracterizar os jovens por não terem “poder” como responsáveis pela mudança da situação em que vivem (a nível pessoal ou social), esquecendo-se das forças activas que existem numa sociedade e que influenciam esse indivíduo em vários aspectos (o desemprego, a habitação, a precariedade da saúde, da educação, etc.).

Pinto (1998, p. 275) acrescenta ainda que “ *a excessiva focalização no processo de aumento das capacidades e de poder dos “clientes” pode levar a secundarizar o trabalho efectivo de mudança das estruturas sociais*”. Para tal, numa intervenção voltada para *empowerment* pessoal ou comunitário a preocupação não deverá cingir-se apenas à obtenção do “poder”, mas sim ao exercício contínuo desse “poder” por parte de quem o detém ou o adquiriu. Por outro lado, a escola (ou unidades educativas) como um espaço de socialização, não se limita apenas aos saberes técnicos, assume-se também como um organismo que atribui títulos, quer dizer direitos, e confere no mesmo acto aspirações (Bourdieu, 2003). Essas aspirações, na maioria das vezes, são muito mais abrangentes do que a questão salarial. A expectativa de mobilidade social²⁵ ascendente, tão enraizada nas várias sociedades, constitui um bom exemplo de forças motivadoras, sendo mais frequente, quanto mais baixos forem os níveis educacionais e de inserção sócio - ocupacional das gerações anteriores, como salienta Lopes (2010).

Como uma importante forma de participação social, o trabalho permite aceder, como alega Bourdieu (2003), de uma forma rápida, ao estatuto de adulto e às capacidades económicas que se lhe encontram associadas, na medida em que, o ter dinheiro, facilita a afirmação perante os amigos, pois é reconhecido e se reconhece como “Homem”. Portanto, independentemente das sequências e combinações possíveis na passagem ao estatuto adulto, esta constitui um elemento central, como é argumentado

²⁵ Entendida como a passagem do indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, de uma posição social para outra, dentro de uma multiplicidade de estratos e classes sociais. Verifica-se a mobilidade social ascendente quando aquela passagem ocorre entre classes, ou estratos, de estatuto social mais baixo para outras de estatuto mais elevado, estando este frequentemente associado ao rendimento médio correspondente mas, também, à valorização social das ocupações desempenhadas e aos níveis educacionais correspondentes, entre outros factores (Lopes, M., 2010, p.21).

por Braga da Cruz, Seruya, Reis e Schmidt (1984), no qual o exercício regular de uma actividade remunerada, susceptível de assegurar uma autonomia social, que se corporiza pela emancipação não só económica, mas também habitacional da família de origem, com a formação de agregado próprio e aquisição de direitos e deveres cívicos.

Entretanto, nos dias de hoje, a nível profissional e no contexto do trabalho, os indivíduos deparam-se com uma multiplicidade de situações decorrentes da evolução, da dinâmica e da enorme imprevisibilidade, em grande medida em virtude do crescente encurtamento do ciclo de vida e da heterogeneidade dos processos de inovação subjacentes (Lopes, 2010). Portanto, acarreta níveis de qualificação escolar e profissional cada vez mais elevados, não dispensa, antes exige, um contributo cada vez mais intenso das aprendizagens em contexto de trabalho e no exercício da actividade. Esta exigência impulsiona um aumento crescente das qualificações associadas à mão-de-obra empregue, indispensáveis para fazer face ao incremento sistemático da sofisticação tecnológica.

Nesta lógica, Bourdieu (2003, p. 156) acrescenta que o sistema escolar antigo produzia menos confusão que o sistema actual com as suas alternativas complicadas que fazem com que as pessoas tenham aspirações mal ajustadas às suas oportunidades reais. Um dos motivos pode ser percebido na relação entre os jovens e a escola que, como se pensava antigamente, remetia para um percurso educacional linear ao fim do qual se iniciava um outro, o da inserção numa actividade profissional, que hoje em dia não se faz presente (Lopes, 2010).

A desarticulação entre a educação e o trabalho, como é discutida por alguns autores, prende-se com factores como a precariedade do emprego, levando à alternância de períodos de independência financeira, com outros de dependência relativamente à família. Nesta sequência de percursos, interferem também, a fraca escolarização e a deficiente orientação profissional dos jovens, incongruente com as exigências do mercado, que vão mais além dos simples requisitos de competência, mas também de competitividade e inovação (Pais, 1998; Lopes, 2010).

1.4.1.1 O consumo

Na presente conjuntura assiste-se a uma “ *quase - mitologização de um perfil de homem eficaz e dinâmico, liberado dos arcaísmos, ao mesmo tempo descontraído e*

performante, grande trabalhador e grande consumidor de bens de prestígio, como férias inteligentes e viagens ao exterior” (Castel, 1998, p. 467). Este perfil de homem, como o mesmo autor salienta “*expressa perfeitamente o que se poderia chamar de princípio de diferenciação generalizada*”, na medida em que “*o consumo comanda um sistema de relações entre as categorias sociais, segundo o qual os objectos possuídos são os marcadores das posições sociais, os indicadores de uma classificação*” (Castel, 1998, p.475). Por outras palavras, esses objectos acabam também por constituir indicadores de integração ou questão de vulnerabilidade social.

O valor de um objecto como é acrescentado por Silva (2002) não é redutível à nossa relação simbólica ou seja, não é determinado apenas no plano de investimento psicológico e dos hábitos culturais. Existe uma lógica do consumo, na acepção precisa de que o consumo é uma linguagem comum, uma relação com outros, um meio e um contexto de expressão, comunicação, identificação social. Dito de outra forma, o consumo não tem apenas a ver com a combinação entre necessidades, rendimentos e lazeres, está também relacionado com a utilização social de símbolos, a afirmação de estatutos, as práticas de integração e diferenciação social.

Nos diferentes contextos no processo da construção da identidade, os indivíduos afirmam pertença, *a pertença a um grupo, um lugar e um destino (consomem o que é próprio do seu grupo e da sua posição consumir); e, ao mesmo tempo, uma singularidade, uma diferença fundada no valor marginal face aos grupos e lugares concorrentes com os seus* (Silva, 2002, pp.134-135). Este cenário é reforçado por Baudrillard (1981, p.23) que alega que “*através dos objectos, cada indivíduo e cada grupo procura o seu lugar numa ordem, procurando ao mesmo tempo forçar essa ordem conforme a sua trajectória pessoal*”.

O sistema dos objectos tende a constituir-se como um código expressivo. “*A circulação, a compra, a venda, a apropriação de bens e de objectos/signos diferenciados constituem hoje a nossa linguagem e o nosso código, por cujo intermédio toda a sociedade comunica e fala*” (Baudrillard, 1991, p.80).

Baudrillard (1981, pp.62-65) argumenta ainda, que a nossa relação com os objectos é conformada por quatro lógicas distintas:

1ª Lógica funcional (das operações práticas): o objecto serve para qualquer coisa e é apreciado em função da sua utilidade prática. É o valor de uso que conta, como por exemplo, compra-se um casaco para se proteger do frio no inverno.

2ª Lógica da equivalência económica: o objecto tem um dado valor de troca, pode ser apreciado em função do seu preço (em comparação com outros objectos, ou com o equivalente geral que é a moeda), numa certa situação de mercado. O casaco, por exemplo, é uma mercadoria a que se acede em função dos rendimentos, dos respectivos preços e da escolha que se realiza, considerando necessidades, rendimentos, preços e satisfações alternativas.

3ª Lógica simbólica (da ambivalência): a relação com o objecto é uma relação de sentido, na qual se faz certo investimento pessoal, afectivo e na qual se projecta e se revê. Muitas vezes, essa relação é grupal, é partilhada com membros do colectivo, em função de atitudes e valores colectivos (recusa-se carne de porco em obediência à religião). À relação grupal acrescenta-se, em regra, significados pessoais, que têm a ver com a condição pessoal, a trajectória de vida e a personalidade.

4ª Lógica do valor (da diferença): adquirindo, detendo e usando certo objecto, as pessoas comunicam qualquer coisa a outrem, exprimem-se e se identificam publicamente. Valorizam os objectos como indicadores, como sinais, que revelam as suas preferências, as suas posições, o seu *standing* – a forma como se posicionam ou querem posicionar nas hierarquias sociais.

Partimos da premissa de que as lógicas de apropriação do espaço, consoante as várias modalidades do seu uso social, são para determinado grupo um triunfo que o torna forte ou, pelo menos, o faz participar da transacção social, ao passo que, para outro grupo qualquer, esse mesmo espaço constitui um *handicap* que o marginaliza ou o exclui dessa transacção (Rémy & Voyé, 1994, p.77). Portanto, as diferentes lógicas de acção que resultam em apropriações diferenciadas, ganham mais peso quando nos encontramos num contexto estrutural em que há escassez relativa de bens: equipamentos públicos e de lazer, habitação adequada (dimensão, localização e confortabilidade).

Para Rémy and Voyé (1994, p.78), a apropriação do espaço *supõe que se reconstituam formas de integração tanto a nível do sistema social quanto a nível dos sistemas cultural e da personalidade, formas de integração que incorporam a mobilidade espacial como condição de dinâmica social*. Assim, quando esta integração é bem sucedida, a mobilidade deixa de ser tecnicamente possível, torna-se socialmente valorizada. Contudo, há que ressaltar a existência de paradoxos nos contextos residenciais gerados pelo modelo cultural, proximidade e visibilidade entre grupos

sociais com capacidade económica diferente, longe de aproximar, tende a multiplicar as frustrações recíprocas (Rémy & Voyé, 1994).

1.4.2. A juventude: uma construção social

Sendo algo historicamente recente e socialmente relativo, a condição do jovem tem-se constituído como uma fase da vida caracterizada por alguma instabilidade associada a diversas questões de natureza social, como salienta Pais (1996). Desse modo, não existe um conceito único para abarcar as diferentes juventudes e as diferentes formas de ver essas juventudes.

A juventude tanto pode ser considerada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma determinada fase de vida (ênfase na idade) como pode ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si, (Pais, 1998, p.34) no qual a extensão dessa diferença varia segundo a sociedade, grupo, classe social, etnia, género, as características individuais, etc.

Uma outra tentativa de conceptualizar esta categoria e comumente apresentada é avançada pelos autores Braga da Cruz *et al.* (1984, p. 285) que dizem que o termo juventude²⁶ traduz um hiato social, que decorre entre a infância e a idade adulta, entre a total dependência social e a emancipação que se alcança com o estatuto social de adulto. No entanto, reduzir a abordagem a este conceito como se se tratasse de uma simples e linear passagem entre dois pontos perfeitamente identificados, como aponta Galland (1993), será recusar a multidimensionalidade inerente a esta fase de transição e aos múltiplos percursos e trajetórias que a mesma pode revestir na aprendizagem do jogo social pela interiorização e preservação de valores e interesses, como se pode constatar neste estudo.

Os limites de idade que classificam os indivíduos como jovens variam consoante os diferentes autores. Costa (1991) refere que a juventude corresponde à terceira fase do período da adolescência e que se situa entre os 18 e os 22 anos. Nunes (1998), por sua vez, ao período da vida dos indivíduos que se caracteriza pela irreverência, pelo espírito

²⁶ No dicionário Porto Editora (2010) esta terminologia é entendida como a) período da vida em que não se chegou à idade adulta ou em que se chegou a essa idade há pouco tempo, idade juvenil, mocidade; b) pessoas que estão nesse período da vida; gente jovem; c) série de características que são próprias das pessoas jovens. Entretanto, ao procurar o significado do termo “jovem” encontra-se “ pessoa com pouca idade; pessoa que não chegou à idade adulta ou que a atingiu há pouco tempo”. Nestas definições nota-se que entender a juventude passa pela questão da idade e da aparência.

de contestação e a vontade de mudar o mundo, tem-se alargado, devido à maior informação e esclarecimento dos mais novos, devido ao prolongar do tempo de formação e também pela demora em integrar o mercado de trabalho, alargando os limites da intitulada “(...) *população jovem (...), isto é, indivíduos com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos (...)*” (Nunes, 1998, p.2).

Com base nestes diferentes argumentos podemos entender um jovem como um indivíduo que procura alcançar a autonomia ou distanciamento da família no sentido de obter a valorização de si próprio através de uma orientação de estudos ou do ingresso numa profissão. Caracteriza-se ainda, por estabelecer planos de vida e comportamentos de acordo com o amor pela natureza, pela sensibilidade que desenvolve e com base numa moral que tende para os extremos (Costa, 1991).

Esta categoria de análise em nosso entender engloba indivíduos, não só em crescimento ou desenvolvimento físico ou de uma determinada faixa etária, mas indivíduos num processo de “construção” e consolidação dos seus valores sociais e individuais, obrigados a uma (re) formulação constante e atentos às conjunturas actuais de evolução das tecnologias e das exigências da inovação. Assim, parte-se do pressuposto de que a juventude é uma construção social, na medida em que, como nos alega Bourdieu (2003, p.153), *a idade é um dado biológico e socialmente manipulado e manipulável, ou seja, ao se falar dos jovens como uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, isto constitui já uma evidente manipulação*. Esta manipulação da idade pode ser percebida através de acções e políticas homogéneas para uma categoria tão heterogénea que não se esgota e/ou se explica pela idade. Nesse caso, a questão da idade é meramente um dado e nada mais do que isso.

Para além da questão da idade, é importante ter-se em conta que os contextos inerentes a cada sociedade influenciam o formato dos percursos juvenis e das suas perspectivas de vida, presente e futura. Não são, por exemplo idênticas, as oportunidades de educação e formação a que acedem os jovens num qualquer país da África central ou do sul, ou em Cabo Verde. Neste sentido, a inserção profissional também apresentará condicionantes distintos, com mais ou menos possibilidades continuadas de formação e qualificação. De igual modo podem encontrar-se diferenças no plano cultural e dos valores. Pode-se permanecer na dependência dos pais até mais tarde ou se ter desde cedo de prover ao seu próprio sustento. Isto é, prolonga-se a

escolaridade, assegurando a obtenção do diploma que garanta inserção profissional mais favorável, ou antecipa-se a entrada no mercado de trabalho, com baixas qualificações e com sujeição a maior precariedade no emprego.

Para além do nível estrutural e cultural, e na perspectiva de autores como Beck (1992) ou Casal (1996 como citado em Guerreiro & Abrantes, 2007, p.8), o modo como se delineia a transição para a vida adulta decorre ainda da decisão e acção do sujeito. Deveras, a capacidade individual de traçar projectos e apropriar as oportunidades disponíveis pode também produzir modalidades específicas de transição para a vida adulta e a perspectiva de mobilidade social. Neste sentido verifica-se que os jovens tendem a autonomizar as suas vidas através de buscas independentes e de trajectórias que nem sempre se encaixam nas políticas delineadas.

CAPÍTULO II

Vulnerabilidade e território

2.1 Território: quadro estruturante de (in) oportunidade

O Espaço geográfico, de acordo com Fernandes (2005), contém todos os tipos de espaços sociais produzidos pelas relações entre as pessoas, e entre estas e a natureza, que transformam o espaço geográfico, modificando a paisagem e construindo territórios, regiões e lugares. Portanto, o espaço social é uma dimensão do espaço geográfico, pois serve de cenários às redes de interações entre os indivíduos. Igualmente, pode-se entender que de entre os suportes simbólicos de identificação e de pertença, o espaço é um elemento estruturante do processo de produção da vulnerabilidade.

Corroborando com a ideia anterior, diz-se então que os territórios são formados no espaço geográfico a partir de diferentes relações sociais. Raffestin (1993 como citado em Fernandes, 2005, p.27) definiu os territórios como sistemas de acções e sistemas de objectos. Afigura-se então, que todo o território é um espaço geográfico, mas também pode ser social, político, cultural, cibernético, etc., Outrossim, nem sempre e nem todo o espaço é um território. Então, podemos afirmar que os territórios se movimentam e se fixam sobre o espaço geográfico. Dito por outras palavras, são as relações sociais que transformam o espaço em território e vice - versa, sendo o espaço um *a priori* e o território um *a posteriori*. O espaço é perene e o território é intermitente. Por isso neste trabalho adoptou-se o termo território pela componente tanto material como simbólica, estudada no bairro Safende.

A discussão sobre espaço e território há muito tem divergido a opinião dos autores, exigindo da parte deles uma posição face aos termos. Para tal, Reis (1998, p.5) no seu artigo “*por uma cultura do território*”, entende que “ *o território não é, de facto, um simples espaço físico, um lugar onde assentam actividades. O território são actores e agentes, são relações, incluindo as relações de proximidade que geram sinergias e com as quais se mobilizam capacidades.*”

Como entidade física, social e simbólica, os espaços sofrem constantemente alterações, dando origem a novas configurações e novos modos de vida. Essas alterações ganham cada vez mais significado nas relações interpessoais e com o espaço de pertença. Muitas dessas mudanças associam-se aos princípios da sociedade de consumo ao acentuar a fragmentação social à escala local, ao aumentar a precariedade e a fragilidade das relações sociais (isolamento individual).

Um outro efeito particularmente visível é a desmaterialização dos contactos sociais, incentivada pela proliferação de novas tecnologias de comunicação (internet, telemóveis) o que acarreta a emergência de “*modos de vida plurais*” (Vaz, 2008, p.4), na medida em que as pessoas passam a pertencer a muitas cidades, tanto no plano real como no virtual, ou seja, promove novas formas de desigualdades sociais e novas formas de relacionamento das pessoas com o espaço e a sua apropriação.

Como alega Ruivo (1991), toda essa mudança vai definir para boa parte das populações nacionais uma submissão a formas de intercâmbio mundial que tendem seja a unificação de determinados padrões de consumo como a promoção da incidência de fluxos financeiros transnacionais com impacto tanto na conformação de desenvolvimento ou de estagnações, de níveis de emprego/desemprego, quanto em configurações de outros modos de vida.

O contacto com os diversos contextos, mesmo a nível virtual, tendencialmente gera um maior desfrute das oportunidades, cria novas necessidades, inova as formas de vida. As mudanças nessas formas de vida emergentes vislumbram também sonhos, desejos, conhecimento de novas realidades e também novos objectos de consumo.

Esta relação entre o desenvolvimento do conhecimento e auto-entendimento humano provou ser mais complexa do que aparentou inicialmente, pois os acontecimentos deixaram de ser pré – ordenados ou pré concebidos em circunstâncias da modernidade (Guiddens, 1997). *De repente, muitos aspectos da nossa vida tornaram-se abertamente organizados apenas em termos de “suposições de cenários”, a construção “como se” dos possíveis resultados futuros* (Giddens, 1997, pp.219-220).

O contexto urbano deixa de ser encarado apenas como um cenário onde os actores desenvolvem as suas práticas. Como refere Magnani (2009, p. 106), deverão ser levados em conta dois factores: a paisagem (entendida como um conjunto de espaços, equipamentos e instituições urbanas) e os actores sociais. Entende-se por paisagem:

“resultado das práticas, intervenção e modificações impostas pelos mais diferentes actores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores visitantes, equipamentos, redes viárias, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de trocas. Esse resultado, sempre em processo, constitui, por sua vez, um repertório de disponibilidades que, ou compõem o leque para novos arranjos ou, ao contrário, surgem como obstáculos”.

Os actores sociais são entendidos nas suas múltiplas, diferentes e criativas formas colectivas de usufruir os serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas, através de comportamentos que apresentam padrões discerníveis, do que como *elementos isolados, submetidos a uma inevitável massificação que por causa da nacionalidade desses actores por meio de trabalho, lazer, cultura, política, vida associativa, estratégias de sobrevivência são os responsáveis por sua dinâmica quotidiana* (Magnani, 2009, p.107).

Com uma posição diferente encontramos os autores da Escola de Chicago, que defendem que o espaço é, acima de tudo,

“um quadro de vida, que, ao mesmo tempo engloba, molda os mais diversos modos e estilo de vida. Assim a cidade enquanto conjunto morfológico, quer em termos físicos (infra-estruturas, habitações, monumentos), quer em termos sociais (composição e distribuição dos grupos sociais) apresentaria uma certa especificidade e operaria activamente no sentido de criar um determinado modo de vida” (Silva, M., 2006 p.192).

A nossa convicção, neste trabalho, rompe com visões deterministas que realçam a relação, por exemplo, entre espaço e pobreza (neste caso vulnerabilidade) reificadas e estereotipadas. Nesta óptica, procura-se analisar os territórios através de processos que se associam à sua identificação num quadro estruturante de (in) oportunidade, como a existência e /ou inexistência de estruturas de oportunidade é percebida e apropriada pelos indivíduos residentes, e se estrutura, simultaneamente, a vivência da vulnerabilidade.

À semelhança das afirmações de Remy e Voyé (1976, como citado em Silva, M. 2006, pp.193-194), o território deve ser entendido neste trabalho como o factor que configura e confere sentido às relações sociais de inclusão - exclusão, proximidade - distância, solidariedade - oposição. Assim, salientam que,

“o espaço não é, portanto, totalmente determinado pela estrutura social, ou seja, não é, um simples recipiente das diversas formas sociais, mas constitui um recurso material específico e, enquanto factor autónomo e co-explicativo, comporta estrangimentos e possibilidades da (inter) acção social e produz efeitos próprios.

2.2 Entre o centro e a periferia

O território no seu sentido global, seja como suporte físico, como suporte do jogo relacional e como código cultural, transforma-se em espaço central que organiza todos os movimentos centrípetos e centrífugos dos indivíduos (Remy, 2004, como citado em Lopes, P., 2006 p.141), que nos ajuda a entender o processo de vulnerabilidade das pessoas. Por isso, falar da vulnerabilidade dos jovens a partir da sua percepção da vivência num determinado bairro implica, à partida, a distinção entre o centro, ou centros, e a periferia, neste caso os bairros.

A participação numa sociedade, para além do sentido ecológico da localização num território delimitado e da adaptação a um meio ambiente modificado ou criado por outras pessoas localizadas nesse mesmo território, é constituída também por uma relação simbólica. Assim, a relação e a representação do centro e da periferia assumem-se como aspectos importantes para evidenciar os contornos da participação dos indivíduos nos seus contextos de pertença.

O centro, para muitos não é em si um fenómeno localizado no espaço, possui também uma localização de significações para as pessoas residentes nas periferias. Um dos argumentos avançados por Shils (1992) é que o centro, ou a zona central, é um fenómeno que pertence à esfera dos valores e das crenças. Uma outra razão prende-se com o facto do centro, na maioria das vezes, assumir papel ou envolver instituições que exercem autoridade - quer seja ela económica, governativa, política ou militar - e nas que criam e difundem símbolos culturais - religiosos, literários, etc. - através da igreja, escolas, casas editoriais, etc.

A periferia assume, por sua vez, um papel secundário, na medida em que recobre uma vasta área ao redor do centro. A este respeito Shils (1992) apresenta alguns aspectos, tais como o poder, a criatividade, a cultura, etc., que geralmente servem de base para definir ou caracterizar este espaço, ou seja:

“quanto menos um estrato ou sector da sociedade é poderoso, quanto menos é recompensado, quanto menos criativo, quanto menos cultura emanada do centro possui, quanto menos é tocado de maneira contínua pelo poder do sistema institucional central, mais periférico se pode considerar que é”
(Shils 1992, p.102).

Shils (1992) reforça ainda, que a periferia consiste naqueles estratos ou sectores da sociedade que recebem ordem e crenças elaboradas e difundidas por outros, a nível

central. Consiste ainda, naqueles sectores que se encontram numa situação inferior na distribuição ou atribuição de recompensas, dignidades, oportunidades, etc.

No que toca a essa abordagem dicotómica do centro e da periferia, e apesar de reconhecer algum realismo histórico nas suas características e descrições, é de destacar um reducionismo ao papel atribuído às mesmas periferias, condenadas a eternos alvos estáticos da actividade exclusiva do centro, como é contestado por Ruivo (2000). Contudo, é de sublinhar nessa caracterização a questão da eterna situação de inferioridade das periferias na quota de distribuição e oportunidades.

O mesmo autor acrescenta ainda que salvaguardadas as devidas distâncias, a caracterização reducionista que a teoria da modernização faz das relações entre centro e periferias é de certo modo acompanhada, para o domínio económico, pela teoria da dependência. Esclarece que para ambas as teorias: (a) em primeiro lugar, a tónica dominante do relacionamento do centro com as periferias consistiria ou na produção de hegemonia cultural (modernização) ou na realização de exploração económica (dependência); (b) em segundo lugar, a ênfase da análise será, deste modo, colocada num dos pólos opostos: ou no centro (modernização) ou na periferia (dependência). (c) em terceiro lugar, as definições predominantes da periferia resumir-se-ão nas expressões “áreas geográficas remotas e isoladas” (modernização) ou “regiões subdesenvolvidas” (dependência); (d) em quarto lugar, a actividade estatal em relação às periferias verificar-se-ia ou no sentido da difusão de valores modernos e centrais (modernização) ou no apoio à actividade das forças do mercado (dependência); (e) por último, a importância da política ao nível das comunidades locais ou é nula, já que a política é uma prerrogativa do centro (modernização), ou de fraco alcance, pois as definições efectivamente importantes são tomadas noutra quadrante que não o das próprias periferias (dependência) (Ruivo, 2000, p.50).

Pelo exposto verifica-se que as relações entre o centro e a periferia organizam-se segundo a existência de um mecanismo de troca e comunicação entre ambos os pólos, ainda que desigual. Este mecanismo pode variar consoante o tipo de sociedade. Em Cabo Verde e especialmente na cidade da Praia, por exemplo, constata-se a existência de vários centros²⁷, tendo cada um as suas periferias, onde a vida das pessoas se

²⁷ Com é discutido no artigo de Lima (2000, p.197), actualmente os principais centros são: *Plateau*, Palmarejo, a zona dos Prédios da Imobiliária Fundiária e Habitat (IFH), Achada Santo António que se estende até Meio da Achada. Ao redor de *Plateau* encontram-se bairros tais como Várzea, Achadinha Baixo, Paiol, Lém Ferreira; ao redor de Palmarejo verificam-se bairros como Casa Lata, Monte

desenvolve a partir da circulação centro/periferia/centro. Esta relação acontece pela necessidade da mão-de-obra da periferia e pelas estruturas de oportunidade do centro. Logo, os residentes das periferias trabalham no centro e apropriam-se das estruturas que não se verificam nas suas periferias. Este centro detém a fonte do seu sustento e a confirmação da sua necessidade.

Na inscrição para a vida social, as pessoas, para além do alojamento, da qualidade do meio envolvente, da estética, procuram, por vezes, também por um meio de vida (forma de subsistência). Esta necessidade reflecte a visão limitada do bairro, visto normalmente mais como sinal de pertença social do que como meio de vida. Os bairros periféricos, nesta lógica, definem-se pela distância social em relação ao centro, e as condições de estética e de infra-estruturas precárias, insuficientes ou ausentes. Ou seja, a periferia geográfica seria também periferia social.

No entanto, as percepções e significações dos bairros como alega Gonçalves (2006), estão relacionadas com a questão da dimensão dos mesmos (no qual atribuímos sentido a partir da nossa perspectiva) a qual é redimensionada pelas percepções e pelas práticas sociais (que variam de um contexto para outro e de um meio para outro e que se apoiam na diversidade da relação com o espaço). Nessa perspectiva este autor acrescenta que:

para uns, o bairro é vivido como algo próximo da “comunidade de aldeia”, meio de conhecimento recíproco, de entreajuda e de controlo, no interior do qual se organizam a identidade e a segurança, e se situam todas as relações, e a partir do qual se lê o exterior como negativo. Para outros, ao contrário, o bairro é o lugar de residência e, cada vez menos, o lugar de relações intensas, estas, por natureza controlantes (Gonçalves, 2006, p.132).

2.2.1 Safende: um dos bairros periféricos da cidade da Praia

Qualquer sociedade deveria oferecer aos seus cidadãos um determinado número de bens, nomeadamente educação/formação, informação, assistência médica/medicamentosa, apoio material, segurança, *status* e conforto. Ou seja, estruturas e serviços que oferecem aos cidadãos oportunidades de melhorar as condições e a qualidade de vida.

Vermelho, Cobon, Fonton e Tira – Chapéu; à volta do centro de Achada Santo António encontramos bairros como, Brasil, Kelém, Di-Nós, Cobon, Fonton etc.

Na sociedade cabo-verdiana, segundo os dados (2000) do INE sobre perfil da pobreza em Cabo Verde (2004), 37% dos residentes vivem abaixo do limiar da pobreza e desses, 20% residem na cidade da Praia, caracterizando a pobreza num fenómeno urbano, fruto do êxodo rural e das migrações entre as ilhas. Constatam-se que esses fenómenos tiveram o seu ápice a partir dos anos 90. A nível populacional, o censo 2010, aponta para 484.437 residentes presentes nas ilhas sendo desses, cerca de metade vive em Santiago, ilha onde se situa a capital Praia, com uma concentração a nível populacional de 131.719 (26,8%). Torna-se oportuno realçar que do total dos residentes, 54,4% têm a idade inferior a 25 anos (cf. pode ser comprovado nos Gráficos no anexo D).

De acordo com o cenário a cima descrito, Cabo Verde tem-se deparado nos últimos anos com o aumento da população, principalmente na camada juvenil, que tem exigido respostas às condições concretas. Todavia, embora os governantes e entidades não governamentais realizem diversos esforços, em maior ou menor grau, preconizados em acções com objectivo a combater as consequências desse aumento, ainda prevalecem situações que, “produzem” a vulnerabilidade dos jovens, no contexto social. Um aspecto a considerar é o surgimento de jovens auto-proclamados *thugs* que expõem uma redefinição do fenómeno da violência juvenil, tornando, desta feita a violência urbana num problema social em meados dos anos 2000, como é destacado por Lima (2010), no seu artigo *Thugs: vítimas e/ou agentes da violência?*

Observa-se então que, embora em Cabo Verde não se percepcione nitidamente marcada a segregação urbana e a separação física entre os segmentos sociais, pela coexistência no mesmo espaço de características contraditórias como pobreza e riqueza, concentra-se uma diversidade de modos de vida, discursos, práticas e relações com o espaço de pertença. Contudo, essa heterogeneidade inter e intra bairros acresce um factor que segmenta a diferença, cria necessidades e, conseqüentemente, formas de desigualdade social.

À semelhança de outros bairros da periferia da capital, Safende²⁸ um bairro de ocupação espontânea, com habitação construída em grande parte nas áreas mais vulneráveis como junto aos leitos das ribeiras e encostas (cf. o anexo D), comporta algumas fragilidades a nível de acessibilidade, habitabilidade e segurança dos

²⁸ População maioritariamente migrante do interior da ilha de Santiago que sem grandes recursos viu nessas construções espontâneas de condições precárias, uma forma de moradia.

residentes. Pelos dados do censo 2000 verifica-se a superioridade da população jovem naquele bairro exigindo infra-estruturas adequadas às necessidades e ao desenvolvimento dos mesmos.

Em relação aos aspectos sócio – económicos, Safende²⁹ é um bairro populoso, resultante do êxodo rural. A maioria das famílias é chefiada por mulheres, muitas delas domésticas, que por vezes têm necessidade de recorrer a comércio informais para conseguirem o sustento das suas famílias.

Em termos de infra-estruturas sociais, o bairro dispõe de uma escola do Ensino Básico Integrado (EBI), de um centro social “Espaço Aberto Safende” e da Casa do Direito Safende. O Pólo educativo nº XXVII, destinado às crianças do Ensino Básico Integrado depara-se com escassez de recursos a nível didáctico e tecnológico (cf. o anexo I) que, em certa medida, dificultam o trabalho dos docentes e conseqüentemente o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Esse mesmo espaço educativo, no período pós laboral, funciona como centro de formação profissional na área da construção civil destinado aos jovens e adultos do bairro que possuem nível de escolaridade baixo (inferior a 6º ano), uma iniciativa da Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos³⁰, presente ao longo dos últimos três anos. Equivalente à população jovem nesse ano lectivo (2010-2011), estiveram treze jovens inscritos com idade compreendida entre os 20 e os 25 anos).

Um outro equipamento que se configura numa oportunidade nova para o bairro Safende é o Espaço Aberto que tem promovido, ao longo de três anos de existência, actividades educativas e sócio - profissionais para a camada infanto-juvenil do mesmo bairro. Ou seja, é um espaço que visa a promoção e reintegração sócio - profissional e

²⁹ Segundo o líder comunitário entrevistado, em Safende o sector predominante, há uns tempos atrás, é a área de construção civil e comércio informal. Todavia, com a formação de muitos jovens (que terminaram o 12ºano de escolaridade e que passam a ser activos no mercado de trabalho), encontram-se muitas pessoas no terceiro sector e também na função pública. Mas o sector de construção e comércio civil são as áreas onde encontramos mais pessoas. Entretanto existem pessoas que pertencem à classe docente, outras que trabalham em instituições sociais, aquelas que têm o seu próprio negócio (bar, lojas supermercados, táxis).

³⁰ Com a nova configuração: Direcção Geral da Educação e Formação de Adultos (DGEFA). Uma das estruturas do Serviço Central do Ministério da Educação e Ensino Superior de Cabo Verde (actualmente com a nova configuração Orgânica do Governo, VIII Legislatura: Ministério da Educação e Desporto - MED), responsável pela execução das políticas de Educação Extra-escolar em Cabo Verde que está subdividido em três níveis distintos: Educação Básica de Adultos (Alfabetização e Pós-alfabetização); Formação Profissional e Ensino Recorrente. Visa coordenar, promover e apoiar as actividades de educação e formação de adultos, numa perspectiva de educação ao longo da vida; procura colaborar com outros organismos e entidades na realização de acções de promoção cultural e de qualificação de jovens e adultos para o exercício de uma profissão.

prevenção de condutas de risco entre adolescentes e jovens vulneráveis de Safende. Este centro de intervenção comunitária visa ainda melhorar as condições de vida das crianças e dos jovens do bairro Safende através de serviços prestados no âmbito do jardim - de infância, apoio escolar, formações diversificadas, actividades desportivas e recreativas (vide anexo I).

A maioria das actividades desenvolvidas no “Espaço Aberto” possui custos para os utentes que, no entender do seu director, são extremamente acessíveis à comunidade. A título de exemplo referimos os cursos ministrados nesse espaço habilitando os seus beneficiários para determinada área profissional, e que normalmente não excedem os 500³¹ escudos cabo-verdianos.

Os técnicos desse espaço têm implementado estratégias, como o envolvimento das associações locais, afixação de cartazes e programas na rádio comunitária de Ponta D’Água, para a divulgação de suas actividades. No entanto, estes deparam-se com algumas dificuldades no que toca a fraca participação dos jovens, nalgumas actividades desenvolvidas e na utilização dos serviços oferecidos, como por exemplo o acesso à internet pelo preço social (80 escudos³² cabo-verdianos), actividades desportivas (capoeira, judo), encontros e palestras de sensibilização, ou formações que se realizam com vagas por preencher.

Segundo o director do espaço, para além das actividades acima mencionadas o espaço encontra-se aberto para acolher as actividades resultantes das iniciativas e propostas dos jovens do bairro, de acordo com os seguintes critérios: (a) incentivar investimento pessoal do beneficiário; (b) não ser uma barreira para a aderência dos jovens aos serviços prestados para o centro; (c) contribuir para as despesas não orçamentadas no projecto do centro, ou seja, aumentar o fundo que o centro gere para dar respostas às necessidades da comunidade. Porém, essas iniciativas não têm surgido, apesar das sugestões técnicas postas à disposição dos jovens pelo referido espaço.

A Casa do Direito Safende, inaugurada recentemente³³, um equipamento do bairro Safende que visa promover o acesso à justiça e aos direitos, garantindo, nomeadamente, a informação, a consulta e assistência jurídica, o serviço assegurado por advogados ou

³¹ Que equivale a 4,50 euros.

³² Que equivale a 0,72 cêntimos.

³³ Inaugurada a 07 de Dezembro de 2010. Este acto foi presidido pela então Ministra da Justiça, Dra. Marisa Morais. Contou ainda com a presença do Presidente da Câmara Municipal da Praia, Dr. Ulisses Correia e Silva e do Presidente do Concelho Directivo da Associação Zé Moniz (AZM), Dr. Manuel Faustino. A Casa situa-se na rua da Capela, onde funcionava o Espaço Aberto.

por advogados estagiários através da parceria com a Ordem dos Advogados. Um outro serviço prestado nas Casas de Direito é a mediação constituindo um método alternativo de resolução de conflitos. As associações locais são parceiras no desenvolvimento de outras actividades como a sensibilização nas actividades recreativas, envolvendo os jovens na identificação dos problemas e na divulgação dos serviços prestados.

A Casa do Direito Safende, para além dos serviços e das actividades supracitadas, também constitui um espaço de uso em benefício da comunidade, no qual podem ser promovidos encontros e debates em torno de temas da actualidade. Entretanto, ainda existe uma fraca mobilização desse recurso por parte dos jovens, talvez por ser uma infra-estrutura recente no bairro e ainda não ser incorporada na rotina das pessoas.

Quanto aos grupos do bairro, estes dividem-se entre aqueles considerados oficiais e aqueles que não são considerados como tal. Como grupos oficiais são considerados: (a) Associação Solidária para o Desenvolvimento de Safende (ASDS); (b) Associação Juvenil Progredir Safende (AJPS); (c) Raiz de Cultura; (d) *Fidjus*³⁴ di Kabral; (e) Jovens Unidos em Cristo, (f) Comunidade Sant' Egidio. Em relação aos grupos classificados pela população como não oficiais³⁵ encontramos: (a) grupos de dança; (c) SB Júnior (*Safende Boys Junior*) que é constituído por jovens até 20 anos e (d) SB (*Safende Boys*) composto por jovens com idade acima dos 20 anos, (cf. o anexo I).

³⁴ Os Filhos de Cabral - actuam numa outra parte de Safende;

³⁵ “Não são oficiais mas se perguntares por esses grupos sempre aparecerão jovens que dirão que pertencem ao grupo x ou y. Neste momento apareceu o SB Twelve, que temos de lhes ajudar a organizarem-se da melhor forma possível. Ou seja grupinhos que talvez como forma de chamar atenção ou de se afirmarem, de tanto estarem juntos e agora como está em voga a formação de grupos, hão-de formar também o seu grupo. Agora, a nossa preocupação é não deixar que esses jovens formem os grupos apenas por formar (Líder comunitário entrevistado)”.

CAPÍTULO III

Modelo de investigação e metodologia

3.1 Contextualização e delimitação do objecto de estudo

3.1.1 Objectivos e hipóteses de estudo

As diversas transformações por que tem passado Cabo Verde tanto na esfera económica, política, social quanto demográfica³⁶, o aumento do desemprego, sobretudo na camada jovem e as suas repercussões a nível dos contextos e dos comportamentos constituíram -se num móbil de início e avanço desta pesquisa.

Este cenário foi campo fecundo para dúvidas e reflexões que culminaram tanto na formulação da nossa pergunta de partida quanto nas proposições de orientação de análise e na construção progressiva de um modelo de análise. Assim, propusemos questionar:

Em que medida os jovens de Safende percebem a vivência neste bairro como potencializadora da dinâmica da vulnerabilidade?

Este questionamento conduziu-nos à definição do objecto de estudo que se centrou na problemática da vulnerabilidade dos jovens no contexto social cabo-verdiano através do estudo de caso dos jovens do bairro Safende.

Definiu-se como objectivo geral deste estudo compreender a dinâmica (objectiva e subjectiva) da vulnerabilidade no contexto social cabo – verdiano, tendo como eixo de análise os jovens residentes no bairro Safende.

Desta análise afirmaram-se os seguintes objectivos específicos:

- 1) Caracterizar o bairro Safende quanto aos recursos e às necessidades;
- 2) Identificar os desafios com que os jovens são confrontados no bairro Safende;
- 3) Elucidar a percepção dos jovens em relação ao seu espaço de pertença, no que toca a oportunidades e constrangimentos;

³⁶ Com o aumento da população, principalmente a camada juvenil.

- 4) Entender qual é o significado de “ser vulnerável ou integrado” para os jovens do bairro Safende.

Considerando a pergunta de partida, o objecto de pesquisa e seus objectivos gerais e específicos foram desenhadas as seguintes hipóteses de trabalho:

Hipótese geral 1: os jovens de Safende percebem a vivência neste bairro como potencializadora da vulnerabilidade.

Hipótese 1.1: os jovens de Safende indicam como principal factor da vulnerabilidade a existência, neste bairro, de oportunidades insuficientes e inadequadas às suas necessidades.

Hipótese 1.2: de acordo com os jovens de Safende características pessoais e/ou recursos individuais não determinam a sua vulnerabilidade.

Hipótese geral 2: Para os jovens do bairro Safende a existência de laços fortes com a família e a comunidade (vizinhança e amigos) e a participação em estruturas associativas de carácter local permitem minimizar os impactos da vulnerabilidade vivenciada no bairro.

3.2 Design ou tipo de estudo

Por referência aos objectivos propostos neste estudo o modelo de enfoque dominante desenvolve - se a partir da perspectiva qualitativa, agregando aspectos extensivos. A perspectiva qualitativa foi importante para compreender o Quê e o Porquê da vulnerabilidade dos jovens residentes em Safende, evidenciando os detalhes envolvidos à vivência naquele bairro. Concomitantemente, foi preciso identificar aspectos ligados à satisfação das exigências básicas como a educação e o emprego enquadrados num contexto maior (o país Cabo Verde), por isso recorreu-se à abordagem extensiva incluindo, nesta análise, dados estatísticos que caracterizassem o cenário actual cabo-verdiano.

Assim, a abordagem qualitativa envolveu a colecta de dados utilizando técnicas como entrevistas que não pretendia medir nem associar as medições a números (Sampieri, Collado & Lucio, 2003, p.10). Esta opção prende-se com a necessidade em compreender os jovens nos seus contextos, recolhendo dados que emergem naturalmente. Esta abordagem torna-se, na nossa opinião, viável para este estudo, na medida em que teve como objectivo *compreender o significado do fenómeno em estudo*,

tomando a perspectiva dos indivíduos estudados, e no contexto onde ocorrem os fenómenos (Ribeiro, 2008, p.66). A abordagem extensiva envolveu análise documental, de dados estatísticos e legislativos, possível graças aos documentos produzidos pelos órgãos competentes.

3.3 Sujeito da pesquisa: Jovens

A unidade de análise foi constituída por 20 entrevistas feitas aos jovens. O não envolvimento de um número maior de participantes nesta pesquisa foi limitado pelas características do estudo que exigiu um contacto directo com os entrevistados, o que pressupunha um tempo maior para a efectivação do processo de recolha de dados.

A escolha dos jovens como categoria de análise (jovens do bairro Safende) exigiu considerar as interpretações que os mesmos fazem das suas vivências, interações, experiências individuais ou colectivas no contexto urbano, tendo como referências imediatas o bairro e a cidade/país onde habitam, já que as relações espaciais vinculam-se às relações sociais.

Os jovens cabo-verdianos, principalmente em contexto urbano, enfrentam actualmente situações específicas nas suas relações interpessoais tais como movimentos reivindicativos o que culmina em rivalidades inter - grupais no e/ou em bairros diferentes. Nesta conjuntura e pela aparente atitude de defesa dos jovens face à exposição da entrevista, a escolha da amostra assumiu os contornos da “*bola de neve*”.

Esta amostra é particularmente útil para os pequenos grupos como salienta Moreira (2007), na medida em que esta pesquisa permitiu a identificação dos potenciais entrevistados a partir de um ponto focal. Envolveu *o uso de um pequeno grupo de informantes a quem é pedido, que ponham o investigador em contacto com os seus amigos, os quais são subsequentemente entrevistados, pedindo-se-lhes igualmente que indiquem outros amigos a entrevistar, e assim por diante até que a cadeia de informantes tenha sido seleccionada* (Burgess, 2001, p.59).

Entretanto, salienta-se que a utilização desta amostra poderá estimular a selecção de pessoas mais “visíveis”, mesmo em âmbitos tão restritos, ou seja corre-se o risco da cadeia de identificação desembocar em características demasiado específicas do primeiro jovem contactado.

No nosso estudo, a selecção da amostra partiu da entrevista a um jovem que apresentava os requisitos exigidos e que posteriormente assumiu o papel de informante na identificação e localização dos demais jovens com características idênticas (residente no bairro Safende e com idade compreendida entre os 16 e os 25 anos), como aponta a tabela em baixo:

Tabela 1: perfil dos jovens entrevistados

Jovem	Sexo	Idade	Ano de escolaridade	Com quem vive
J1	Masculino	21 anos	9º ano (incompleto)	Os pais, os irmãos, os sobrinhos;
J2	Masculino	21 anos	12º ano	A mãe e dois irmãos;
J3	Feminino	23 anos	12º ano	Os pais, os irmãos, os três filhos e os sobrinhos;
J4	Masculino	22 anos	6º ano (incompleto)	Os pais, cinco irmãos e cinco sobrinhos;
J5	Masculino	19 anos	7º ano (incompleto)	Os pais e os irmãos;
J6	Masculino	25 anos	12º ano	Os pais, quatro irmãos e sobrinhos;
J7	Masculino	19 anos	7º ano (incompleto)	Sozinho em casa da mãe;
J8	Masculino	16 anos	6º ano (incompleto)	A mãe, o padrasto e os irmãos;
J9	Masculino	22 anos	9º ano (em curso)	Um irmão de 18 anos
J10	Masculino	18 anos	7º ano	A mãe e os irmãos;
J11	Masculino	19 anos	8º ano (incompleto)	O pai, a madrasta e três irmãos;
J12	Masculino	19 anos	12º ano	A mãe, a irmã, o sobrinho e o primo;
J13	Masculino	18 anos	6º ano	A mãe e os três irmãos;
J14	Feminino	20 anos	8º ano (em curso)	Os pais, os irmãos, um filho e os sobrinhos;
J15	Masculino	19 anos	10º ano (incompleto)	A mãe, a avó e dois irmãos;
J16	Feminino	18 anos	1º ano do curso Comunicação e Multimédia	Os pais, irmãos e sobrinhos;
J17	Masculino	17 anos	8º ano (incompleto)	A mãe e os cinco irmãos;
J18	Masculino	25 anos	7º ano (incompleto)	A mãe, os irmãos e os sobrinhos;
J19	Masculino	16 anos	7º ano (em curso)	A mãe e os irmãos;
J20	Masculino	21 anos	6º ano	A mãe e o sobrinho;

3.4 Contexto de pesquisa: bairro Safende

A escolha desse contexto foi motivada, não por uma preocupação em compreender, particularmente, as posições sociais e/ou as condições de vida das populações do bairro Safende (vide anexo I), mas antes, pelo facto de circunscrever

condições de produção da vulnerabilidade. Uma tendência que, embora transversal aos bairros da periferia da cidade da Praia é, no entanto, mais explícita na população jovem. Essa constatação provém do contacto com estudos anteriores, com temática relacionada com os bairros espontâneos, violência urbana, reportagens, programas³⁷ divulgados pelas redes de comunicação de Cabo Verde. Estas situações impulsionaram o nosso interesse em compreender a dinâmica da vulnerabilidade no bairro Safende na óptica dos jovens residentes.

3.5 Estratégia metodológica

Compreender a dinâmica da vulnerabilidade exigiu articular e agregar numa mesma pesquisa lógicas diferenciadas. Neste sentido na recolha das informações utilizou-se a abordagem intensiva e extensiva. Num primeiro momento, a abordagem extensiva teve como principal objectivo a caracterização do contexto da pesquisa, nomeadamente em termos de factores estruturais, recursos (estrutura de oportunidades) e constrangimentos. Para o efeito recorreu-se à análise documental de dados estatísticos, legislativos, etc. No que diz respeito à técnica da análise documental foi previamente construída uma grelha de análise fruto de pesquisas na internet, documentos/estudos específicos.

Na abordagem intensiva foi necessária a utilização da técnica de entrevista semi-estruturada aos informadores privilegiados responsáveis pelos equipamentos colectivos, nomeadamente, à Gestora da escola do Ensino Básico Integrado (EBI) Pólo Safende, ao Director do Espaço Aberto Safende, à Coordenadora das Casas do Direito a nível nacional e a um dos Líderes comunitários de Safende e também Presidente da Comunidade Santo Egídio em Cabo Verde, para depois se proceder às entrevistas aos jovens. Esse contacto permitiu caracterizar esses equipamentos colectivos a nível dos serviços prestados, recursos materiais, tecnológicos e humanos presentes e dos critérios de utilização e permanência dos beneficiários. Assim, na entrevista à Gestora do Pólo XXVII - representante da Escola do Ensino Básico Integrado (E.B.I.) - de uma forma sucinta, foram abordadas questões acerca dos a) critérios de acesso à educação; b)

³⁷ Um exemplo desses programas é “ Regiões” que em Abril de 2011 dedicou uma edição a *construções clandestinas: o bairro de Safende*. Nesse programa foram apresentados temas tais como: (a) Safende um beco com saída (caracterização: origem e a constituição do bairro, divisões); (b) Pobreza e condições de habitabilidade pouco dignas; (c) Problemas sociais: desemprego, toxicodpendência, álcool e delinquência juvenil.

recursos disponíveis (humanos, materiais e tecnológico) da escola; c) características dos beneficiários, (Vide anexo IV).

Aos representantes dos equipamentos como o Espaço Aberto Safende e a Casa do Direito seguiram-se questões à volta a) do surgimento; b) da entidade financiadora e executora; c) dos serviços prestados; d) dos beneficiários dessa iniciativa; e) do envolvimento dos beneficiários na utilização do equipamento; f) das parcerias (quem são; quantos são; qual é o contributo na parceria), (vide anexo V, VI).

Com o Líder comunitário procurou-se explorar aspectos ligados à dinâmica do bairro como por exemplo o associativismo, a ocupação dos tempos livres; características habitacionais, rendimentos e sectores de actividades predominantes, (vide anexo VII).

Seguidamente procedeu-se à entrevista aos jovens o que nos permitiu obter uma grande riqueza informativa quanto a expressões e enfoques dos entrevistados constituindo-se numa oportunidade para esclarecer e acompanhar as perguntas e respostas de uma forma flexível e espontânea por parte da investigadora.

3.5.1 Técnicas de recolha de informação:

3.5.1.1 Entrevista

A entrevista adquire bastante importância no estudo de caso, pois através dela o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências. *A mesma é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo* (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

Na entrevista semi-estruturada *utiliza-se uma serie de temas e tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa* (Burgess, 2001, p.112). Portanto, o discurso e o pensamento dos entrevistados podem ser interrompidos com uma outra questão, de modo a tornar mais clara a informação que se pretendia obter, o que reduz a ambiguidade das respostas, com alega Moreira (2007).

Pelas características supracitadas e ao oferecer aos informantes a oportunidade de desenvolver as suas respostas fora de um formato estruturado, foi privilegiada a entrevista semi-estruturada por esta assegurar especificidades como adaptabilidade pelas vantagens em explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e

sentimentos, características que não seria possível obter através de um questionário, por exemplo.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 135), na utilização das entrevistas semi-estruturadas, *fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam os tópicos em questão.*

A construção do guião reflectiu os objectivos da pesquisa e as questões elencadas esclareceram aspectos como (a) características pessoais; (b) dinâmica familiar; (c) residência no bairro Safende (vide anexo III). No entanto, a sua aplicação não foi algo estático e rígido. Nos momentos da entrevista houve a necessidade de se adaptar às nuances que o próprio contexto se encarrega de produzir, exigindo da nossa parte ajustes necessários.

A entrevista foi feita em “crioulo”, língua materna dos cabo-verdianos, com o intuito de estimular a relação de proximidade entre os actores envolvidos nesta pesquisa. Esta estratégia exigiu da nossa parte a tradução do guião previamente elaborado em português para a língua crioula. Inicialmente fez-se a tradução simultânea do guião no momento da entrevista, mas a uma dada altura, percebeu-se que os jovens apresentavam algumas dificuldades nas respostas, apesar das orientações iniciais para a apresentação das dúvidas quando houvesse dificuldades na compreensão das perguntas.

Para aclarar algumas expressões que no nosso entender dificultavam a total compreensão das perguntas por parte dos jovens, procurou-se a ajuda de uma jovem da mesma idade, e a partir dela, as questões iniciais foram adaptadas a uma linguagem própria desta faixa etária. Uma outra estratégia utilizada foi a adaptação do primeiro guião em português para o crioulo, sem prejuízo dos conteúdos nele apresentados.

É de realçar que, apesar de superados os obstáculos identificados, temos a consciência de que a tradução constitui uma limitação deste estudo, na medida em que ficou evidenciado que as línguas diferem muito entre si. Nem sempre palavras e expressões descritas numa das línguas têm necessariamente tradução correspondente na outra língua.

Um outro factor relevante no desenvolvimento da pesquisa que ora se descreve foi o uso das redes pessoais e sociais (associações locais, Organizações Não Governamentais) da investigadora, necessárias para o primeiro contacto e o ingresso no bairro, devido à importância que estas redes assumiam junto aos jovens de Safende.

O contexto da entrevista pode ser sistematizado em fases ou momentos importantes que serão apresentados e justificados como a seguir se destacam:

A) Planificação da entrevista:

a. Visita exploratória ao bairro Safende, identificação e contacto com os agentes privilegiados:

Fez-se uma visita ao bairro Safende com o objectivo de se inteirar das mudanças e actualizações realizadas nos últimos tempos. Contactou-se a Escola do Ensino Básico Integrado, na pessoa da sua Gestora, onde se fez a primeira apresentação da pesquisa, dos objectivos e das exigências da sua efectivação. Através desta que é também moradora do bairro, foram feitas as actualizações necessárias.

Graças a esse contacto foi possível a localização de um dos líderes comunitários, (identificado e reconhecido pela população como aquele que conhece o bairro e está por dentro do que acontece no mesmo).

b. Definição de estratégias de abordagem e do espaço da realização das entrevistas:

Agendou-se um encontro com o líder comunitário, no qual se fez a contextualização da pesquisa e os objectivos que a sustentam. Nessa reunião constatou-se a necessidade de estratégias de abordagem como a indicação de um jovem do bairro que estabelecesse o elo de confiança com os demais.

Uma outra preocupação foi a identificação de um espaço no próprio bairro (para a realização das entrevistas) que reunisse as condições de concentração que este trabalho exigia. Dentro das características supracitadas, identificou-se a “Casa do Direito Safende” como a mais apropriada para o efeito. Para tal fez-se uma exposição solicitando o espaço e uma entrevista à coordenadora da casa (vide anexo II).

Nesta mesma reunião aproveitou-se para agendar uma entrevista com este líder comunitário após o esclarecimento dos objectivos da entrevista e a sugestão de um jovem com uma característica de liderança no bairro.

c. Realização da entrevista – teste; sensibilização à aderência:

A investigadora entrevistou um jovem do bairro Safende, com uma presença acentuada no mesmo bairro, e com características que reflectem uma boa capacidade comunicativa, aceitação e boa relação com os demais jovens do bairro. Essa entrevista - teste teve como objectivo observar a sequência das perguntas, a fluência do diálogo, a capacidade argumentativa, as principais dificuldades na compreensão das perguntas por parte dos jovens, o impacto do espaço diferente do seu espaço de pertença e o tempo destinado às futuras entrevistas.

Um outro objectivo foi passar a mensagem aos outros jovens de que este processo se baseia numa conversa informal onde se abordam temas do seu quotidiano como forma de diminuir as possíveis resistências que tendencialmente surgirão no decorrer da entrevista.

Após essa entrevista acordou-se com o jovem entrevistado o seu papel de mediador na passagem da informação, e na sensibilização dos outros jovens para a entrevista.

d. Contacto com os demais jovens do bairro:

Antes de se começar as entrevistas com os demais jovens do bairro Safende utilizou-se duas estratégias de interacção, que a seguir se apresentam:

- I. Uma visita ao bairro com o intuito de conhecer o espaço disponibilizado pela coordenadora da Casa do Direito Safende, a sua localização no bairro, o horário de funcionamento e o fluxo de atendimentos de forma a evitar distrações durante as entrevistas;
- II. Participação na actividade “chá da Paz” realizada pela Comunidade Sant` Egídio, todas as quartas-feiras às 20 horas, no bairro. Esta actividade consiste em criar um momento de reflexão sobre os aspectos da actualidade e os comportamentos dos jovens no bairro e a sua implicação. O objectivo da participação da investigadora na referida actividade foi (i) estabelecer o contacto com os demais jovens do bairro através da apresentação/mediação do agente privilegiado; (ii) observar a convivência dos mesmos nas actividades dentro do bairro. Essa aproximação foi importante na medida em que evitou alguma

resistência dos jovens e construiu uma base para a confiança através das pessoas que lhes são íntimas no bairro.

B) Momento da entrevista:

As entrevistas decorreram na Casa do Direito Safende, um ambiente calmo e familiar para os entrevistados. Utilizou-se uma mesa para se apoiar e duas cadeiras confortáveis com intuito de facultar a interação e o fluir da conversa entre os jovens e a investigadora.

As entrevistas foram iniciadas com a apresentação da investigadora, contextualização da pesquisa (natureza, objectivo) na qual se verbalizou o cuidado com os aspectos éticos como o sigilo e com a utilização das informações única e exclusivamente para o fim a que se destina. Foi reforçado que se tratava de uma conversa informal sobre questões ligadas ao quotidiano dos jovens e da sua relação com o seu espaço de pertença.

Seguidamente foi pedido aos jovens autorização para gravar as entrevistas, para o efeito de uma análise posterior por se tratar de um processo académico. Todos os jovens autorizaram a gravação. Todavia, inicialmente, notou-se neles alguma ansiedade em responder às questões, situação extinta com a percepção do teor das perguntas e do conteúdo da entrevista.

Em média cada entrevista demorou trinta minutos. Ao longo das entrevistas observou-se que no total dos jovens entrevistados, uns apresentavam-se mais resistentes do que outros, principalmente em aceitar o convite para a realização das mesmas. Percebeu-se que havia uma curiosidade em frequentar o espaço, falar com a investigadora mas um receio em assumir este compromisso. Isso pôde ser constatado pelo fluir da conversa e pelo conteúdo, na medida em que são pessoas diferentes e nem todos exprimiram na mesma proporção.

Percebeu-se também que alguns jovens demonstravam dificuldades em falar de alguns tópicos como por exemplo os recursos do bairro, apontando nesse tópico por sua vez as carências existentes. Ao final das entrevistas agradeceu-se a cada um dos participantes pela colaboração no processo. Dessas entrevistas, todas foram transcritas na íntegra.

Do exposto pode-se concluir que, de uma forma geral esta pesquisa teve boa aceitação junto aos jovens desde o primeiro contacto. Isso foi possível graças: (a) às

informações disponibilizadas aos entrevistados sobre o tipo de entrevista e os aspectos privilegiados; (b) à sensibilização das pessoas intermediárias/pontos focais com uma posição de referência no bairro; (c) à selecção do espaço “Casa do Direito Safende” para a realização das entrevistas.

A selecção desse espaço permitiu por um lado, superar a estranheza e contribuir para a fluidez do diálogo com os jovens e por outro lado, dinamizar a Casa do Direito Safende, organismo recente na localidade, com a frequência dos jovens durante o período das entrevistas.

3.5.1.2 Análise Documental

Como anteriormente citado, face ao propósito da pesquisa empírica, como estratégia metodológica no enfoque extensivo recorreu-se à análise documental de dados estatísticos, censos do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE)³⁸, legislação, estudos, relatórios, documentos produzidos institucionalmente. Para tal e com o objectivo de caracterizar os equipamentos e as respostas sociais no bairro Safende realizaram-se visitas técnicas às organizações.

Para as informações relacionadas com a saúde dos jovens, na ausência de um posto de saúde no interior do bairro Safende que atendesse a população, fizeram-se dois contactos (para recolha de dados) com o centro de Saúde de Ponta d’Água³⁹.

3.6 Procedimento: Análise de conteúdo

Efectuada a transcrição das entrevistas aos jovens residentes no bairro Safende procedeu-se à análise de conteúdo qualitativa. Esta técnica de tratamento de informação, sempre associada à técnica da entrevista *procura agrupar significações, e não vocábulos, e é, em princípio, aplicável a todos os materiais significantes, a todas as «comunicações», não se acantonando aos textos escritos*” (Almeida & Pinto, 1990, p. 96).

Esta análise foi feita em duas etapas. Numa primeira fase, após a análise vertical das entrevistas a partir da sinopse do discurso de cada entrevistado/a fez-se de acordo

³⁸ Organismo oficial para a produção de dados no país.

³⁹ Esse centro atende as pessoas dos bairros da periferia da cidade da Praia, inclusive a população de Safende.

com os objectivos delineados, a codificação⁴⁰ das unidades (guião de entrevista) em categorias de análise (vide anexo VIII e IX). Numa fase posterior, com as categorias previamente construídas foram evidenciados os aspectos comuns aos jovens entrevistados que conferissem alguma legitimidade às opiniões expressas. Cada jovem entrevistado (e as respectivas respostas) foi identificado por: J1, J2, J3.... J20.

⁴⁰ Agrupar as informações consideradas relevantes na matriz analítica.

CAPÍTULO IV

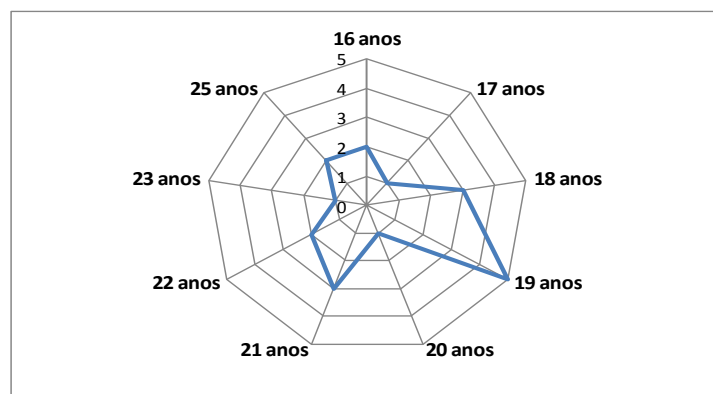
Análise e discussão dos resultados

Na tentativa de responder à nossa questão de partida: “*em que medida os jovens de Safende percebem a vivência neste bairro como potencializadora da dinâmica da vulnerabilidade?*”, bem como os objectivos propostos de entre os quais se destacam, o olhar dos jovens sobre as oportunidades e os constrangimentos do bairro, neste capítulo, far-se-á a sistematização das informações obtidas, através de 20 entrevistas, de carácter semi-estruturada, realizadas aos jovens do bairro Safende. De modo a conferir inteligibilidade à leitura e a compreensão dos dados, esta apresentação será devidamente fundamentada com elementos identificados ou não no quadro teórico, com excertos das entrevistas.

4.1 Os (in) activos dos jovens do bairro Safende

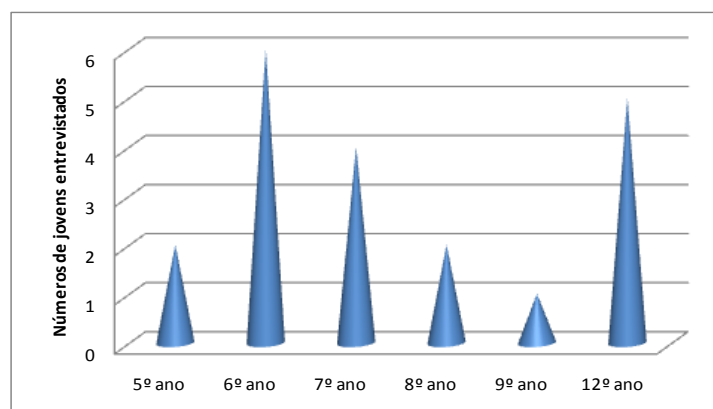
Esta pesquisa teve como foco as percepções dos jovens do bairro Safende, daí a pertinência em apresentar os seus recursos pessoais e as suas redes de suporte (vide anexo VIII). Numa apresentação sucinta desse universo de análise nota-se que dos vinte jovens entrevistados, apenas três são do sexo feminino (15%). Todos são solteiros com idade compreendida entre os 16 e os 25 anos, havendo, no entanto, uma maior representatividade dos jovens de 19 anos, como mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1: Distribuição dos jovens entrevistados por idade



A educação é um instrumento importante no combate à vulnerabilidade, ao dotar os indivíduos de competências e formação necessárias para a apropriação das oportunidades existentes e a partir destas a criação de novas oportunidades, na medida em que dependendo das exigências do mercado e do país, o nível de escolaridade parece aumentar ou diminuir a propensão de um indivíduo tornar - se vulnerável. Assim, quanto à composição da amostra dos jovens entrevistados segundo o grau de ensino completo, aquilo que se verificou, com elevada representatividade da amostra, foi seis jovens com menor grau de ensino (6º ano de escolaridade) e cinco jovens com maior grau (12º ano de escolaridade), como pode ser visto no Gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição da amostra dos jovens entrevistados segundo o grau de ensino completo

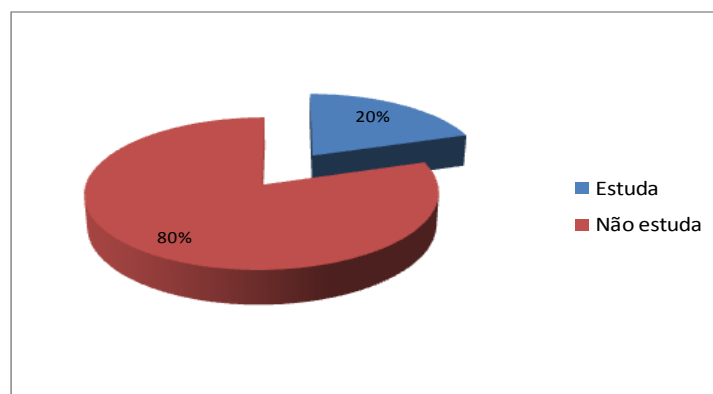


Partido do pressuposto de que a educação se torna o elemento fundamental para o êxito da integração no mundo, pelo facto de oferecer condições para manifestação de pessoas autónomas capazes de defender e promover os direitos no mundo globalizado, a experiência do insucesso e do abandono escolar precoce produzirá um processo de “*desqualificação social*”⁴¹, na medida em que os jovens e não só, não desenvolvem adequadamente as suas competências pessoais, sociais e cognitivas. Estas privações colocam estes jovens num ciclo de desigualdades e podem ter consequências sérias principalmente nos meios urbanos onde a falta de instrução alimenta a pobreza e a marginalização. Dos jovens entrevistados, tendo em conta que muitos ainda se

⁴¹ No sentido em que é entendida por Serge Paugam “*como um processo que rejeita, etapa após etapa, faixas crescentes de população para a esfera da inactividade e da assistência, aumentando para as mesmas o risco da acumulação das dificuldades* (Paugam, 2000, p.109)”. Cf. Paugam, S. (2000). *A desqualificação social*. In Marc-Henry Solet (org.) (2000). *Da não - integração. Tentativas de definição teórica de um problema Social contemporânea* (Annie Pochez Coelho, Trad.). Quarteto: Editora. pp. 107 -136.

encontram em idade escolar, o número dos que não frequentam actualmente o sistema de ensino público ou privado é elevado (no total 16 jovens, o que corresponde a 80% do total) como é representado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Situação actual no ensino



Nota-se que uma parte substancial dos jovens entrevistados não concluiu o ensino secundário o que mostra uma clara ruptura com o sistema educativo regular. A tendência identificada por Benavente, Campiche, Seabra, e Sebastião (1994), confirma-se nos testemunhos recolhidos: insucessos e reprovações, o desinteresse pelas “matérias”, os círculos de amigos e a vontade de trabalhar, ganhar dinheiro ou conquistar autonomia tendem a convergir e a acumular-se em trajetórias de exclusão da escola. Nas narrativas dos jovens, o abandono escolar surge quase como uma “fatalidade”, muitas vezes determinada por acontecimentos marcantes que os obrigaram a decidir por tal atitude.

(...) Muitos jovens não agarram as oportunidades de estudo oferecidas por instituições como “Infância Feliz” porque os grupos rivais do bairro Calabaceira [lugar onde está localizado o complexo escolar Infância Feliz] têm impedido os jovens de Safende de frequentar as aulas. (Jovem do sexo masculino de 19 anos de idade, 8º ano de escolaridade - incompleto - J11);

O fenómeno do abandono escolar precoce constitui, para autores como Benavente *et al.* (1994), acima de tudo, uma manifestação de pobreza, de privação de muitas das condições básicas de acesso à plena cidadania. O défice de capital económico, cultural e o isolamento físico e também comunicacional constituem aspectos que tendem a associar-se, de forma quase recorrente, à ocorrência significativa de saídas das crianças e jovens do sistema de ensino em diferentes níveis. No entanto, torna-se perverso assumir uma causalidade linear na explicação deste fenómeno, por isso alguns autores

recomendam que seja levado em conta no resultado deste facto a conjugação de diversos factores – de natureza individual, familiar, meio envolvente, regulação do mercado de trabalho, etc. Contudo, o factor pobreza, encarado na sua multidimensionalidade, raramente está ausente, quase sempre faz parte do núcleo central de factores que mais contribuem para o abandono escolar precoce.

No que concerne à formação realizada os jovens entrevistados caracterizam-se pela diversidade de perfis. Entretanto, nota-se que 10 do total dos jovens entrevistados (correspondendo a 50% do total) não possuem nenhuma formação específica, como pode ser visualizado na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição dos jovens segundo a formação realizada

Formação (cursos)	Entrevistados
Arte em Cabedal; Bijutaria;	J1; J3;J4;J9;J15;
Atendimento ao público	J1
Etiquetagem	J1
Construção civil	J2; J3
Formação pessoal	J1
Informática	J2; J12; J14;J15;
Marketing	J1
Gestão de pequenos negócios; reciclagem de papel	J1; J3
Formação profissional no sistema de informação geográfica	J6;
Contabilidade	J16;
Nenhuma formação	J5; J7;J8;J10; J11; J13; J17;J18; J19; J20;

Ao reproduzir um discurso que parece generalizar-se, em várias das entrevistas aos jovens de Safende, surgem referências ao desemprego. Pela Tabela 3 percebe-se que o cenário a nível da situação laboral caracteriza-se da seguinte forma: (a) catorze jovens entrevistados encontram-se desempregados; (b) três em trabalho precário de grande instabilidade financeira; (c) um jovem em trabalho por conta própria; (d) dois jovens que possuem um contrato que revela alguma segurança. Entretanto, verifica-se, a partir da mesma tabela, que a incidência do desemprego se situa nos jovens que não possuem experiências profissionais, ou então essas experiências se cingiram apenas às áreas da construção civil (assistência de pedreiro que não exigiu nenhuma formação associada). Este “saber” adquirido na construção civil foi obtido a partir das experiências informais, da observação e do fazer sob a supervisão dos mais experientes.

Tabela 3: Caracterização das experiências profissionais e da situação laboral dos jovens entrevistados

Experiência profissional	Situação laboral	Entrevistados
Nunca trabalhou formalmente, mas já fez estágios;	Trabalho precário (sistema de biscate)	J1
Atendimento ao público; serviço de mesa e operador de caixa;	Contrato	J2
Reciclagem de papel; confecção de bijutarias; serviços administrativos;	Contrato	J3
Pintura de parede;	Desempregado	J4
Inquérito INE;	Desempregado	J6
Assistente na área de construção civil;	Desempregado	J5; J7;J8; J10; J17;
Confecção de bijutarias, sandálias em couro; lavagem de carros;	Trabalho Precário (sistema de biscate)	J9;
Informática;	Desempregado	J16
Confecção de sandálias;	Desempregado	J15
Lavagem de carros; assistente na área de construção civil;	Trabalho precário (sistema biscate)	J18
Serralharia.	Trabalho por conta própria	J20
Sem experiência profissional	Desempregado	J11; J12;J13;J14; J19;

Uma outra leitura que se pode fazer a partir da referida tabela é a discrepância entre curso efectuado e experiência profissional. Ao comparar as duas tabelas (2 e 3) nota-se que, apesar de alguns jovens enumerarem as formações efectuadas, estas não correspondem às experiências profissionais adquiridas. Esta constatação prende-se por vezes com a falta de sintonia entre a educação, a formação e o mercado de trabalho.

Dos jovens entrevistados que estão desempregados, ao nível do ensino, comprova-se que cinco possuem a escolaridade básica (5º e 6º anos), seis o ensino secundário incompleto (7º, 8º e 9 anos), dois já terminaram o 12º ano e um encontra-se no ensino superior. De entre aqueles (no total cinco jovens) que têm o ensino básico, apenas um possui formação (Arte em cabedal e bijutarias). Deste universo, a nível da experiência profissional, três possuem experiências como assistente de pedreiro, um como pintor de parede e o outro não possui nenhuma formação específica. Em relação ao ensino secundário incompleto, dos cinco jovens, três não possuem formação e dois fizeram a formação em informática. Relativamente às experiências profissionais, há dois jovens com experiência na área da construção civil, um na área de confecção de sandálias e dois sem nenhuma experiência profissional.

A tendência para elevada escolarização da população e o aumento da taxa de desemprego, enquanto traços constituintes da sociedade actual, têm conduzido a discussões frequentes acerca da desarticulação entre o sistema de ensino e o mercado de

trabalho. Esta exigência aliada ao aumento do desemprego, principalmente na camada juvenil é notável no universo dos entrevistados. Assim, dos cinco jovens que já concluíram o 12º ano de escolaridade (nível mais elevado do universo de entrevistados) três não trabalham, um estuda e os dois restantes não estudam e nem trabalham. Um traço evidenciado nos discursos dos jovens é um pessimismo generalizado relativamente às oportunidades no mercado de trabalho. Quase todos os entrevistados se revelaram preocupados e insatisfeitos com a crescente dificuldade de integração sócio - profissional. No entanto, esta preocupação ganha maiores proporções se considerarmos que esta tendência é estruturante das sociedades contemporâneas e deve, assim, manter-se ou até acentuar-se num futuro próximo.

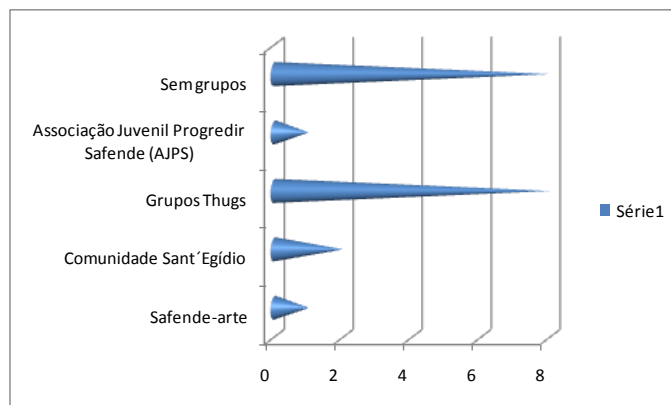
Nesta conjuntura e num contexto de dificuldades acrescidas no acesso ao mundo do trabalho e de informalização dos vínculos laborais, como já foi anteriormente mencionado, o “capital relacional” parece, agregar funções importantes no suporte das pessoas. Esse capital, gerado pela quantidade e qualidade das redes pessoais e familiares, é obviamente muito condicionado quer pela classe social de origem quer pelo próprio percurso profissional dos jovens. Para tal, as redes de contacto são importantes na criação de estratégias proactivas (*ex ante*) e reactivas (*ex post*) caso o risco se materialize, também na identificação de novas oportunidades. No entanto o grau de desenvolvimento dessa rede e a qualidade dos vínculos pode ser determinante no sucesso das respostas a uma situação de risco social.

Com já foi dito, uma boa rede de contactos pode ajudar a superar a quantidade limitada de oportunidades e recursos. Todavia, o maior contributo advém da rede de contacto de proximidade, como por exemplo a família. Para os jovens entrevistados a família assume um papel preponderante na resposta às situações de perigo ou falta, no que toca aos apoios extensivos, ao vestuário, à alimentação, a materiais didácticos, ao lazer, etc. Assim, dos 20 entrevistados catorze (70%) relataram depender da família (pai, mãe e irmãos) na satisfação das necessidades básicas. Esta situação verifica-se pela condição de desempregado destes jovens.

Uma outra fonte de “capital relacional” e forma de participação social dos jovens de Safende são os grupos formais (associações) e os não formais (grupo de pares). Esta expressão pode ser observada a partir das entrevistas, nas quais doze jovens (equivalente a 60% do total entrevistado) revelaram pertencer a algum grupo no bairro, dos quais se destacam: (a) quatro aos grupos oficiais: Safende-arte; comunidade Santo

Egídio; Associação Juvenil Progredir Safende (AJPS); e oito aos grupos não oficiais: grupos auto - proclamados *thugs* (SB e SB Júnior) (cf. o Gráfico 4).

Gráfico 4: Participação dos jovens nos grupos do bairro



A participação nos grupos formais e não formais é um indicador importante na análise das formas de ocupação dos tempos livres desses jovens. Assim, há que se ter em conta a filosofia/princípios dos grupos a que os jovens pertencem, na medida em que, como aponta Moscovici e Doise (1991) quanto mais sólido for o grupo mais os interesses colectivos se sobrepõem aos interesses individuais, o que faz com que muitas vezes haja uma conformidade aos desígnios do grupo.

No entanto, no âmbito das relações na comunidade, um outro aspecto a considerar centra-se no facto de um número expressivo de jovens (no total 8, correspondendo a 40%) afirmar não pertencer a nenhum grupo do bairro:

“Não pertenço a nenhum grupo... claro, dá-me vontade sim, mas nunca procurei integrar-me, por vezes há falta de comunicação com os integrantes do grupo”. (Jovem do sexo masculino de 19 anos de idade, 10º ano – incompleto - J15).

As relações interpessoais no bairro ganham uma importância considerável até pelo tipo de relacionamento e apoio que são mobilizados. Portanto, dos jovens entrevistados, nove caracterizaram a relação com os vizinhos como tranquila, acreditam que estes ajudam no processo de integração dos jovens, na medida em que procuram sempre inculcar -lhes o sentimento de responsabilidade ao aconselhá-los a evitar conflitos entre os grupos rivais. Porém, um grupo de três jovens dizem sentir que estes são desconfiados na forma como os tratam. A justificação apresentada prende-se com o historial de delinquência dos mesmos no bairro, que os coloca à margem do próprio espaço. Entretanto, não se pode dizer que estão fora do espaço, pois para Castel (1998)

não há ninguém fora da sociedade, mas um conjunto de posições cujas relações com seu centro são mais ou menos distendidas.

4.2 O bairro Safende no olhar dos jovens actores

4.2.1 A percepção da vivência no bairro Safende

Para dar início à análise da vivência no bairro Safende foram codificadas as entrevistas nas seguintes categorias de análise: tipologias das oportunidades e dos constrangimentos do bairro; formas de ocupação de tempos livres; imagem dos colegas do bairro e dos bairros vizinhos; representação do bairro e expectativas de mobilidade. Para cada categoria foram apresentadas as respectivas sub – categorias, conforme o anexo IX.

a) O uso das estruturas de oportunidade

As estruturas de oportunidade, como anteriormente referenciado, entendida como probabilidade de acesso a bens, serviços ou actividade que incidem sobre o bem-estar do indivíduo, constituem - se num instrumento que facilita o uso de recursos próprios ou fornece novos recursos, úteis para a mobilidade e a integração social, através dos canais existentes, como salienta Kaztman e Filgueira (1999). Portanto, a identificação desses bens e serviços ajuda-nos a compreender a existência e/ou inexistência de oportunidades num determinado espaço, o seu acesso e a forma como estas são percebidas e avaliadas pelas pessoas daquele espaço.

Na identificação das estruturas de oportunidade no bairro Safende, quatro jovens deste bairro (correspondendo a 20% do total entrevistado), enumeraram o Espaço Aberto Safende como uma oportunidade nova daquele bairro, pela possibilidade de operacionalizar condições de aquisição de competências, através de informações e formações em áreas diferenciadas. Todavia, a maioria dos jovens entrevistados, no total doze (60% do total), classifica de insuficientes as oportunidades do bairro, pela dificuldade destas em contemplar e superar as necessidades da maioria dos jovens:

“Eu acho que satisfaz pouco as necessidades dos jovens, na medida em que um número muito reduzido de jovens tem possibilidade de usufruir desses

espaços [Espaço Aberto Safende; Casa do Direito Safende; Terra batida, pavimento para a prática de desporto]”. (Jovem do sexo masculino de 21 anos de idade, 12º ano - completo - J2);

Essa classificação prende-se ainda com a ausência de infra-estruturas consideradas importantes para a ocupação dos seus tempos livres, como por exemplo, unidades desportivas (para as diferentes modalidades). A partir desta constatação um jovem critica o facto dessas escassas oportunidades serem disponibilizadas àqueles que não as aproveitam.

“Existem algumas oportunidades, mas estas nem sempre são oferecidas às pessoas que merecem e, muitas vezes, àquelas que são dadas, essas oportunidades, não as aproveitam da melhor maneira, como por exemplo as formações que são ministradas aos jovens neste bairro. São dadas oportunidades somente aos familiares mais próximos das pessoas que estão à frente da organização das formações. Assim, aqueles que se candidatam e têm capacidade para isso não são seleccionados” (Jovem do sexo masculino de 25 anos de idade, 12º ano - completo - J6).

Uma outra apreciação das oportunidades do bairro é feita por quatro dos jovens entrevistados (20% do total): caracterizam - nas como inexistentes por não atenderem às suas necessidades de integração no mercado de trabalho (ausência de emprego).

O uso (ou “valor - signo”, nos termos de Baudrillard, 1981) que se faz de um objecto/infra-estrutura pode, numa sociedade de consumo, muitas vezes estar em conflito com o valor económico a ele atribuído, uma vez que toda a dimensão valorativa implica necessariamente escolhas, formas e perspectivas de se relacionar com esse recurso (Leite, 2004). Tomando como base os dois conceitos de Menezes (2000, como citado em Leite, 2004, p.68) “valor afectivo”⁴² e valor pragmático”⁴³ aplicados aos bens culturais, percebe-se que na apropriação do espaço se recupera o sentido atribuído pelo indivíduo às oportunidades/ infra-estruturas existentes, ou seja, seu sentido de “pertença” e o valor pragmático que implica o uso qualificado dos recursos. Assim, pode-se inferir que a forma como cada pessoa se apropria das oportunidades constitui um indicador importante para entender as percepções diferenciadas dos recursos (bens e serviços), dos constrangimentos do bairro e o significado /valor atribuído a esses recursos ou à sua ausência. Para tal, dos 20 jovens entrevistados, metade (50% do total) relata que é pró-activa no uso das fontes de informação como “Espaço Aberto”, internet, anúncios no jornal ou no contacto com as outras pessoas do bairro:

⁴² “(...) às relações subjectivas dos indivíduos com espaço, estruturas, objectos (...) que alimentam os processos identitários ou da memória social”;

⁴³ “Valores de uso percebidos como qualidades”.

“Normalmente as necessidades são maiores do que as oportunidades. Por isso quando aparecem as poucas oportunidades procuro aproveitá-las da melhor forma possível, para servir de exemplo aos outros jovens e fazê-los perceber que devem aproveitar o pouco que aparece da melhor maneira possível. (Jovem do sexo masculino de 21 anos de idade, 12º ano - completo - J2);

Entretanto, esta atitude não é extensiva a todos os jovens do bairro, pois nove jovens entrevistados (45% do total) revelaram que não têm apropriado das oportunidades do bairro como as formações oferecidas pelo Espaço Aberto, da forma como gostariam, por falta de tempo, incompatibilidade da habilitação literária aos cursos oferecidos, falta de vaga nas formações de interesse, preferência por outros cursos, e ainda por receio em se deslocarem e /ou frequentarem sozinhos essas formações.

b) Ocupação dos tempos livres

A ocupação dos tempos livres em contextos sociais assume formas diversificadas e desiguais, tanto formais como de significações. A análise das formas de ocupação dos tempos livres dos jovens subdividiu-se em três sub - categorias: com os amigos, com a família e sozinhos (vide anexo VI). Dos jovens entrevistados, catorze (70% do total) ocupam os seus tempos livres na companhia dos amigos passeando pelas ruas do bairro, frequentando discotecas, jogando à bola, realizando outras actividades, como por exemplo o “*karáka*⁴⁴”. Nota-se com esta preferência que para os jovens, tal como para a generalidade dos indivíduos, o lazer constitui um espaço de autonomia difícil de encontrar nos contextos familiares, escolares ou sociais. Nesse convívio com os amigos (colegas do bairro), por vezes, são oferecidas oportunidades de experimentação de comportamentos e de práticas que, em outras circunstâncias, dificilmente seriam aceites. Por outras palavras, essa relação fortalece acções e iniciativas que os jovens sozinhos podem não sentir impulso para o seu desenvolvimento. Esta convivência assume contornos importantes, como pode ser constatado no depoimento desse jovem de 16 anos, com o 6º ano de escolaridade incompleto, sem nenhuma formação extra e desempregado:

⁴⁴ Actividades realizadas por jovens, na qual cada um traz um ingrediente: arroz, óleo, azeite, para a realização de um prato. Na maioria das vezes este ritual é acompanhado de bebidas e drogas, como é salientado pelo líder comunitário entrevistado.

“Acordo e fico a andar pelo bairro com os meus amigos, por vezes incomodo os outros, faço delinquência”. (Jovem do sexo masculino de 16 anos de idade, 6º ano – incompleto - J8);

O estar com os amigos, a maior parte do tempo dos jovens entrevistados, mostra também o peso que assumem os grupos de pares no processo identitário dos jovens, na medida em que estes procuram ensaiar novos modos de ser e de fazer, adquirindo um “capital de experiências” importante para a condução dos processos de negociação das suas identidades que ocorrem em outras esferas sociais:

“Amizade é muito importante, é bom mesmo! Imagina se eu não tivesse amigos!? Em vez de ficar em casa, saio com eles. Se não tivesse amigos ficaria sempre em casa, não falava com eles, tornar-me-ia numa pessoa fechada a convivência com os outros”. (Jovem do sexo feminino de 16 anos de idade, 1º ano do curso Comunicação e multimédia - J16).

A relevância atribuída às relações de sociabilidade, quer estas se refiram ao círculo dos amigos, quer remetam para o apoio recebido, assinala a importância atribuída pelos jovens aos grupos de pares, na medida em que é no contexto do círculo de amigos que têm lugar as experiências de um mundo desconhecido, através da mobilização colectiva de um forte espírito de aventura. Portanto, percebe-se que a prática de lazer dos jovens entrevistados no bairro Safende obedece a duas lógicas complementares:

(i) Como mecanismos de socialização e de integração social nos seus espaços de pertença, indispensáveis à autonomização das identidades sociais. Entretanto, por vezes estes mecanismos levam a processos de (des) regulação social potencializadores de formas marginais ou desviantes de comportamentos e práticas sociais no bairro Safende como a formação de grupos rivais denominados *thugs*. Esses grupos rivais, mais do que qualquer outro grupo oficial de cariz religioso, recreativo ou social, foram os mais apontados pelos entrevistados (identificados por catorze jovens - 70 % do total) como fazendo parte da realidade do bairro Safende. Dos vinte entrevistados, a maioria (no total oito jovens - 40%) admitiu pertencer a um dos três grupos existentes no bairro: *Safende's Boys Júnior*; *Safende's Boys e XL*. Arrisca-se a dizer que talvez este reconhecimento possa ser justificado pelas características dos grupos como evidenciam os excertos:

“Existem também grupos de jovens chamados *thugs* que causam distúrbios e delinquências (brigas entre grupos rivais), furtos, etc. Os grupos desse tipo que conheço são SB Júnior e Sénior, XL e Joanas, *Btwelve*”. (Jovem do sexo

masculino de 21 anos, 12º ano – completo - J2). “Esses grupos de jovens não fazem nada de importante para o bairro é só violência, distúrbios. Essa situação terminou com o “chá da paz” (Jovem do sexo masculino, 22 anos, 6º ano – incompleto - J4). “Existem grupos SB; SB Júnior; XL; Nenhum dos seus membros trabalha, ficam o dia inteiro sentados, só passeiam e se envolvem em brigas. Mas esses grupos querem melhorar de vida, já não entram mais em conflitos, estão a procurar trabalho, mas não há trabalho”. (Jovem do sexo masculino de 18 anos, 7º ano - completo - J10).

(ii) Enquadrada numa perspectiva mais global sobre as características de lazer contemporâneo, estas práticas desenvolvem-se no quadro das condições sócio - económicas que definem a posição dos jovens, dos amigos e das suas famílias no bairro, na medida em que pelas escolhas efectuadas e relatadas pelos jovens verifica-se que desenvolvem actividades sem custos associados (estar na berma da estrada) ou com custos mínimos (fazer “*karáka*” que decorre da contribuição de todos, ou seja cada um leva aquilo que pode: temperos, carnes, arroz, para o cozinhado). Estas actividades retratam, na maioria das vezes, o dia-a-dia dos jovens no bairro, como pode ser visto no excerto em baixo, no depoimento de um jovem de 19 anos de idade, com o 12º ano de escolaridade e desempregado:

“Passo os meus tempos livres com os meus colegas, estamos sempre juntos. Normalmente aos fins-de-semana, fazemos a nossa *paródia* tipo “*xintada*”, compramos bebidas, quem bebe sumo compra sumo, quem consome cerveja compra cerveja: eu bebo cerveja. Juntamos e compramos”. (Jovem do sexo masculino de 19 anos de idade, 12º ano completo, J12);

O perfil social que estes dados permitem delinear põe em evidência a preponderância dos jovens oriundos de famílias numerosas (ao todo dez jovens⁴⁵, correspondendo a 50% do total, vivem numa família em que para além dos pais e irmãos fazem parte avós, tios, sobrinhos, primos – denominada de Família alargada⁴⁶). Um outro factor condicionante às escolhas efectuadas é a questão do desemprego que abarca a maioria dos jovens entrevistados (ao todo catorze - 70% do total). Este factor afecta o poder de compra e a própria relação que estes têm com o seu espaço de pertença, neste caso o bairro Safende.

⁴⁵ As tipologias familiares diferenciam-se de acordo com a composição do agregado familiar. Neste universo de análise para além dos dez jovens, encontramos cinco jovens vivendo com a mãe e os irmãos (intitulada de Família Monoparental); três jovens a viver com os pais e irmãos (Família nuclear); um jovem vivendo com o irmão; e um que vive na casa da mãe, mas sozinho, na medida em que é órfão de pai, a mãe é emigrante e os irmãos mais velhos vivem em suas casas.

⁴⁶ Considera - se família constituída pela presença ou ausência dos dois cônjuges e que agrega outros elementos como por exemplo sobrinhos, avós, tios, primos.

c) *Percepção dos jovens: de si próprios e dos outros*

A imagem que os jovens têm dos outros da mesma idade pode reflectir a imagem que estes têm de si mesmos, as suas necessidades e seus constrangimentos, muitas vezes não tidas conscientemente. No que toca a essas imagens, as opiniões se divergem em dois extremos, por um lado argumentos que atestam os constrangimentos vividos pelos colegas que dificultam a sua integração social. Por outro, revelam algumas das suas potencialidades.

Relativamente a essas potencialidades, quatro dos jovens entrevistados (20% do total) elegeram alguns aspectos como o apoio das suas mães nos momentos mais difíceis; o talento para a dança, música e futebol; a perspectiva/sonho de um futuro risonho e os primeiros passos para a celebração da paz entre os grupos rivais, como aspectos valorativos dos colegas do bairro. Entretanto, as dificuldades enfrentadas pelos jovens do bairro Safende têm sido uma preocupação dos entrevistados. Das doze manifestações das dificuldades elencadas pelos jovens entrevistados, concentra-se a maior parte (8 jovens, 40% do total) na falta de formação e emprego, apontados como sendo os principais factores de vulnerabilidade dos jovens de Safende, na medida em que constituem formas reais de ocupação e na oportunidade de melhorar as suas condições de vida.

Uma outra dificuldade dos jovens do bairro é a fraca participação nas associações juvenis locais, uma vez que o associativismo, para alguns autores, é entendido como uma forma de exercício da cidadania e um contributo ao desenvolvimento comunitário, como mostra o depoimento deste jovem:

“ Os jovens de Safende, penso que precisam de mais apoios, mas também precisam de fazer a sua parte, como por exemplo, formar um grupo que realiza apenas coisas boas (*bu intendi*) como uma equipa de futebol, associação juvenil. Apesar de existir associações juvenis no bairro, a maioria dos jovens não as frequenta. Essas associações precisam de ser alargadas a mais jovens, ter a participação de mais jovens”. (Jovem do sexo masculino de 22 anos de idade, 6º ano – incompleto - J4);

Entre essas duas situações extremas que acabamos de evocar, há uma gama variada de possibilidades intermédias, que mostram que o espaço apreendido e vivido, como é o caso do bairro Safende, apresenta dimensões muito variáveis e significação também muito diversificada pelos jovens, como pode ser visto no anexo IX. Como é o caso de dois dos entrevistados (10% do total) que evidenciaram comportamento

desajustado que se verifica no assalto às pessoas, aos bens e no consumo abusivo do álcool. Essas condutas para esses jovens apontam formas substitutas de se relacionar com o espaço social.

A adaptação à realidade plural nas formas de pensar e viver, na actual conjuntura, exige, como nos dizem autores como Ruiz, López e Sanchez (2007), de uma forma cada vez mais urgente, a formação dos cidadãos competentes para fazer face à mesma. Visto que a visão de um mundo homogéneo e uniforme já não existe, estamos perante uma profunda e rápida transformação global como nunca antes havia acontecido. Desse ponto de vista, a formação, como já foi referido anteriormente, constitui uma exigência à integração profissional e é perspectivada como uma oportunidade dos jovens desenvolverem competências. Essa ideia é defendida por dezassete jovens entrevistados, 85% do total. O universo das motivações é representado, sistematicamente, por quatro tipos de razões que representam a importância da formação como: (a) um instrumento essencial para a entrada no mercado de trabalho; (b) uma forma de obter um rendimento posteriormente (num trabalho) e/ou garantia de um emprego; (c) uma forma de aquisição de novos conhecimentos, experiência profissional; (d) uma boa forma de ocupação dos tempos livres, pois resta menos tempo para se envolver em conflitos, contribuindo de certa forma para não se fazer coisas erradas:

“ Acho importante fazer formações, pois enquanto estiveres parado tens de procurar ocupação, para não falarem mal de ti, e para não seres excluído da sociedade. É claro que a sociedade valoriza a formação, porque, no bairro, se tiveres um bom emprego, vêem-te com outros olhos. Só o facto de estares a trabalhar é suficiente para não te envolveres em conflitos, como muitos jovens fazem”. (Jovem do sexo masculino de 19 anos, 12º ano completo - J12)

Na análise das entrevistas observa-se que a grande maioria das formações (cf. a Tabela 2) apresentadas pelos jovens foi obtida no Espaço Aberto Safende, mediante um processo de inscrição e selecção do curso pretendido. Percebe-se que a formação dos jovens centra-se nos cursos de arte em cabedal, bijutarias e Informática, tendo em vista que estes constituem actividades geradoras de rendimento e, conseqüentemente, de integração social.

A referência ao Espaço Aberto, faz-nos pensar na relevância de equipamentos locais que atendem às necessidades desses jovens na superação de lacunas e no desenvolvimento de instrumentos que auxiliam na utilização de recursos novos e na possibilidade de criar outras oportunidades a partir das identificadas.

A comparação com os jovens dos outros bairros periféricos da capital do país acaba por ser uma tentativa de afirmação e de construção de referências dos de Safende. Sob esta visão foram identificados aspectos que colocam estes jovens “ não autóctones” em posição de vantagem a nível social e comportamental. A nível social apresentam a existência de melhores infra-estruturas desportivas e mais oportunidade de emprego. A nível comportamental é salientada a atitude proactiva na melhoria do bairro e a cordialidade no relacionamento interpessoal. Contudo, esta última denota um posicionamento ambivalente uma vez que é apontada como um dos motivos que faz com que esses jovens estejam em posição de desvantagem face aos jovens de Safende. Argumentos como rivalidade grupal influenciada pelos *thugs*, comportamento instável dos jovens e a ausência de actividades como “Chá da paz”, também são apresentados pelos jovens como factores dessa posição de desvantagem.

No meio das opiniões extremas, quatro jovens (correspondendo a 20% dos entrevistados) nessa análise comparativa, concluem que há um equilíbrio em relação aos comportamentos e características dos colegas do bairro e os dos bairros vizinhos. Argumentam ainda, que estes não estão nem melhores e nem piores, na medida em que existem jovens que estudam e trabalham e outros que cometem algum delito:

“Acho que há um equilíbrio entre os jovens dos diferentes bairros da capital e o bairro de Safende. Nos outros bairros também existem jovens que estudam e trabalham, que são responsáveis e outros que são mais para a delinquência. Acho que estão iguais não estão nem melhores nem piores do que os jovens do bairro” (Jovem do sexo feminino de 23 anos, 12º ano completo - J3).

d) Constrangimentos do bairro

Por analogia ao ambiente social, apoio social e comportamento dos jovens dos bairros vizinhos percebe-se que os constrangimentos vivenciados e evidenciados pelos jovens ao longo das entrevistas centram-se nos seguintes aspectos: (a) infra-estruturas insuficientes e inadequadas à prática desportiva e à ocupação dos tempos livres; (b) instabilidade relacional que dificulta uma troca harmoniosa com o espaço de pertença; (c) consumo de substâncias como o álcool e a droga é indicado como propiciador de um ambiente de conflito na camada juvenil e não só.

Um outro constrangimento apontado pelos jovens (dois no total, correspondendo a 10% dos entrevistados) é a imagem negativa sobre o bairro, acumulada ao longo de

sucessivos acontecimentos como brigas, tráfico e consumo de drogas na década de 90, embora os que actualmente convivem diariamente no bairro admitam ser uma imagem do passado:

“O bairro tem má fama, por ter muitos *thugs*, muitas drogas que prejudicam a imagem interna e externa do mesmo bairro. Os jovens não ajudam muito. Antigamente havia muitas coisas más, mas agora isso mudou um pouco. Hoje os jovens não querem ouvir falar mal do bairro”. (Jovem do sexo feminino de 16 anos, 1º ano do curso Comunicação e multimédia - J16);

Apesar de para alguns essa imagem negativa repousar no passado, esta acaba, de alguma forma, por ser a imagem que transparece a nível externo assumindo a classificação que associa os jovens e a população em geral do bairro a uma identidade cultural determinada que acaba por funcionar como estigma social que lhes é atribuído de forma negativa, desviante dos padrões culturais dominantes, como nos ilustra Lima (2010).

Independentemente dessa imagem interna modificada nos últimos anos, verifica-se que para seis jovens (correspondendo a 30% do total), os constrangimentos vivenciados no bairro, resumem-se aos apoios precários recebidos ou à falta destes, a nível de orientação dos jovens por técnicos especializados, da energia e saneamento do bairro, da falta de emprego e ocupação dos jovens, da diferença a nível de tratamento dos jovens e da precariedade das famílias residentes.

Para sete jovens, 35% do total entrevistado, esses constrangimentos provocam impactos a nível comportamental por criar condições propícias para o consumo abusivo de substâncias como droga e álcool, de delinquência dos jovens que, conseqüentemente, levam à insegurança dos moradores e à desordem no bairro. A nível da relação com o espaço de pertença, para dois jovens (10% do total), este impacto manifestar-se-á da seguinte forma: aumento do consumo das substâncias tóxicas e proliferação dos grupos rivais (*thugs*) e a sua influência na mudança comportamental dos restantes jovens.

e) *Representação do bairro*

Os constrangimentos vivenciados pelos jovens no bairro Safende reflectem-se na forma como este é representado. A representação do bairro Safende foi mais uma das categorias para perceber como é a vivência dos jovens naquele bairro. Identificaram-se

as representações positivas e negativas do bairro (vide anexo IX). Nesta análise constatou-se que, este bairro apesar de ter um historial de tráficos de droga e invasão policial, para três jovens (15% do total de entrevistados) representa segurança, por se sentirem à vontade ao percorrer as ruas, a qualquer hora, e adaptados à rotina do mesmo. O bairro é representado positivamente, para oito jovens, 40% do total, por ser um local onde nasceram e cresceram e também a residência dos familiares e amigos. Percepcionam, assim, o bairro como um espaço de forte identificação afectiva.

Porém, um outro grupo de jovens entrevistados (no total 5 jovens, correspondendo a 25%) que possui uma representação negativa do bairro, elege a instabilidade relacional e a insuficiência de infra-estruturas, desarticuladas das suas necessidades como o principal motivo desta representação. Essa instabilidade traduz-se sobretudo a nível do relacionamento entre os moradores e na dificuldade de se manter um ambiente harmonioso no bairro.

f) Expectativa de mobilidade social

A expectativa de mobilidade dos jovens entrevistados reflectida nos seus discursos demonstra o interesse na mudança das condições actuais e a centralidade das suas preocupações. O enquadramento profissional aparece no discurso de dez jovens entrevistados, correspondendo a 50% do total. O emprego é percebido, então, como uma forma de melhorar as condições de vida, de emancipação social e familiar, na medida em que os jovens têm a possibilidade de ter o seu próprio dinheiro que condiciona as suas escolhas no dia-a-dia. Enquadra-se na mobilidade social pelo facto do emprego proporcionar mudanças a todos os níveis. Complementar ao nível financeiro, três jovens entrevistados (15% do total) apontam como projectos futuros a obtenção de profissões como arquitecto, jogador de futebol, electricista, numa perspectiva de mobilidade profissional, talvez pela percepção do enquadramento no mercado de trabalho através dessas profissões.

A independência familiar é outro projecto evidenciado pelos jovens, a preocupação da autonomia em relação à família de origem e na criação de uma família própria. Assim, dois dos jovens entrevistados (10% do total) perspectivam ter uma esposa/esposo e filhos e casa própria.

A mobilidade geográfica aparece como uma solução aos constrangimentos vivenciados no bairro, enquadrada num processo mais global, por isso dois dos jovens entrevistados (10% do total) almejam fazer a sua vida fora do cenário cabo – verdiano. Tradicionalmente a emigração em Cabo Verde tem sido o recurso principal para a mudança de vida. Entretanto, nas últimas décadas as políticas migratórias cada vez mais restritivas dos países de acolhimento têm contribuído para o embargo do extracto mais pobre da nova geração de seguir os passos dos seus pais e dos seus avós, tornando assim para muitos deles praticamente impossível melhorar de forma significativa as suas condições económicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conjuntura actual, face às inúmeras exigências de integração social, profissional e no espaço de pertença, com as quais os jovens são confrontados, colocam também desafios à intervenção social. Assim, os modelos tradicionais de intervenção baseados na abordagem *top - down* e nas lógicas de projectos espelhados à luz das exigências dos financiadores, já não se mostram eficazes para dar respostas a essas dinâmicas sociais. Para tanto torna-se oportuno, uma reflexão sobre os seus propósitos teóricos, epistemológicos e da validade dos seus modelos, perante as transformações produtoras da vulnerabilidade e da exclusão social.

Neste cenário, o presente trabalho procurou investigar “em que medida os jovens de Safende percebem a vivência neste bairro como potencializadora da dinâmica da vulnerabilidade?”

A vulnerabilidade, neste estudo, reflecte o resultado de um desfazamento entre a existência, o acesso a estruturas de oportunidade (essas provenientes do Estado, do Mercado e da Comunidade) e os activos dos jovens. A primeira componente da vulnerabilidade (estruturas de oportunidade) refere-se à mobilização dos recursos materiais e simbólicos no contexto que permitem ao indivíduo desenvolver-se na sociedade. O Estado, o Mercado e a Comunidade contribuem com papéis distintos e interligados no que toca ao grau de abertura e eficácia da oportunidade ao bem-estar, na medida em que os recursos disponibilizados são submetidos a critérios diferenciados. A segunda componente diz respeito aos activos, esses recursos dos indivíduos que podem ser materiais ou imateriais, cuja mobilização permite melhorar as suas condições de bem-estar e, conseqüentemente, prevenir a sua vulnerabilidade.

Tendo em conta que o nível de vulnerabilidade varia de acordo com os recursos e o controlo dos activos dos indivíduos, é de salientar que os recursos dos territórios e a forma como estes são usados, dependem do esforço próprio e também das trocas no mercado, das modificações nas prestações estatais e do acesso aos recursos da comunidade como é afirmado por Katzman e Filgueira (1999).

Das entrevistas feitas aos jovens do bairro Safende, de carácter semi- estruturado, percebeu-se que, como os demais bairros periféricos da capital, Safende depara-se com problemas estruturais, o que denota a presença de problemas complexos e que se relacionam entre si. Pela sua expansão verifica-se que se trata de um bairro extenso e populoso⁴⁷, espelhando carência de respostas a diversos níveis: infra-estruturas colectivas adequadas, problemática de inserção no mercado de trabalho (como o desemprego e o emprego precário), questões como alcoolismo e droga principalmente na população mais jovem. Todavia, recentemente houve mobilização de esforços e de parcerias com vista a minimização das carências locais especificamente a nível das infra-estruturas como por exemplo a construção do Espaço Aberto Safende , Casa do Direito Safende, “pavimento” desportivo; equipamentos estes, que visam dar respostas à inserção sócio - profissional, ocupação saudável dos tempos livres, apoio educativo e a defesa dos direitos civis.

O trabalho de pesquisa desenvolvido a propósito da análise da dinâmica da vulnerabilidade dos jovens de Safende, no contexto social cabo-verdiano, permitiu dar conta do que inicialmente havíamos afirmado sobre os factores potencializadores dessa dinâmica. Ou seja, os jovens de Safende indicam como principal factor da vulnerabilidade a existência, naquele bairro, de oportunidades insuficientes e inadequadas às suas necessidades. Observamos que a insuficiência de estruturas de oportunidade que visam atender às necessidades educativas, de emprego e de ocupação dos tempos livres saudáveis dos jovens, configura-se num dos factores preponderantes avançados por eles, embora indiquem infra-estruturas como o Espaço Aberto, Casa do Direito Safende, “pavimento” desportivo como sendo recursos novos para o bairro. Todavia esses equipamentos por serem recentes no bairro (como é o caso da Casa do Direito Safende) ou por factores como sejam: falta de tempo, incompatibilidade entre habilitação e cursos oferecidos, falta de vaga ou de interesse por outros cursos (como é o caso dos serviços oferecidos no “Espaço Aberto Safende”), a impossibilidade da prática de modalidades desportivas diferenciadas e falta de condições do próprio espaço (campo relvado, com tamanho apropriado), circunstâncias essas, que se apresentam como factores que dificultam o uso desses espaços e a sua identificação como oportunidades e criação, a partir dos mesmos espaços, de novas oportunidades.

⁴⁷ Relativamente ao censo 2000 do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE) a população de Safende rondava os 4253 mil habitantes.

A compreensão da vulnerabilidade a nível do contexto aponta para o facto de que independentemente da quantidade e do tipo de recursos disponíveis torna-se necessário que estes recursos sejam percebidos pelos jovens como oportunidade para melhoria das suas condições de vida. Esse desafio com que os jovens são confrontados, tem impacto, ao mesmo tempo, a nível da intervenção social, sendo fundamental analisar as lógicas subjacentes (Baudrillard, 1981), ao comportamento dos mesmos, como sejam: (a) utilidade prática dessas acções (lógica funcional); (b) utilidade de troca ou “retorno/ganho” para os beneficiários (lógica de equivalência económica); (c) implicação dos beneficiários ao longo de todo o processo ou seja, se há apropriação afectiva das acções levadas a cabo (lógica simbólica) e; (d) sobretudo se há algum valor associado à acção pelos beneficiários ou seja, se a acção revela a preferência dos beneficiários ou algum indicador de mobilidade para os mesmos (lógica de valor). Em suma, há que ter presente a forma como as acções chegam aos beneficiários e como estes se implicam nelas. Negligenciar a noção ampliada de uso das estruturas de oportunidade pode contribuir para a redução do aspecto valorativo de uma acção, na medida em que privilegiaria apenas uma visão unilateral na intervenção social.

Verifica-se que, de uma forma geral, na intervenção social, para além da adequação das acções das instituições às demandas/ necessidades do público - alvo, há que analisar se essas mesmas acções estão em consonância com o contexto a que se destinam. Dito por outras palavras fica evidente que soluções e medidas que partam da demanda local devem também assumir contornos locais, na medida em que as iniciativas inovadoras e empreendedoras podem não produzir impactos desejados e/ou não ser percebidas com este objectivo. Contudo, isto não significa necessariamente adequação às prioridades do cliente, dado que muitas vezes as suas prioridades reforçam os seus *handicaps*.

Uma outra componente importante na compreensão da dinâmica da vulnerabilidade que complementa a análise da susceptibilidade dos jovens às dinâmicas sociais é o *portfólio* dos activos dos jovens. Entretanto, para os jovens o ser “vulnerável ou integrado” depende dos recursos ou dos constrangimentos do contexto e não das suas características pessoais. Esta percepção ajuda-nos como técnico social a analisar os constrangimentos observados aquando da apropriação de acções e medidas por parte dos jovens, que visam essencialmente, num primeiro momento, aumentar os recursos pessoais dos mesmos.

No que concerne ao impacto da vulnerabilidade social vislumbra-se, a nível pessoal, baixa auto - estima, formação académica precária e fragilidade financeira (o que repercute a nível das escolhas que estes realizam ao longo da sua vivência). A nível social deparamos com desemprego acentuado, vínculos laborais precários, dependendo assim do “capital relacional”, neste caso da família, para fazer face às situações de necessidade, embora esta tenha ao seu dispor limitados recursos, que a tornam também sensível a situações de risco.

Percebe-se então, que os jovens expostos a uma série de situações, em parte por viverem num bairro estigmatizado, acumulam a maioria das desvantagens sociais como por exemplo a pobreza, a falta de emprego, sociabilidade restrita, condições precárias de habitabilidade, o que os remete para uma grande susceptibilidade aos riscos variados inerentes ao contexto micro e macro.

As circunstâncias acima descritas deixam um “terreno fértil” para a proliferação de grupos juvenis no bairro. No entanto, há que considerar que essa proliferação pode constituir-se concomitantemente como consequência da vulnerabilidade ou uma forma alternativa de integração face ao cenário vivenciado.

Contributo e Recomendações para a Intervenção Social

Assiste-se, nas duas últimas décadas do século XX, a novas mudanças nas dinâmicas sociais. Fenómenos complexos e ambivalentes, associados, por um lado, à mundialização da economia, e, por outro, à diversidade das culturas e dos modos de vida. Mas também são fenómenos de desemprego e de múltiplas exclusões em muitas áreas (económicas, políticas, etc.), de emergência da sociedade civil e de polarização social (Guerra, 2002). Nessa conjuntura, a aprendizagem torna-se a condição fundamental para a sobrevivência e a satisfação das pessoas, dos grupos e das organizações, na medida em que é a capacidade de compreender o meio e de lhe reagir, que possibilita a aquisição de novos conhecimentos e a modificação da rotina (Carapeto, C. & Fonseca, F. 2006).

O debate sobre a vulnerabilidade (re) coloca a problemática social, fora da visão dicotómica do pobre, e do não pobre, propondo configurações como susceptibilidade à

mobilidade descendente e a improbabilidade da melhoria das condições de vida (Filgueira, 2001). Portanto, este estudo permitiu-nos compreender os factores que podem constranger a capacidade dos jovens de empreender no contexto em que se inserem.

Por outro lado ajudou-nos a perceber o desfasamento na realidade local entre as estruturas de oportunidade e os activos dos jovens. A insuficiência de estruturas de oportunidade aponta para o aumento da precariedade, a instabilidade no emprego, a situação de desprotecção e insegurança desses jovens e da população em geral. A fragilidade dos activos, por sua vez, aponta para a fraca condição de empregabilidade e as influências negativas dos grupos de pares no que toca a ocupação dos tempos livres. Esses aspectos tornam evidentes os impactos da vivência da vulnerabilidade no bairro.

Essas dinâmicas locais condicionam as expectativas das pessoas e as capacidades que mobilizam em circunstâncias específicas. No âmbito da intervenção social, este estudo constitui um terreno fértil para (re) pensar a condição dos jovens do bairro Safende com a seriedade e a profundidade que esta merece. Assim, as respostas psicossociais destinadas aos jovens poderão ser ancoradas no conhecimento contextual, não só das percepções, expectativas, necessidades e experiências dos jovens, mas também das suas potencialidades, logo com maior potencial de exequibilidade e eficácia.

O trabalho apresenta pistas relativas ao papel da família e das redes de proximidade evidenciando a relevância de uma intervenção extensiva à família e aos grupos de pares para que diminuam as desistências e o abandono das acções direccionadas ao desenvolvimento pessoal e social dos jovens.

Assim, a nível do contexto, mostra-se oportuno a criação de condições para a participação regular e sistemática nos equipamentos sociais de pessoas de diferentes faixas etárias (da infância, da juventude e da terceira idade), inculcando o sentimento de pertença a esses equipamentos e a sua percepção como oportunidades para melhoria de vida. Esta acção pode contribuir para a formalização das relações sociais como mecanismos para desenvolver as competências pessoais e sociais nos jovens a partir dos recursos do bairro, ou seja as pessoas mais experientes. Outrossim, possibilita a dinamização de equipamentos que já existem.

Às instituições cabe estabelecer acções que visam atender o “imediatismo” dos jovens, que permitam que estes possam visualizar a sua continuidade e a sua aplicação

prática; ou seja, actividades que através do lúdico, da informalidade desenvolvam as competências pessoais e sociais destes. Um outro aspecto pode ser a maximização dos activos dos jovens, principalmente daqueles que já se mobilizam, estimulando-os e motivando-os a prosseguir objectivos novos e a ampliar os que já possuem.

Em suma, este estudo, apoiado num “pragmatismo responsável” no sentido atribuído por Neto e Froes (2002, p.34)⁴⁸, procura entender a dinâmica da vulnerabilidade na primeira pessoa, não esquecendo do contexto; compreender não só as causas dessa vulnerabilidade como o impacto/sintomas. Como salienta Dees (2001), constitui-se num estudo que, apesar de se focar localmente (bairro Safende), tem o potencial de reflectir sobre as melhorias e as formas de intervenção a nível global no espaço escolhido, neste caso em outros bairros de Cabo Verde.

Limitações Metodológicas e Sugestões para futuras Investigações

Este trabalho, como qualquer pesquisa, apresenta algumas limitações que se constituem em oportunidades para investigações futuras. A primeira limitação diz respeito à dimensão da amostra utilizada, na medida em que apesar de se tratar de uma amostra constituída por jovens, com idade compreendida entre os 16 e os 25 anos, o estudo devido a questão do tempo teve como foco apenas o bairro Safende. Embora, inicialmente não tenha existido uma preocupação explícita da representatividade, dado que este estudo não visa tanto uma quantificação da realidade juvenil em Cabo Verde para uma generalização posterior, mas fundamentalmente contribuir para a compreensão da dinâmica da vulnerabilidade percebida pelos jovens no contexto em que vivem.

Um outro factor é o tipo de amostra utilizada no estudo e conseqüentemente as estratégias de selecção dos entrevistados por “bola de neve”. Apesar da amostra não probabilística “bola-de-neve” se caracterizar como adequada neste tipo de estudo, estimula a selecção de pessoas mais “visíveis”, mesmo em âmbitos tão restritos como o bairro Safende, ou seja corre-se o risco da cadeia de identificação desembocar em características demasiado específicas do primeiro jovem contactado.

⁴⁸ No sentido de não perder tempo com grandes teorizações que só terão impacto a nível individual, uma vez que só servirão ao prazer e ego académico e não serão úteis para a sociedade em concreto.

A realização das entrevistas na língua crioula e a apresentação dos resultados em português pode levar ao enviesamento dos dados, pela dificuldade da tradução das especificidades da língua crioula, que por facilitar a comunicação dos jovens permite que estes usem expressões, típicas da idade e de difícil tradução, ou melhor que a tradução não alcance o real significado.

Apesar da dinâmica local evidenciar aspectos de reflexão à escala global, é de salientar que ainda existe um vasto terreno a ser explorado no que se refere a vulnerabilidade dos jovens cabo-verdianos. No entanto, este estudo contribui para reflectir sobre os pressupostos dos projectos inovadores de intervenção social, delinear estratégias para a planificação das acções com vista à almejada emancipação social; e também para que futuras pesquisas possam aprofundar os conhecimentos e a compreensão sobre o assunto em questão.

*A imagem do espaço contribui para o reforço da identidade dos lugares e do sentido de pertença dos indivíduos a um ambiente”
(Afonso & Ladiana 2008 p.109).*

BIBLIOGRAFIA

1. Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, Pinheiro, L., Lima, & F. Martinelli, C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO.
2. Afonso, R. B., & Ladiana, D. (2008). *Instrumentos e processos nas decisões de planeamento urbano*. In D. Vaz, (Org.). *Cidades e Territórios: Identidades, urbanismo e dinâmicas transfronteiriças* (pp. 107 - 113). Lisboa: Celta Editora.
3. Almeida, J., & Pinto, J. M. (1990). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
4. Alwang, J., Siegel, P.B., Jorgensen & Steen, L. (2001, June). *Vulnerability: a view from different disciplines*. Social Protection Discussion Paper Series, (Nº0115, pp 1-41). Human development Network the World Bank. Washington, DC: The World Bank. Retrieved September 2010, from www.worldbank.org/sp.
5. Ayres, J.R.C.M. (2002). *Repensando Conceitos e Práticas em Saúde Pública*. In R. Parker, V. Terto Júnior (Org). *Prevenção à AIDS: Limites e Possibilidades na Terceira Década*. Rio de Janeiro: ABIA. Recuperado em Fevereiro, 2010, de, http://www.abiaids.org.br/_img/media/anais%20prevencao%20a%20aids.pdf.
6. Bachelard, G. (1984). *La poétique de l'espace* (12 ed.). Paris : Quadrige/ Presses universitaire de France.
7. Baudrillard, J. (1991). *A sociedade de consumo* (A. Morão, Trad.). Lisboa: Edições 70.
8. Baudrillard, J. (1981). *Para uma crítica da economia política do signo*. (M^a Parreira, Trad.). Lisboa: Edições 70 (obra original publicada em 1972).
9. Braga da Cruz, M., Seruya, J. Reis, L. & Schmidt, L. (1984). *A condição social da juventude portuguesa. Análise Social, vol. XX* (81-82). Lisboa: instituto de Ciências Sociais. 2.º-3.º, pp. 285-308.
10. Benavente, A., Campiche J., Seabra T., & Sebastião J. (1994). *Renunciar à Escola: o Abandono Escolar no Ensino Básico*. Lisboa: Fim-de-Século.
11. Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (Coleção Ciências da Educação). Porto Editora: Porto.

12. Bordonaro, L. I. (2010). Semântica da violência juvenil e repressão policial em Cabo Verde. *Revista Direito e Cidadania* (Edição Especial – Política Social e Cidadania), nº 30, pp. 169 – 190.
13. Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia* (M. S. Pereira, Trad.). Fim – de- século (obra original publicada em 1984).
14. Burgess, R. G. (2001). *A pesquisa de terreno: uma introdução* (Eduardo de Freitas e M^a. I. Mansinho, Trad.). Oeiras: Celta Editoras.
15. Capuchas, L. (200^a). Territórios da pobreza, onde é preciso voltar. *Revista Sociedade e Território*, nº 30, pp 8-15.
16. Carapeto, C.& Fonseca, F. (2006). *Administração pública: modernização, qualidade e inovação* (2^a edição). Lisboa: Edições Sílabo.
17. Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crónica do salário* (I. D. Poleti, Trad.). Petrópolis: Editora Vozes. Rio de Janeiro Brasil (obra original publicada em 1995).
18. Costa, M. (1991). *Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
19. Dees, J. G. (2001). *O Significado do Empreendedorismo Social* (The Meaning of "Social Entrepreneurship", 2001, Center for the Advancement of Social Entrepreneurship, The Fuqua School of Business, Duke University, Trad.). Recuperado em Novembro, 2010, de <http://www4.fe.uc.pt/cec/significadoempreendedor.pdf>
20. Dosi, G. (1988). *The nature of the innovative process*. In G. Dosi *et al* (orgs). *Technical Change and economic theory*. London: Pinter Publishers. Retrieved November, 2010, From http://www.lem.sssup.it/WPLem/files/dosietal_1988_IV.pdf
21. Fernandes, B. M. (2005, Janeiro/Junho). Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais [Versão electrónica]. *Revista do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projectos de Reforma Agrária* (NERA), ANO 8, N. 6. ISSN 1806-6755, pp. 14 – 34.
22. Filgueira, C. H. (2001). *Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social aproximaciones conceptuales recientes*. CIESU. Documento apresentado no âmbito do seminário internacional “ *las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe*, Santiago de Chile, 20 y 21 de junio. Recuperado em Outubro, 2010, de <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/3/8283/cfilgueira.pdf>

23. Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed/Bookman.
24. Galland, O. (1993). *Les Jeunes* (nouvelle edition). Paris: Editions la Découverte.
25. Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal* (2ª ed.). In Beck, U., Giddens, A. & Lasch, S. (1997) *Modernização reflexiva: política, tradição, e estética na ordem social moderna* (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Fundação da Editora da UNESP (obra original publicada em 1995).
26. Gonçalves, A. C. (2006). Estruturas espaciais e práticas sociais: o caso da cidade do Porto. In Balsa, C. (Org). (2006). *Relações Sociais de espaço – Homenagem a Jean Remy*. Colibri/CEOS: Lisboa, pp 121-136.
27. Governo de Cabo Verde. (2004). *Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento: relatório 2004*.
28. Guerra, Isabel (2002) *Fundamentos e Processos para uma Sociologia de Acção: O planeamento em Ciências Sociais*: Lisboa: Principia.
29. Guerreiro, Mª & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família* (2ª ed.). (Coleção Estudos). Lisboa.
30. Heitzmann, K., Canagarajah R.S., & Siegel, P. B. (2002, June). *Guidelines for Assessing the sources of risk and vulnerability*. Social Protection Discussion Paper, N° 0218. Washington, DC: The World Bank. Retrieved December 2010, from www.worldbank.org/sp
31. Holzmann, R. (2001, March). *Risk and vulnerability: the forward looking role of social protection in a Globalizing World*. Social Protection Discussion Paper, N° 0109. Washington, DC: The World Bank. Retrieved September 2010, from www.worldbank.org/sp.
32. Holzmann, R., & Jorgensen, S. L (2000). *Social risk management: a new conceptual Framework for social Protection and Beyond*. Social Protection Discussion Paper, N° 0006. The World Bank: Washington, DC. Retrieved September 2010, from www.worldbank.org/sp.
33. Holzmann, R., & Jorgensen, S. (1999, January). *Social Protection as Social Risk Management: Conceptual Underpinnings for the Social Protection Sector Strategy Paper*. Social Protection Discussion Paper, No. 9904. Washington, DC: The World Bank. Retrieved September 2010, from www.worldbank.org/sp.

34. Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2011). *Censo 2010*. Cidade da Praia. Recuperado em Abril de 2011, de <http://www.ine.cv/actualise/destaques/files/CD/PDF/resultados.pdf>
35. Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2001-2002). *Perfil da pobreza em Cabo Verde*. Cidade da Praia, ilha de Santiago.
36. Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (2001). *Censo 2000*. Cidade da Praia.
37. Roque, S., & Cardoso K. *Por que razões os jovens se mobilizam... ou não? Jovens e violência em Bissau e na Praia*. Texto recuperado em Outubro de 2010, de: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/encontros/259_codesria.pdf
38. Kaztman, R., & Filgueira, C. H. (1999). "Introducción" . In Kaztman, R. (1999). *Activos y Estructura d de Oportunidades: estudio sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay*". Montevideo : Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) – PNUD. Recuperado em Outubro, 2010, de: <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/6/10816/LC-R176.pdf>
39. Leite, R. P (2004). *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: editora da UNICAMP; Aracaju: Editora UFS.
40. Lima, R. W. (2010). Thugs: vítimas e/ou agentes da violência? *Revista Direito e Cidadania (Edição Especial – Política Social e Cidadania)*, nº 30, pp. 191-220.
41. Lopes, M. C. (2010). *Economia da educação e formação: Revisão crítica a propósito da situação em Portugal*. Coimbra: Biblioteca mínima.
42. Lopes, P. (2006). *Etnicização do espaço e produção da identidade*. In C. Balsa (Org). (2006). *Relações Sociais de espaço – Homenagem a Jean Remy* (pp. 137-154). Lisboa: Colibri/CEOS.
43. Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia urbana. In C., Fortuna, & R. Proença (Orgs.). *Plural de cidades: novos léxicos urbanos*. (pp.101-115) Coimbra: Almedina.
44. Martins, F. (2010). *O Paradoxo das Oportunidades. Jovens, relações geracionais e Transformações sociais: notas sobre Cabo Verde*. Working Paper CRIA 4, Lisboa.
45. Melo, F & Froes, C. (2002). *Empreendedorismo Social*. Rio de Janeiro: Quilitymark.
46. Ministério das Finanças e Administração Pública de Cabo Verde (2004). *Documento de Estratégia de Crescimento e de Redução da Pobreza em Cabo Verde (DECRP)*. Cidade da Praia, ilha de Santiago.

47. Moção de Confiança do Governo, recuperado em Outubro, 2010, de <http://www.governo.cv/documents/MocaodeConfianca.pdf>
48. Moreira, C. D. (2007). *Teorias e praticas de Investigação*. Lisboa: Edição Instituto de Ciências Sociais e Políticas.
49. Moscovici, S. & Doise, W. (1991). *Dissensões e consenso: uma teoria geral das decisões colectivas* (M^a F. Jesuíno, Trad.). Lisboa: Livros horizonte.
50. Moser, C. (1998). *The asset vulnerability Framework: reassessing urban poverty reduction strategies*. World Development. Grã Bretanha: Elsevire Science, v.26, nº1.
51. Murray, R., Grice, J. C. & Mulgan, G. (2010, march). *The open book of social innovation*. Young Foundation and NESTA - Innovation public services. Social innovator series: Ways to design, develop and grow social innovation.
52. Nunes, J. S. (1998). Perfis Sociais Juvenis. In M. C. Villaverde, & J. M. Pais (Orgs.). *Jovens Portugueses de Hoje* (pp. 1-51). Oeiras: Celta Editora.
53. Pais, J. M. (1996). *Culturas Juvenis* (3^a edição). Lisboa: Imprensa Nacional.
54. Pais, J. M (1998). Da escolha ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos? In M. C. Villaverde, & J. M. Pais (Orgs.). *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta Editora.
55. Pinto C. (1998). “*Empowerment: uma prática de serviço social*”. In O. Barata (Org.) (1998). *Política Social*. Lisboa: ISCSP, pp. 247- 177.
56. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD). *Relatório de desenvolvimento Humano de 2003 e 2004*.
57. Rémy, J. & Voyé, L. (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento.
58. Reis, J. (1998, Abril). *Por uma cultura do território: nota sobre o processo de regionalização* (1995-1998). Oficina do CES nº111.
59. Ribeiro, J. L. P. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde* (2^aed.). Porto: Legis Editora/ Livpsic.
60. Ruivo, F. (2000). *O Estado labiríntico: o poder relacional nas relações entre poderes local e central em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
61. Ruivo, F. (1991, Outubro). Um Estado Labiríntico: A propósito das relações entre o Poder Central e o Poder Local em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 33, pp. 189-200.

62. Ruiz P. O., López, J., & Sánchez, J. E. (2007). A Educação para a cidadania numa sociedade Multicultural e complexa. In J. Boavida, & A. G. del Dujo, (Orgs). *Teorias da Educação: Contributos Ibéricos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
63. Sakar, S. (2007). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora.
64. Sampieri, R. H., Collado, C. H., Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. S. Paulo: McGraw Hill.
65. Sen, A. (1999) *O desenvolvimento como liberdade*. (J. Rosa, Trad.) Gradiva: Editora.
66. Sennet, R. (2004) *Respeito: a formação do carácter em um mundo desigual* (R. Vinagre, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Record.
67. Shils, E. (1992). Centro e periferia (J. H. de Freitas, Trad.). Lisboa: DIFEL Difusão Editorial.
68. Silva, A. S. (2002). *Dinâmicas sociais do nosso tempo*. (Série para saber). Editora: Universidade do Porto.
69. Silva, M. C. (2006). Espaço e sociedade: alguns elementos de reflexão. In C. Balsa, (Org). (2006). *Relações Sociais de espaço – Homenagem a Jean Remy* (pp. 185-197). Lisboa: Colibri/CEOS.
70. Siegel, P.B., & Alwang, J. (1999, October). *An Asset-Based Approach to Social Risk Management: A Conceptual Framework*. Social Protection Discussion Paper Series, Nº 9926. Human development Network the World Bank. Washington, DC: The World Bank. Retrieved September 2010, from www.worldbank.org/sp.
71. Sousa, L. (2008). *Strengthening Vulnerable Families*. Nova Science Publisher, Inc.
72. Solet, M. (Org.) (2000). *Da não - integração. Tentativas de definição teórica de um problema Social contemporânea* (A. Coelho, Trad.). Quarteto: Editora.
73. Vaz, D. M. (2008). Introdução: Que rumo para as cidades do interior? In D. M. Vaz, (Org). (2008). *Cidades e Territórios: Identidades, urbanismo e dinâmicas transfronteiriças* (pp.1- 32). Lisboa: Celta Editora.
74. Vignolli, J. (2000). *Vulnerabilidade sociodemográfica: antigos e novos riscos para a América Latina e o Caribe*. Recuperado em Setembro de 2010, de http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_4_pgs_95-142.pdf

ANEXOS

ANEXO I

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONTEXTO DA PESQUISA

CONTEXTO MACRO: TERRITÓRIO CABO - VERDIANO

De acordo com os dados do censo 2010 Cabo Verde, um país com uma superfície de 4033 km², actualmente possui 491. 875 habitantes distribuídos da seguinte forma: residentes presentes, ausentes e população sem-abrigo, como pode ser verificado na Tabela 1. Comparativamente aos dados do censo 2000 (435.000 indivíduos residentes no país) nota-se um aumento da população na última década, podendo isso estar associada a uma multiplicidade de factores tais como: diminuição da mortalidade infantil, aumento da esperança de vida e a diminuição da emigração internacional devido às políticas restritivas da União Europeia (EU) e dos Estados Unidos de América (EUA), como salienta Bordonaro (2010).

Tabela 1: estrutura da população em 2010

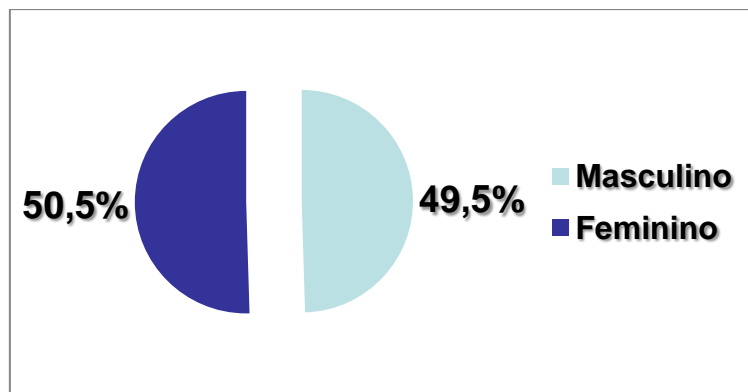
Situação de residência	Efectivo	%
Residente presente	484437	98,5
Residente ausente	7246	1,5
Pop. sem – abrigo	192	0,0
Total	491875	100,0

Fonte: Censo 2010, INE

Neste sentido a cidade da Praia (ilha de Santiago) tornou-se num pólo urbano de enorme atractividade para as pessoas, tendo uma concentração a nível populacional de 131.719 (26,8%), distribuído por 64.702 do sexo masculino e 67.017 do sexo feminino (cf. os dados do censo 2010 do INE). Pelo censo 2000 (98.118) observa-se um crescimento médio anual de 2,9%. Com implicação a nível de habitação, saneamento, acesso à água potável e a outros serviços que atendem as necessidades básicas das pessoas.

Relativamente á população residente em Cabo Verde, nota-se uma superioridade da população feminina (50,5%) em relação à masculina 49,5%, como pode ser observado no Gráfico 1.

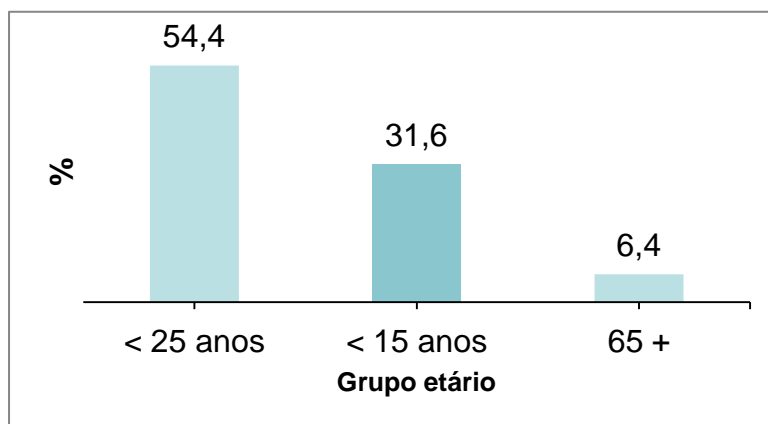
Gráfico 1: População residente por sexo



Fonte: Censo 2010, INE

Percebe-se, pelo Gráfico 2, que a população cabo-verdiana é essencialmente jovem com a idade média de 26,8 anos⁴⁹. O aumento da população jovem, principalmente nas últimas décadas, tem contribuído para a visibilidade das questões da juventude especialmente nos bairros periféricos. Este cenário exige dos governantes do país respostas assertivas no que toca às áreas como a saúde, a educação, a inserção no mercado de trabalho e outras que contribuem para a integração dos mesmos nos seus espaços de pertença.

Gráfico 2: Distribuição da população por grande grupo etário



Fonte: Censo 2010, INE

Idade média	26,8 anos
Idade mediana	22,0 anos

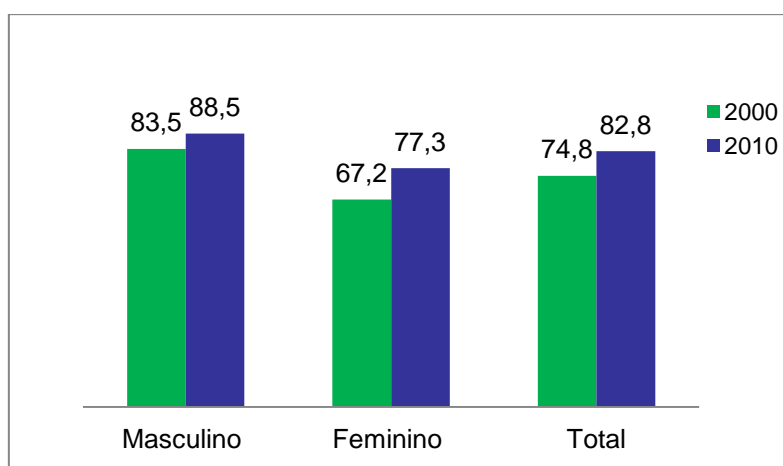
⁴⁹ De uma forma detalhada, segundo os dados do censo 2010, observa-se que a nível dos grupos etários esses dados evidenciam as seguintes classificações segundo o género: (a) dos 10 aos 14 anos no total são 55227 sendo que 27867 pertencem ao sexo masculino e 27360 ao sexo feminino; (b) dos 15 aos 19 anos temos 59079 no qual 29679 são do sexo masculino e 29400 do sexo feminino; (c) dos 20 aos 24 anos temos 52925 sendo 27348 do sexo masculino e 25577 do sexo feminino; (d) no que toca ao grupo etário dos 25 aos 29 anos depara-se com o total de 44359 sendo 23357 são do sexo masculino e 21002 do sexo feminino. Verifica-se então, nos grupos etários acima descritos, uma superioridade do sexo masculino em relação ao sexo feminino.

Como anteriormente referenciado, as sociedades contemporâneas têm sido atravessadas por transformações estruturais de grande dimensão. Essas transformações adquirem formas diversas consoante os contextos e os locais em que se inserem. Uma das exigências operadas é a generalização do acesso ao ensino básico, não apenas como direito, mas como obrigação. Considera -se, assim, que todos os jovens devem, entre os 6 e os 15 anos (com pequenas oscilações entre os países⁵⁰), frequentar a escola, de forma a adquirirem uma série de competências essenciais que lhes permitam integrar-se nas sociedades contemporâneas, nomeadamente, no mercado de trabalho.

Em Cabo Verde desde a independência que se vem apostando fortemente na educação, nomeadamente na implementação de medidas e acções direccionadas aos espaços mais recônditos e a classe docente. A continuação das políticas adoptadas pelos sucessivos governos constitui um factor importante dessa evolução. Pode-se mencionar entre os documentos dessa política: as Grandes Opções do Plano, o Plano Nacional de Desenvolvimento e o Plano de Educação para todos. A generalização pretendida do acesso e da qualidade do ensino baseia-se em: (a) expansão da rede de escolas; (b) formação de professores, (c) recursos pedagógicos, (d) apoio social escolar, e (e) gestão escolar. Porém, independentemente de aumentar o número de escolas, há que criar condições de acesso e uso das mesmas. Observa-se pelo Gráfico 3 que essas acções têm influenciado um importante aumento, nos últimos 10 anos, da taxa de alfabetização, no qual evoluiu 74,8 em 2000 para 82,8 em 2010. Essa evolução é mais acentuada no sexo feminino rondando os 10 pontos percentuais.

⁵⁰ Países como Cabo Verde, cf. os dados do Anuário da Educação de 2004/05 do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação e Ensino Superior de Cabo Verde, o Ensino Básico, por exemplo, é universal, obrigatório e gratuito e tem uma duração de 6 anos, dividido em três fases de 2 anos cada. Destina-se a crianças com idade de 6 a 11 anos, embora o estado garanta a obrigatoriedade de frequência a todas as crianças na idade compreendida entre os 6 e os 15 anos e pode ser cumprido, tanto em escolas públicas, como em escolas privadas. O Ensino Secundário tem a duração de 6 anos lectivos dividido em 3 ciclos de ensino, tendo uma particularidade de a partir do 2 ciclo estar vocacionada para a vida activa (cursos técnicos) ou para prosseguimento de estudo (Via geral). Destina-se a jovens com idade compreendida entre os 12 e os 17 anos. Todavia, no ensino público, tendo em consideração a limitação de recursos, é permitida a frequência dos jovens, dos 12 aos 20 anos, tanto nas escolas públicas como nas escolas privadas.

Gráfico3: Taxa de alfabetização (>=15 anos) por sexo



Fonte: Censo 2010, INE

Relativamente à taxa de alfabetização, especificamente no grupo etário dos 15 aos 24 anos, verifica-se uma evolução positiva de 95% em 2000 para 96,9 % em 2010. No entanto, esse aumento de alfabetização difere segundo o género, cf. o Gráfico 3. A nível da área geográfica a taxa de alfabetização da população igual ou superior a 15 anos de idade distribui-se entre 93,1% masculino e 85,1 % feminino e 89,0% de ambos os sexos (cf. os dados do censo 2010 do INE- CV). Todavia, a par de intensos processos de qualificação da população, subsistem ainda taxas de abandono escolar precoce em número considerável, principalmente no grupo etário dos 18 aos 24 anos (cf. a Tabela 2)

Tabela 2: População de (>=3 anos) segundo a frequência escolar, por grupo etário Cabo Verde 2010

Grupo etário	Público		Privado		Frequentou, mas já não frequenta		Nunca Frequentou		Total	
	Efectivo	%	Efectivo	%	Efectivo	%	Efectivo	%	Efectivo	%
3 -5	15091	8,8	1905	12,6	482	0,2	12998	22,4	30954	6,7
6-11	58912	34,5	868	5,7	676	0,3	1371	2,4	61950	13,4
12-17	58372	34,2	932	6,1	9239	4,3	433	0,7	69058	14,9
18 -24	19537	11,5	6224	41,0	49202	22,8	1168	2,0	76270	16,5
25-44	13287	7,8	4813	31,7	107227	49,8	6584	11,4	132372	28,7
45-64	4329	2,5	399	2,6	38707	18,0	15943	27,5	60009	13,0
65+	1039	0,6	37	0,2	9955	4,6	19408	33,5	31346	6,8
Total	170567	100	15178	100	2154488	100	57905	100	461959	100,0

Fonte: Censo 2010, INE

No que concerne aos aspectos sócio - económicos, cerca de 42,8% do rendimento das famílias cabo-verdianas provém do salário. O emprego é, assim, fortemente determinante no rendimento, e conseqüentemente uma condição de sobrevivência. Um outro indicador importante que a Tabela 3 revela é a existência de um número considerável da população cabo-verdiana (41,3%) dependente da família residente no país, para (sobre) viver, o que evidencia o papel preponderante da família como rede de suporte dos seus membros.

Tabela 3: Distribuição da população com 10 ou mais anos segundo o principal meio de vida

Principal meio de vida	Efectivo	%
Trabalho	167069	42,8
Rendimento de propriedade/empresa	3050	,8
Reforma	9995	2,6
Pensão	11829	3,0
Apoio social	5536	1,4
A cargo da família residente em CV	161093	41,3
A cargo da família no estrangeiro	10783	2,8
Bolsa de estudo	1876	,5
Outro	18707	4,8
ND	979	,3
Total	389938	100,0

Fonte: Censo 2010, INE

Neste cenário, a problemática do desemprego assume-se como um factor de constrangimento para a população cabo-verdiana, pois dificulta a emancipação social, a financeira e a familiar, principalmente a dos jovens. Esta situação reflecte a relação negativa entre o desejo de aspiração social, o acesso aos símbolos materiais marcadores do status e o leque de oportunidades muito limitadas para os jovens cabo-verdianos. Segundo os resultados do Inquérito ao Emprego 2009 (nova Abordagem), a taxa de desemprego é de 13,1%. Em termos de tendência, verifica-se um ligeiro aumento da taxa de desemprego como se nota na Tabela 4. De acordo com os inquéritos do censo 2010 nota-se que o desemprego nas áreas urbanas apresenta números elevados, chegando a 21,3 % entre os indivíduos dos 15 aos 24 anos (cf a Tabela 4, baseada na nova abordagem do INE- Cabo Verde).

Tabela 4: Evolução da Taxa de Desemprego (%) de 2006-2009 segundo a nova abordagem e a antiga abordagem -INE, 2010

Taxa de Desemprego (%)	QUIBB 2006	QUIBB 2007	ISE 2008	IE 2009
Nova abordagem⁵¹	13,4	15,3	13,0	13,1
Antiga abordagem	21,2	21,6	17,8	20,9
Diferença	7,8	6,3	4,8	7,8

Fonte: Inquérito ao emprego 2009, INE 2010

Nesse universo de desempregados, percebe-se pela Tabela 5, que as disparidades de género entre os jovens do grupo etário dos 15 aos 24 anos são elevadas, representando as jovens desempregadas 25,5% em relação aos 18,3 dos jovens desempregados.

Tabela 5: Taxa de desemprego, actividade e ocupação por sexo segundo grupos etários

Grupo etário	Taxa de desemprego			Taxa de actividade			Taxa de ocupação		
	Sexo		Total	Sexo		Total	Sexo		Total
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	
15-24	18,3	25,5	21,3	46,7	35,4	41,1	38,2	26,3	32,4
25-64	7,0	8,5	7,7	85,4	68,0	76,6	79,4	62,2	70,8
65+	1,3	0,7	1,0	23,4	11,0	15,9	23,1	10,9	15,7
Total	9,6	12,1	10,7	67,4	51,1	59,1	60,9	45,0	52,8

Fonte: Censo 2010 INE

Relativamente à distribuição da população activa segundo o sector da actividade económica a predominância centra-se na área do comércio a grosso e a retalho,

⁵¹ No passado, o inquérito ao emprego era realizado pelo INE e pelo IEFP. Com a aprovação da Nova Lei do Sistema Estatístico Nacional pelo parlamento em 2009, todas as operações junto das famílias passaram a ser realizadas pelo INE, assegurando assim a responsabilidade efectiva de produzir as estatísticas do emprego. Assim, começaram a pesquisar metodologias que permitem comparar as informações de Cabo Verde, com outras realidades.

A utilização de uma nova abordagem de medição do desemprego em Cabo Verde, segundo os modernos padrões internacionais (utilizada pelos países da União Europeia, pelos países membros do AFRISTAT, da CEDEAO) pelo INE, justifica-se pelo facto desta metodologia permitir (a) um seguimento eficaz da tensão do mercado de trabalho; (b) uma caracterização efectiva dos desempregados; (c) comparações internacionais; (d) fornecer um indicador pertinente para a tomada de decisão, etc.

reparação de veículos com o total de 21957 (cf. a Tabela 6). O segundo sector com maior índice é o da construção civil com 20583 e logo a seguir a agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca com 16568.

Tabela 6: Distribuição da população activa ocupada por ramo de actividade segundo o sexo

Ramos de actividade económica	Sexo					
	Masculino		Feminino		Total	
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	12381	74,7	4187	25,3	16568	100,0
Indústrias extractivas	547	33,2	1102	66,8	1649	100,0
Indústrias Transformadoras	7698	74,4	2646	25,6	10344	100,0
Electricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	854	83,5	169	16,5	1023	100,0
Captação, tratamento e distribuição de água; saneamento	93	80,9	22	19,1	115	100,0
Construção	18893	91,8	1690	8,2	20583	100,0
Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos	8606	39,2	13351	60,8	21957	100,0
Transportes e armazenagem	6201	85,6	1046	14,4	7247	100,0
Alojamento e restauração (restaurante e similares)	2300	36,4	4024	63,6	6324	100,0
Actividade de informação e de comunicação	1025	55,7	816	44,3	1841	100,0
Actividades financeiras e de seguros	622	45,6	743	54,4	1365	100,0
Actividades imobiliárias	406	71,1	165	28,9	571	100,0
Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	690	56,8	525	43,2	1215	100,0
Actividades administrativas e dos serviços de apoio	3594	52,8	3211	47,2	6805	100,0
Administração pública e defesa; segurança social obrigatório	9595	57,7	7042	42,3	16637	100,0
Educação	2624	39,0	4102	61,0	6726	100,0
Saúde humana e acção social	896	34,5	1704	65,5	2600	100,0
Actividades artísticas, de espectáculos, desportivas	585	68,0	275	32,0	860	100,0
Outras actividades de serviços	2003	51,5	1887	48,5	3890	100,0
Actividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico	1356	17,9	6210	82,1	7566	100,0
Actividades dos organismos internacionais e outras Inst. Inter.	237	52,3	216	47,7	453	100,0

Fonte: Censo2010 INE

Pelos dados acima apurados nos inquéritos recentes do INE, a sociedade cabo-verdiana apresenta-se actualmente, segundo Bordonaro (2010), cada vez mais multifacetada e heterogénea, profundamente marcada pela desigualdade social, pela emergência de novos estilos de vida e de novos actores sociais, por divisões sociais dramáticas que põem em causa o ideal da sociedade mais igualitária do pós independência e a real possibilidade da concretização dos direitos de cidadania e desenvolvimento para todos. Acrescenta ainda, que todos os indicadores nacionais apontam para uma crescente desigualdade social e polarização de classes, pelo crescimento da classe média, de forma considerável nos últimos anos e a existência de extractos de população em condições de pobreza extrema.

1.2 CONTEXTO MICRO: BAIRRO SAFENDE

1.2.1 Origem e localização geográfica:

O bairro Safende localiza-se na parte norte da cidade da Praia. É delimitado a norte pelos bairros Achada São Filipe e Monteagarro, a sul por Vila Nova e Calabaceira, a este por Monte Gonçalo Afonso e a oeste pelo bairro Ponta D'Água, conforme o mapa ao lado. É subdividido em três zonas, Alto Safende (mais a norte e no cimo de um planalto), Safende Centro e Safende Baixo, o bairro é atravessado por uma via rodoviária que liga a cidade da Praia ao interior da ilha de Santiago, como pode ser constatado no mapa (cf. Figura 2).

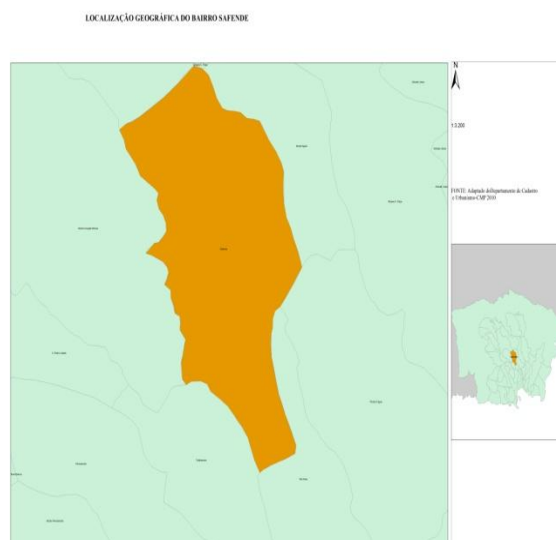


Figura 1: Localização geográfica do bairro Safende

Este bairro apresenta uma continuidade espacial⁵² em relação aos bairros de Vila Nova e Calabaceira: sendo Vila Nova o primeiro assentamento dos três bairros

⁵² Conforme o exposto no Plano Director Municipal (PDM) 2002-2022, instrumento básico da política de desenvolvimento municipal e urbano, documento produzido pela Câmara Municipal da Praia, Cabo Verde.

supracitados. Esgotadas as possibilidades técnicas do primeiro, foram criadas formas de ocupação espontânea que culminaram com a propagação do outro eixo da via de comunicação inter – bairros favorecendo a expansão de Calabaceira e Safende.

Com a expansão gradual e a infra-estruturação de determinados espaços (delineados pelos eixos da via e pela Ribeira de Safende), conforme se constata na cartografia da Figura 2, verificam-se duas situações: a primeira, delineada por uma arquitectura organizada do bairro seguindo em direcção ao planalto do Alto de Safende, com o respectivo loteamento da Câmara Municipal da Praia e a estruturação dos cutelos e das encostas com inclinações aceitáveis; a segunda com uma ocupação totalmente espontânea ao longo das Ribeiras e linhas de água como mostra a morfologia do território.

Caracterizado por uma ocupação rápida das áreas mais vulneráveis como as encostas e o leito da Ribeira, nota-se uma indefinição dos limites físicos do bairro na expansão norte (aproximação ao bairro Achada São Filipe) e nos limites administrativos em relação ao bairro Calabaceira.

É de salientar que este bairro de ocupação espontânea (na sua grande maioria) revela, pela sua arquitectura, constrangimentos de acessibilidade e segurança, condições de habitabilidade, de higiene e saneamento precárias (em alguns casos), nomeadamente ausência de água canalizada, existência de energia eléctrica clandestina, ausência de espaços que podem ser utilizados para a construção de equipamentos colectivos de utilidade pública, etc.

1.2.1.1 Via de acesso/comunicação inter-bairros

O bairro Safende dispõe de duas vias que facilitam a sua comunicação viária com outros bairros: pelas vias externas ao bairro existem duas linhas de autocarro denominadas (a) Safende – Praia -Achada Santo António e (b) Safende – Sucupira – Achada Santo António; pelas vias internas do bairro, duas linhas designadas (a) Ponta D' água – Praia; (b) Achada São Filipe – Praia. No entanto, essas linhas não contemplam espaços mais recuados do bairro como por exemplo as Ribeiras e o alto Safende, obrigando as pessoas dessas zonas a um longo percurso a pé para beneficiarem dos transportes públicos.

MAPA FUNCIONAL BAIRRO SAFENDE

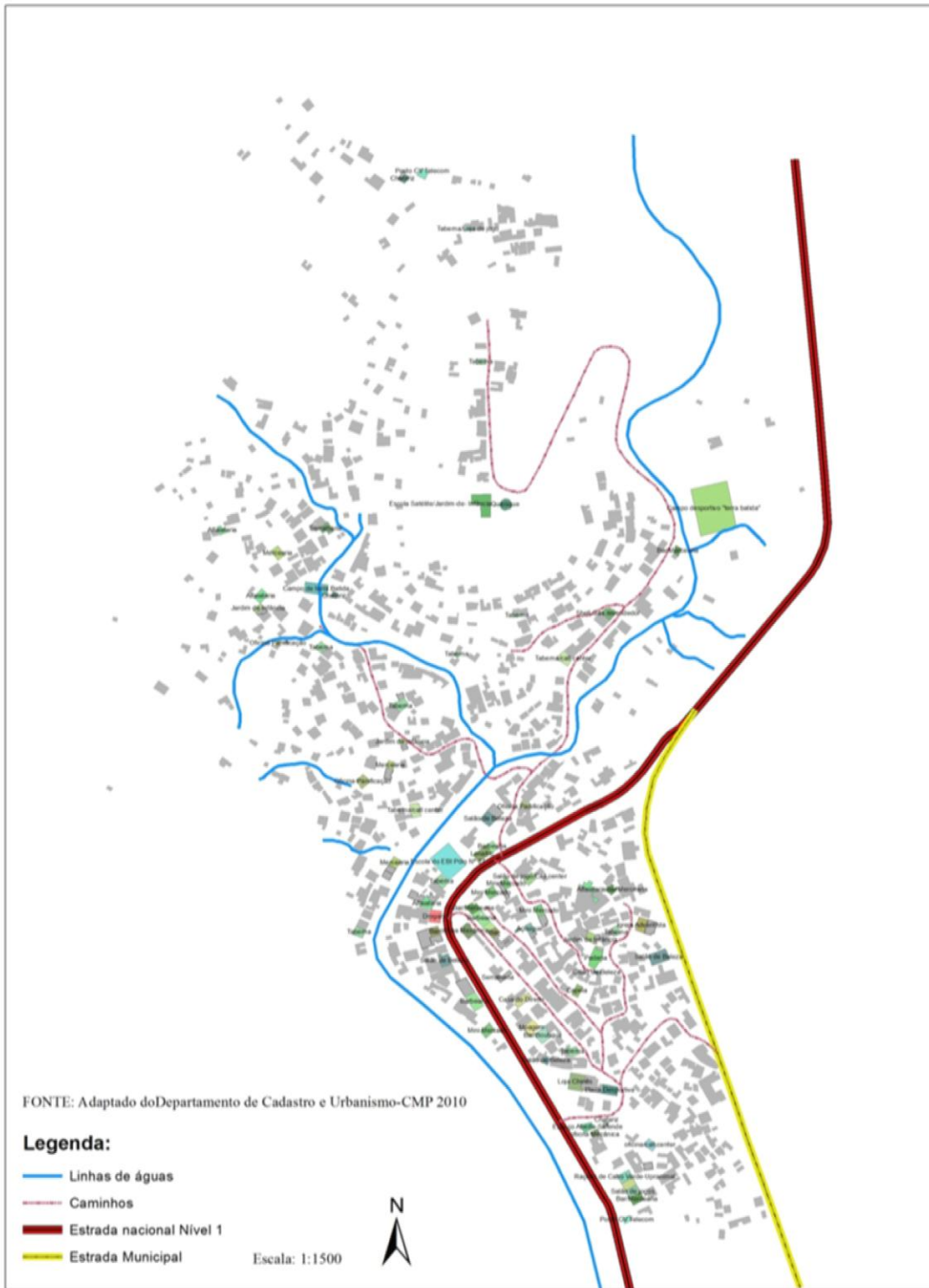


Figura 2: Mapa funcional do bairro Safende

1.2.2 Aspectos demográficos:

Relativamente ao censo 2000 do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE) a população de Safende rondava os 4253 mil habitantes, conforme mostra a Tabela 7:

Tabela 7: População Residente por sexo e por grupos etários de 10 anos			
SAFENDE			
Idade	Total	Masculino	Feminino
Total	4253	2069	2184
0 a 9 anos	1.273	661	612
10 a 19 anos	1.096	554	542
20 a 29 anos	706	350	356
30 a 39 anos	599	266	333
40 a 49 anos	310	122	188
50 a 59 anos	73	27	46
60 a 69 anos	94	40	54
70 a 79 anos	57	21	36
80 a 89 anos	20	10	10
Mais de 90 anos	10	6	4
NR	15	12	3

Fonte : INE CENSO 2000

Nesta análise observa-se a superioridade da população jovem em relação à camada mais idosa, principalmente na faixa dos 10 aos 19 anos. Este facto aponta para um elevado índice de renovação da população do bairro.

Um outro factor relevante no estudo do INE é a preeminência da população feminina em relação à masculina, principalmente no grupo etário dos 30 aos 39 anos, embora isso não seja uma constância em todas as faixas etárias.

Numa abordagem nacional no censo 2000, foi evidenciado que 62696 pessoas não sabem ler nem escrever em Cabo Verde, o que corresponde a uma taxa de 25% da população. Particularmente nos estudos sobre “Zonas e Lugares” do INE, no bairro Safende o analfabetismo, como pode ser constatado no tabela 9, incide mais sobre as mulheres do que sobre os homens.

Tabela 8: Taxa de Analfabetismo no bairro Safende segundo Sexo								
Dimensão	Total	Taxa	Sim	Taxa	Não	Taxa	NR	Taxa
Total	4253	4%	2857	3%	883	1%	513	0%
Feminino	2184	2%	1406	1%	549	1%	229	0%
Masculino	2069	2%	1451	1%	334	0%	284	0%

De uma forma mais detalhada, através da Tabela 9 pode-se fazer uma leitura sobre o nível de instrução da população de Safende desde o pré-escolar até o ensino superior. Nesta análise verifica-se que os jovens dos 10 aos 29 anos apresentam uma fraca frequência nos cursos médio e superior.

Tabela 9: População Residente por grupos etários de 10 anos segundo o Nível de instrução

SAFENDE																								
Idade	Total			Pré-Escolar			Alfabetização			EBI			Secundário			Curso Médio			Curso Superior			NA		
	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem	Total	Mas	Fem
Total	4253	2069	2184	150	73	77	106	35	71	2210	1108	1102	682	353	329	14	10	4	14	11	3	1077	479	598
0 a 9 anos	1273	661	612	149	73	76	0	0	0	430	219	211	0	0	0	0	0	0	0	0	0	694	369	325
10 a 19 anos	1096	554	542	1	0	1	10	3	7	639	329	310	431	213	218	0	0	0	0	0	0	15	9	6
20 a 29 anos	706	350	356	0	0	0	14	5	9	479	239	240	170	81	89	8	6	2	7	5	2	28	14	14
30 a 39 anos	599	266	333	0	0	0	31	7	24	439	189	250	57	44	13	6	4	2	4	4	0	62	18	44
40 a 49 anos	310	122	188	0	0	0	38	12	26	156	80	76	20	13	7	0	0	0	3	2	1	93	15	78
50 a 59 anos	73	27	46	0	0	0	5	4	1	27	19	8	2	1	1	0	0	0	0	0	0	39	3	36
60 a 69 anos	94	40	54	0	0	0	6	3	3	22	17	5	1	1	0	0	0	0	0	0	0	65	19	46
70 a 79 anos	57	21	36	0	0	0	1	0	1	9	8	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	47	13	34
80 a 89 anos	20	10	10	0	0	0	0	0	0	8	7	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12	3	9
Mais de 90 anos	10	6	4	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	8	5	3
NR	15	12	3	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	14	11	3

Fonte : INE CENSO 2000

1.2.3 OS RECURSOS DO BAIRRO SAFENDE

1.2.3.1 ACESSIBILIDADE ÀS ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADES DO BAIRRO SAFENDE

1.2.3.1.1 UNIDADE EDUCATIVA⁵³: ENSINO BÁSICO INTEGRADO

O bairro Safende possui uma escola do Ensino Básico Integrado – Pólo XXVII- e uma Satélite do mesmo Pólo localizada no Alto Safente. Ao todo são dez salas (correspondendo a 20 turmas⁵⁴). Apesar desses números, a escola neste ano lectivo (2010/2011) transferiu uma turma para o Pólo de Vila Nova, por falta de espaço. Possui ainda, uma pequena secretaria, uma cozinha e duas casas de banho.

Quanto aos recursos didácticos e tecnológicos, a escola não desfruta de uma biblioteca⁵⁵, embora haja um projecto para a construção desse espaço. Não existem computadores para o uso dos alunos dado que existe apenas um aparelho que serve as necessidades do pessoal da secretaria. Os professores preparam os seus trabalhos (provas, planificações de aulas) em casa ou em outro sítio, gravam-nos num aparelho de suporte e os levam para a impressão⁵⁶ na escola. Entretanto, actualmente não existe impressora o que leva os mesmos a procurar um sítio externo à escola para a impressão. Em relação aos recursos audiovisuais, a escola possui alguns vídeos, mas quando o professor planifica uma aula diferente traz o portátil pessoal para o efeito.

No que toca aos recursos humanos, neste Pólo trabalham vinte professores com as turmas, dois professores na secretaria, uma gestora, quatro cozinheiras, uma auxiliar de limpeza e um guarda. Desses professores três são licenciados, dezanove possuem a formação no instituto pedagógico, e um a primeira fase da formação em exercício. A maioria dos docentes nesta escola possui um contrato definitivo.

⁵³ Informações obtidas a partir da entrevista à Gestora do Pólo de Safende neste cargo há três anos.

⁵⁴ Esse espaço encontra-se distribuído da seguinte forma: sete salas no pólo central (com acréscimo de uma sala recentemente construída, no ano lectivo 2010/11) e três na escola Satélite.

⁵⁵ Existem alguns livros como gramáticas ofertadas pela Cooperação Portuguesa que servem de suporte aos professores.

⁵⁶ Numa situação de urgência os professores usam o computador da secretaria. Havia na escola, três aparelhos, todavia eram velhos e não funcionavam. Actualmente com a doação do Instituto Internacional de Língua Portuguesa, existe um aparelho novo que facilita o bom funcionamento da secretaria.

Geralmente as salas funcionam em média com 35 alunos⁵⁷. A admissão desses alunos não obedece a nenhum critério rígido. Admitem-se crianças com seis anos de idade, que tenham ou não frequentado o pré - escolar, todavia, esta flexibilidade existe há bem pouco tempo⁵⁸. Para a permanência das crianças com a idade igual ou superior àquela exigidas no EBI não existe nenhum critério objectivo. Entretanto, salienta-se, que actualmente, com a existência do “complexo escolar Infância Feliz” da Fundação Infância Feliz, a escola dispõe de outras alternativas de transferência dessas crianças.

Em relação as actividades extra curriculares existem as que são específicas do pólo e outras incentivadas pelo MEES nas quais são aglomeradas várias escolas, para a promoção das actividades, num lugar determinado⁵⁹.

No período da noite das 18h às 21 horas, a escola no âmbito dos projectos da DEGAEA, cede espaço para as aulas de formação profissional de pedreiros dos jovens e adultos do bairro Safende. Em situações pontuais participam pessoas dos bairros vizinhos (Ponta D'Água e Calabaceira). A parte prática da formação é realizada aos fins-de-semana Ao todo são 54 formandos da 3ª fase (6º ano), distribuídos por duas turmas, com idade compreendida entre os 20 e os 49 anos (35 formando entre 25 e 39 anos, 13 dos 20 aos 25 anos e 6 entre 40 e 49). A formação destina-se a pessoas com o nível de escolaridade inferior a 6ª classe. Esta parceria conta com três anos de vida.

1.2.3.1.2 CENTRO SOCIAL: “ESPAÇO ABERTO SAFENDE”⁶⁰

Essa iniciativa partiu da inexistência de infra-estruturas para o planeamento das actividades e a ocupação saudável dos tempos livres dos jovens. Ancorada nesta demanda da população de Safende a Associação para a Solidariedade e

⁵⁷ Neste ano lectivo (2010/2011) existe apenas uma turma de 40 alunos pela dificuldade que este número representa no processo de ensino e aprendizagem de acordo com a entrevista da Gestora do pólo.

⁵⁸ Há algum tempo atrás admitia-se no Ensino Básico crianças com seis anos com a frequência do pré-escolar e crianças com setes anos que não o tenham frequentado. Todavia, com a Lei de bases do sistema educativo nº 103/III/90 de 29 de Dezembro. Recuperado em 31 de Maio de 2011, de http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_docman&Itemid=31, passou a ser obrigatório o ingresso no Ensino Básico de crianças que completam 6 anos de idade até 31 de Dezembro. Esta medida favoreceu o aumento do número de crianças inscritas no primeiro ano da 1ª fase.

⁵⁹ “*Já foram realizadas actividades no Parque 5 de Julho por ocasião do dia do ambiente e dia da criança (dia 1º de Junho), etc. Sempre há preocupação do MEES da realização de actividades de uma forma conjunta com as outras escolas das diversas localidades do país, em que cada escola representada participa com uma actividade individual. Entretanto há outras actividades que a escola realiza no âmbito do seu calendário*” (Gestora do Pólo).

⁶⁰ Informações obtidas a partir da entrevista ao Director do centro.

Desenvolvimento - Zé Moniz⁶¹ (AZM) com o apoio dos parceiros mobilizou esforços para a criação do “Espaço Aberto Safende” em 2008⁶². Assim, este espaço tem como objectivos: (1) promover a educação da camada infantil (dos 3 aos 14 anos); (2) Sensibilizar e impulsionar a adopção de estilos de vidas saudáveis entre os adolescentes e os jovens; (3) promover a inserção socioprofissional dos jovens.

Concernente aos recursos humanos o centro dispõe de quinze funcionários que serão descritos de acordo com a formação académica e as funções desempenhadas. Portanto, dispõe de: (a)um coordenador do projecto⁶³; (b) uma coordenadora administrativa - uma assistente social - que controla as despesas do projecto nos moldes da sua concepção e aprovação; (c) um sociólogo que é o director do centro; (d) uma assistente social que trabalha com a comunidade no sentido de auscultar a necessidade da mesma para dar resposta através dos serviços do centro ou efectuar encaminhamentos para outras organizações; (e) uma psicóloga da educação que trabalha com as crianças do jardim-de-infância e do EBI no sentido de identificar as dificuldades de aprendizagem e desenvolver estratégias de melhorias do comportamento escolar das crianças; (f) duas educadoras de infância que trabalham no jardim; (g) duas professoras que trabalham com as crianças no apoio escolar; (h) uma animadora para actividades desportivas e culturas desenvolvidas no centro; (i) um monitor jovem com sensibilidade artística, que trabalha com os jovens na consolidação de actividades geradoras de rendimento; (j) uma cozinheira - do bairro Safende - formada na área de culinária; (k) uma auxiliar de limpeza (do bairro Safende); (l) dois guardas - um do bairro Safende outro de Vila Nova; (m) três técnicos do ICCA que prestam serviços pontuais (*cedidos part-time*), dos quais dois sociólogos e uma psicóloga clínica, que também desenvolvem trabalhos pontuais com a comunidades, como estudos qualificados, visitas domiciliarias; (n) uma secretaria/recepcionista que recebe as pessoas que vem ao centro e as endereça para os serviços.

Em relação aos serviços prestados à comunidade, este espaço acolhe 50 crianças (25 de manhã e 25 à tarde) no jardim - de - infância com a idade compreendida entre os 3 e 6 anos. Oferece apoio escolar às crianças do EBI, no total somam 50 beneficiários nos dois períodos. Essas crianças beneficiam ainda de uma cantina que procura atender

⁶¹ Associação sem fins lucrativos.

⁶² Inicialmente funcionou num espaço cedido pela Câmara Municipal da Praia, até a construção de uma infra-estrutura própria no interior do bairro em 2009.

⁶³ Que também é o presidente do conselho directivo da Associação Zé Moniz

as necessidades da alimentação. Possui uma sala mediateca que é aberta e gerida pelas pessoas na comunidade (voluntários) que oferece o acesso à internet e alguns livros para a pesquisa. Uma sala de formação, que é pontualmente dinamizada com formações em diversas áreas para os jovens. Uma sala multifunção (a sala maior do centro) que proporciona actividades desportivas (judo, capoeira, aeróbica). Esta sala, também é utilizada para realizar encontros com a comunidade⁶⁴. No terraço funciona uma pequena oficina de artesanato onde os jovens da comunidade produzem artefactos, nomeadamente, bijutarias com sementes naturais e sandálias de cabedal enfeitadas com sementes.

Para além da participação nas formações que acontece mediante um processo de selecção dos jovens, o centro promove actividades lúdica e desportiva juntamente com a população local. Estas actividades têm algum custo associado (cf. a Tabela 10), que de acordo com o director do mesmo espaço são extremamente acessíveis à comunidade, na medida em que estes custos são pautados pelos seguintes critérios: (a) incentivar investimento pessoal do beneficiário; (b) não ser uma barreira para a aderência dos jovens aos serviços prestados pelo centro e, (c) contribuir para as despesas não orçamentadas no projecto do centro, ou seja aumentar o fundo que o centro gere para dar respostas às necessidades da comunidade.

Tabela 10: apresentação dos cursos e os respectivos preços

Cursos	Custo
Informática	500 escudos mensais
Artesanato	200 escudos mensais
Inglês	200 escudos mensais
Judo	500 escudos mensais
Capoeira	Gratuito
Dança tradicional	Gratuito
Boxe	Gratuito

A nível dos serviços, o centro oferece a utilização da internet que custa 80 escudos por hora. Uma outra via de utilização do centro acontece mediante a apresentação de

⁶⁴ Esses encontros consistem em reflectir sobre os problemas da comunidade, ajudar os pais a desenvolver estratégias para uma correcta postura com os filhos.

uma proposta/projecto pelos jovens à direcção que, por sua vez, em consonância com a equipa técnica submete-o a uma avaliação com base nos critérios de congruência aos objectivos do centro.

1.2.3.1.3 CASA DO DIREITO SAFENDE⁶⁵:

As casas do Direito têm como principal objectivo facilitar o acesso aos serviços jurídicos aos grupos vulneráveis. Este projecto⁶⁶ surgiu da necessidade de desenvolver um espaço de esclarecimento às pessoas sobre a melhor via de apoio para o reconhecimento dos seus direitos.

Actualmente as Casas do Direito possuem um *staff*⁶⁷ constituído por administrativo, auxiliar de limpeza, advogado. Os administrativos são responsáveis pelo bom funcionamento da casa. Fazem parte das suas funções apresentar e desenvolver actividades mensais que podem ser executadas em parceria com as associações locais. Estas actividades serão supervisionadas mediante a apresentação dos relatórios.

As casas do Direito prestam serviços de (a) consulta jurídica que visa proporcionar aos cidadãos o conhecimento dos seus direitos e deveres face a um determinado caso concreto da sua vivência quotidiana. Desenvolvido em parceria com a Ordem dos Advogados, envolvem advogados e advogados estagiários; (b) informação jurídica cujo objectivo é garantir aos cidadãos o conhecimento das regras do direito vigente em Cabo Verde; (c) assistência judiciária que começa com os casos derivados da procura ou da consulta, na medida em que existem casos que são resolvidos através da simples informação ou dos serviços de mediação, e outros casos que necessitam de assistência no tribunal. Para isso é facultado um advogado que assiste os casos dos grupos vulneráveis.

⁶⁵ Caracterização com base na entrevista à Coordenadora Nacional das Casas do Direito de Cabo Verde.

⁶⁶ Financiado pelo Fundo de Desenvolvimento Social do Japão, administrado pelo Banco Mundial, um donativo ao governo de Cabo Verde através do Ministério da Justiça. A matriz inicial do projecto contemplava 11 casas. Actualmente o Ministério da Justiça já abriu 14 casas em 13 concelhos do país nos quais seis se localizam na ilha de Santiago (quatro no interior de Santiago: Santa Catarina, Calheta de São Miguel, Santa Cruz, São Lourenço dos Órgãos; duas na área urbana nomeadamente Terra Branca e Safende). Nas ilhas essas Casas foram abertas em Ribeira Grande - Santo Antão, em São Vicente, nos dois concelhos em São Nicolau (Tarrafal e Ribeira Brava), Mosteiros – ilha do Fogo, Ilha do Sal, Ilha do Maio e na ilha da Brava.

⁶⁷ Algumas casas usufruem dos serviços de um técnico da área de psicologia.

A mediação é um outro serviço recente, constitui-se num método alternativo de resolução de conflitos⁶⁸. Nessas casas são dadas apoio as vítimas da violência doméstica através de apoio jurídico⁶⁹, juntamente com o Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade do Género (ICIEG). Para além desses serviços, as Casas do Direito podem juntamente com os parceiros locais, elaborar e implementar projectos que visam minimizar as dificuldades enfrentadas na comunidade onde estão presentes.

Na Casa do Direito Safende optou-se por deixar o *layout* inicial, tendo em conta a dificuldade do espaço. Ela possui um gabinete, uma sala de reunião, recepção, casa de banho. A nível dos materiais tecnológicos há computadores, impressoras, retro - projectores, telas que a comunidade pode aproveitar para realizar as suas actividades. Este espaço também pode servir para divulgar informações, inclusive de outras instituições e ONGs através de brochuras, panfletos.

1.2.3.2 GRUPOS ASSOCIATIVOS⁷⁰

Nos últimos anos no bairro Safende deparou-se com uma proliferação de associações comunitárias⁷¹. Este aumento deve-se a diversos factores, de entre os quais se afiguram: (a) descoberta de financiamentos dos bairros às associações locais; (b) sensibilização para a importância dos grupos associativos no processo de desenvolvimento local pela Plataforma das ONGs.

Essa característica é evidenciada por um entrevistado como um dos aspectos positivos do bairro, pois ao contrário do que acontece nos outros bairros com a existência de muitos grupos, que procuram protagonismo nas actividades realizadas, no bairro Safende quando acontece alguma coisa, mesmo sendo a iniciativa de um dos grupos, como o maior beneficiário é o próprio bairro, todos os grupos abraçam a

⁶⁸ Os envolvidos participam activamente no diálogo com a ajuda de um mediador, pessoa capacitada para a resolução dos litígios.

⁶⁹ Segundo a coordenadora nacional das Casas do Direito, estão a trabalhar para a criação de um gabinete de apoio às vítimas da violência doméstica, que pode funcionar na própria casa ou ser tutelado por elas, no sentido de disponibilizarem informações sobre o meio processual a adoptar.

⁷⁰ Descrição dos grupos associativos com base na entrevista realizada com um dos líderes comunitários e Presidente da Comunidade Sant'Egídio de Cabo Verde. Apesar de oficialmente nunca assumir o papel de líder comunitário, foi sempre reconhecido pelas pessoas no bairro como aquele que desempenha esta função. Este facto é explicado pela sua persistência e acompanhamento das actividades desenvolvidas no bairro.

⁷¹ Segundo o entrevistado, no bairro Safende, existem várias iniciativas de associativismo, o que denota a presença de vários líderes, que assumem uma parte ou uma iniciativa durante algum tempo.

iniciativa para que esta possa ser realizada da melhor maneira possível. Esta atitude surgiu há quatro anos atrás como resposta para perspectivar um bairro mais unido.

Os grupos associativos de Safende dividem-se entre os oficiais e aqueles que não o são. Assim, por exemplo, os oficiais são considerados: (a) Associação Solidária para o Desenvolvimento de Safende (que pode ser considerada a associação mãe); (b) Associação Juvenil Progredir Safende; (c) raiz de Cultura; (d) *Fidjo*⁷² de Cabral; (e) Jovens Unidos em Cristo⁷³, (f) comunidade Sant'Égídio⁷⁴. Em relação aos grupos classificados pela população como não oficiais⁷⁵ encontramos: (a) grupos de dança; (c) SB Junior⁷⁶ (*boys de Safende*) que é constituídos por jovens até os 20 anos e (d) SB (*Safende Boys*) composto por jovens com idade acima dos 20 anos.

De entre as iniciativas dos grupos associativos destacam-se a realização do fórum “pensar Safende” (Agosto de 2010), no qual o debate se centrou nos seguintes temas: (a) a importância do associativismo no desenvolvimento local (Plataforma das ONGs) e (b) obstáculos e potencialidades para o desenvolvimento do bairro (Comunidade Sant'Égídio). O objectivo principal desse fórum foi identificar os problemas para a elaboração de projectos futuros ancorados em problemas concretos. Assim, foram elencados cinco problemas principais que afectam o desenvolvimento e a sociabilidade no bairro: (1) desemprego; (2) habitação precária; (3) Alcoolismo e droga; (4) Falta de infra-estrutura; (5) pobreza.

Esse fórum foi uma iniciativa da Associação Solidariedade para o Desenvolvimento do Bairro Safende e teve apoio do “Espaço Aberto” Safende da Associação Zé Moniz e também de alguns parceiros de Safende, como por exemplo, a Plataforma das ONGs, organizações como “Mulheres juristas”, instituições como a

⁷² Filho de Cabral actua numa outra parte de Safende;

⁷³ Dessa associação católica fazem parte os Putos Contra Banditismo – PCB - que actua da seguinte forma: iniciam uma discussão acerca de um tema religioso (relacionado com Deus) à frente de jovens com comportamentos considerados desviantes. Assim, sem querer aqueles jovens participam na discussão, ou seja, utilizam essa estratégia como forma de passar a mensagem.

⁷⁴ A comunidade Sant'Égídio não tem estatuto jurídico mas é reconhecida pela Igreja. Assim quando querem fazer alguma actividade que exige este requisito é suportada pela Igreja.

⁷⁵ “Não são oficiais mas se perguntares por esses grupos sempre aparecerão jovens que dirão que pertencem ao grupo x ou y. Neste momento apareceu o SB Twelve, que temos de lhes ajudar a organizarem-se da melhor forma possível. Ou seja grupinhos que talvez como forma de chamar a atenção ou de se afirmarem, de tanto estarem juntos e agora como está em voga a formação de grupos, hão-de formar também o deles. Agora, a nossa preocupação é não deixar que esses jovens formem os grupos apenas por formar (Líder comunitário entrevistado).

⁷⁶ Grupos de jovens que apresentam comportamentos desviantes. Esses grupos surgiram nos últimos tempos.

SOLMI, a CITI HABITAT, ou seja, envolveram-se pessoas, instituições que de alguma forma têm estado em parceria com o bairro.

No bairro, a comunidade Sant` Egídio tem desenvolvido actividades que vão de encontro à promoção da Paz. Para tal, todas as quarta – feiras realizam “chá da paz” que surgiu na sequência do encontro de pacificação dos jovens de Safende⁷⁷. Nessa actividade são exibidas fotos alusivas aos momentos marcantes da promoção da paz entre os jovens, momentos do bairro, mensagens sobre a paz, vídeos elucidativos do valor da paz; toma-se um chá em conjunto e também se aproveita, nesse pequeno ciclo, para se incentivar a amizade, a convivência e a cultura da paz.

Relativamente às actividades das Associações do bairro, segundo o entrevistado, o objectivo é planificar tais actividades, de modo a tornar os encontros, por exemplo, dos idosos em encontros periódicos, com um lanche a cada mês. Entretanto, salientou que as actividades regulares exigem uma preparação em termos de equipamentos, recursos e também de ideias (adequados às necessidades das pessoas e estratégias a implementar), a fim de não serem actividades soltas (à toa), mas sim actividades que visam desenvolver o sentimento de pertença da população e facilitar a sociabilidade. Todavia, a par dessas exigências, existem actividades realizadas pelo “Espaço Aberto” especialmente a exibição de filmes à tarde para os jovens, embora não tenha havido aderência da parte destes.

Por outro lado, o bairro, por vezes conta com actividades esporádicas tais como tarde cultural, concurso de modelo ou *miss*, torneio de futebol. No entanto, este tipo de actividades acontece somente quando as entidades tais como a Câmara Municipal da Praia, os partidos políticos ou outros as patrocinam. Pelo seu carácter revelam ser actividades insuficientes para a população em geral e os jovens em particular.

A entrada dos jovens nos grupos associativos muitas vezes passa pela identificação dos valores, princípios e acções do grupo. A partir desse primeiro passo, para além da participação nas reuniões e nas actividades do mesmo grupo, um dos critérios de admissão nos grupos é o pagamento regular de uma cota contemplada no

⁷⁷ O encontro de conciliação entre os jovens rivais (jovens de Safende de Cima e de Baixo) incitado por um dos líderes comunitários (Bernaldino Fernandes), teve lugar no dia 11 de Dezembro, após a comemoração do dia internacional dos Direitos Humanos e a quatro dias da inauguração da Casa do Direito Safende. Esse encontro foi realizado no “Espaço Aberto”, no qual para além dos jovens autores dos conflitos, estiveram presentes algumas mães, e o presidente do conselho directivo da AZM, Dr. Manuel Faustino. Foi uma primeira acção para auscultar e entender as causas dos confrontos entre os jovens rivais.

estatuto de cada grupo. Contudo, na prática, na maioria das vezes, isso não é imperativo para que uma pessoa permaneça no grupo, na medida em que nenhum indivíduo é expulso do mesmo por não pagar a cota.

1.2.3.3 SERVIÇOS DE APOIO AO BAIRRO SAFENDE

A caracterização dos serviços que apoiam o bairro Safende exigiu percorrer⁷⁸ o bairro na sua extensão. Com base na observação que se fez determinaram-se três domínios: (a) espaços de lazer/ocupação dos tempos livres, no qual são observados lugares, infra-estrutura disponível aos jovens para que estes possam, mediante o pagamento de um preço social (em alguns casos), usufruir dos serviços prestados; (b) equipamentos colectivos, disponíveis a toda a população mediante os requisitos exigidos; (c) pequenas unidades comerciais/ industriais que são lugares onde prestam outros serviços, venda de bens de consumo (cf. Tabelas 11, 12 e 13).

As informações apresentadas nas tabelas 11,12 e13 são fruto de um processo de observação da investigadora do bairro.

Tabela 11: Espaço de lazer/ocupação dos tempos livres

CATEGORIA	QUANTIDADE	BREVE DESCRIÇÃO
CENTRO SOCIAL “ESPAÇO ABERTO SAFENDE”	1	Desenvolvimento de actividades em prol da inserção das crianças, adolescentes e jovens do bairro
SALAS DE JOGOS	3	Jogos de matraquilhos e jogos electrónicos;
UNIDADES DESPORTIVAS	3	Um <i>Street basket</i> em construção; dois campos desportivos de “terra batida”.
CALL CENTER/ TELEFONE PÚBLICO	7	Serviço de chamadas telefónicas nacionais e internacionais e acesso à internet e jogos de <i>Play Station</i> (em alguns espaços com melhor infra-estrutura e equipamentos);

⁷⁸ A visita foi orientada por um jovem do bairro de 21 anos de idade com um conhecimento profundo dos contextos e da população do seu espaço de pertença. Este disponibilizou o seu tempo para que a identificação desses serviços, o contacto com a população do bairro e o reforço/ sensibilização às entrevistas fossem possíveis ao longo da pesquisa.

Tabela 12: Equipamentos colectivos

CATEGORIA	QUANTIDADE	BREVE DESCRIÇÃO
UNIDADES EDUCATIVAS	5	Escola do Ensino Básico Integrado (unidade central e uma escola Satélite) - Pólo XXVII; quatro jardins-de-infância (três privados e um público tutelados pela Câmara Municipal da Praia) com crianças com a idade compreendida entre os 3 aos 5 anos.
UNIDADES RELIGIOSAS	4	Uma Capela da Igreja Católica Apostólica Romana (onde são realizados encontros de catequese, ensaios; celebração eucarística; oração); uma Igreja Muçulmana (culto religioso); uma Igreja do Sétimo Dia (culto religioso); uma Igreja de Deus de IVOT (culto religioso).
CASA DO DIREITO	1	Promoção do acesso à justiça; da cultura da paz e do pleno exercício da cidadania; do conhecimento dos direitos humanos e cívicos. Também funciona como espaço de promoção de debates, palestras e formações sobre temas de interesse público, nacional e comunitário.
CHAFARIZ	4	Venda de água potável, a um preço acessível à população residente;

Tabela 13: Pequenas unidades comerciais/industriais

CATEGORIA	QUANTIDADE	BREVE DESCRIÇÃO
LOJAS	5	Duas lojas dos chineses; Upranimal (rações de Cabo verde); Proexa (produção e exportação de animais); Lenafric (negociação internacional); lugar de exposição e venda de mercadorias
TABERNA/ MERCEARIA	16	Venda de bebidas alcoólicas, aperitivos, alguns géneros alimentícios a retalho servidos a baixo preço;
MINI-MERCADO	4	Estabelecimento comercial de pequeno porte onde se vendem géneros alimentícios a retalho e a grosso;
BAR	5	Venda de bebidas alcoólicas, na sua grande maioria grogue e vinho “ <i>karega faxi</i> ” e alguns petiscos;
PADARIA	3	Produção e venda de pão, bolos, bolachas;
AÇOUGUE	3	Espaço onde se abate animais e se vende carnes. Dois desses lugares funcionam aos fins-de-semana;
DROGARIA	1	Venda de materiais para construção civil e outros;
MERCEARIA E BAR	2	Venda de bebidas, petiscos, alguns géneros alimentícios e produtos de uso doméstico a grosso e a retalho;
BOUTIQUE	2	Venda de roupas e acessórios;
QUIOSQUE	1	Venda de géneros alimentícios e bebidas;
BARBEARIA	4	Serviço de corte de cabelo e barbeação;
CABELEREIRO	8	Lavagem, secagem, escova, desfriso, <i>brushing</i> , hidratação e penteados variados de cabelo;
ALFAIATARIA	5	Serviço de costura de tecidos (para homem e senhora) e consertos de roupas;
FORNO	2	Espaço onde se assam os alimentos (carne, peixe), pão, bolo e bolachas;
REVENDEDOR DE GÁS	3	Venda de botijas de gás de consumo doméstico (SHELL E ENACOL);
MOAGEM	1	Moem milho, café;
CONERTO DE ELECTRODOMÉSTICO	1	Conserto de frigorífico, fogão, TV, microondas, etc;
OFICINA MECÂNICA	2	Conserto de carros ao ar livre;
SERRALHARIA	2	Produção, ao ar livre, de gradeamento, portas, janelas, em ferro;

ANEXO II

Exma. Senhora

Coordenadora Nacional das “Casas do Direito”

Praia

Leila Denise Monteiro Furtado, cabo-verdiana, mestranda em “Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo” na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, no âmbito da realização da pesquisa para a sua dissertação que se intitula “ **Vulnerabilidade e território: dinâmica da vulnerabilidade dos jovens do bairro Safende**”, cujo objectivo é compreender a dinâmica (objectiva e subjectiva) da vulnerabilidade no contexto social cabo – verdiano, tendo como eixo de análise os jovens residentes no bairro de Safende, vem por este meio solicitar à Vossa Excia, o seguinte:

- 1) A necessária autorização para a ocupação do espaço “Casa do Direito Safende” que Vossa Excia coordena, nas circunstâncias que se julgar convenientes, para a realização das entrevistas aos jovens do bairro a partir do dia 17 do corrente mês, tendo em conta que o espaço supracitado reúne as melhores condições de concentração e discricção que este trabalho exige, outrossim a entrevista que se pretende efectivar requer um espaço fechado para o efeito de gravação.
- 2) Uma entrevista com a Vossa Excia sobre tópicos como serviços prestados, parcerias, colaboradores e beneficiários com o intuito de complementar as informações sobre as estruturas de oportunidade existentes no bairro Safende.

Ciente da atenção que V. Excia irá dar ao assunto que ora se coloca, reitera antecipadamente os sinceros agradecimentos e espera deferimento.

Pede deferimento

Vila Nova, aos 11 de Janeiro de 2011

A requerente,

/Leila Denise Monteiro Furtado/

ANEXO III

Guião da entrevista:

Entrevista aos jovens do bairro Safende – ilha de Santiago – Cabo Verde

I. CARATERÍSTICAS PESSOAIS:

- 1.1 Identificação pessoal;
- 1.2 Formação académica;
- 1.3 Qualificação profissional;
- 1.4 Fonte de rendimento;
- 1.5 Projecto de vida

II. DINÂMICA FAMILIAR:

- 2.1 Relação intra-familiar;

III. CONTEXTO SOCIAL (Bairro Safende):

- 3.1 Apreciação do bairro:
 - 3.1.1 Recursos do bairro;
 - 3.1.1.1 Formas de apropriação dos recursos;
 - 3.1.1.2 Constrangimentos do bairro;
 - 3.1.1.3 Perspectiva de mobilidade social;
 - 3.1.1.4 Dinâmicas participativas no bairro;
 - 3.2 Tempos livres;
 - 3.3 Relações sociais no bairro.

I. KARATRISTICA PISSOAL

1. Kantu anu bu tem?
2. Sexo;
3. Bu ta studa?
4. Bu ta trabadja?
 - 4.1. Se ka é, di kusé ki bu ta vivi?

II. DINAMICA DI FAMILIA

- 2.1. Modi ki bu família é?
- 2.2. Modi ki bu ta da ku bu família?

III. SPASO SUCIAL DI JOVEN:

- 3.1 Modi ki bu ta odja Safende?
 - 3.1.1. Kusé ki bu ta atcha ma izisti na bairo ki podi midjora bu vida?
 - 3.1.1.1 Se sin, modi ki bu ta odjal?
 - 3.1.1.2 Modi ki bu ta tra vantagi di kes kusas lá?
 - 3.1.2 Kal ki é problema de Safende?
 - 3.1.3 Modi ki kes problema li ta afetau?
 - 3.1.4 Ten munti grupos (di teatro, di dança, di musica, de disenvolvimentu di bairu).
Ten alguns li na Safende?
- 3.2 Kusé ki bu ta fazi na bus tempus livri?
- 3.3 Modi ki pisoas ta rilaciona li na bairu?

ANEXO IV

Guião da entrevista:

Entrevista à Gestora da Escola do bairro Safende (Pólo XXVII) - Ilha de Santiago – Cabo Verde

INFORMAÇÃO PRETENDIDA	TÓPICOS	ALGUMAS QUESTÕES
Perfil da gestora; Experiência; Ano de profissão; Parceiros da escola.	I. CARACTERÍSTICAS GERAIS	1.1 Formação académica; 1.2 Experiência profissional; 1.3 Há quanto tempo exerce o cargo de gestora da Escola do bairro Safende? 1.4 Quais são os parceiros da escola?
Proximidade/localização da escola; Admissão/permanência; Actividades de sensibilização: a) Actividades do MEES; b) Actividades na escola; Sucesso/insucesso/abandono escolar;	II. ACESSO À EDUCAÇÃO	2.1 Como classifica a proximidade da escola com a comunidade? 2.2 Quais são os critérios de admissão e de permanência da Escola do bairro Safende? 2.3 Que actividades o MEES promove nessa escola? 2.4 A escola promove algum tipo de campanha de sensibilização no âmbito da valorização da aprendizagem junto à comunidade? E em relação aos alunos? 2.5 Qual foi a taxa de sucesso escolar do ano lectivo 2009/2010 dos alunos nessa escola? E de insucesso? 2.6 Na sua opinião, quais foram as causas do insucesso/abandono precoce da escola? 2.7 Para este ano lectivo (2010/ 2011) a escola possui alguma estratégia para combater o insucesso escolar? Se sim, qual é?

Espaço físico;
Materiais didáticos;
Materiais tecnológicos;
Apoio educativo;

II.RECURSOS DA ESCOLA

- 3.1** Como caracteriza a escola a nível de espaço físico?
- 3.2.**Em relação aos materiais didáticos, a escola possui biblioteca?
 - 3.2.1 Se sim, como pode ser caracterizada?
 - 3.2.2 Qual é a capacidade máxima desse espaço?
 - 3.2.3 Qual é a estratégia da escola para aquisição de livros para a biblioteca?
- 3.3** Na sua opinião, essa biblioteca é adequada às necessidades dos alunos?
- 3.4** Existem computadores nessa escola?
 - 3.4.1 Se sim, quantos existem?
 - 3.4.2 Os alunos têm acesso aos mesmos?
- 3.5.** Em relação ao apoio educativo, como este é feito?

Nº de alunos;
Nº de professores;
Formação dos professores;
Vínculo contratual;

III CARACTERIZAÇÃO DOS BENEFICIARIOS E OS RECURSOS HUMANOS DA ESCOLA (aspectos que contribuem para a qualidade do ensino)

- 4.1** Quantos alunos estão inscritos neste ano lectivo (2010/2011)? São todos oriundos do bairro Safende?
- 4.2** Nesta mesma época, no ano lectivo 2009/210, quantos frequentaram a escola?
- 4.3** Quantas pessoas trabalham nessa escola? Quantos são professores?
- 4.4** Em média, um professor quantos alunos têm na sala de aula sob a sua responsabilidade?
- 4.5** Qual é o vínculo contratual dos professores?
- 4.6** Qual é a formação dos professores?

ANEXO V

Guião da entrevista:

Entrevista à Coordenadora da “Casa do Direito” Safende - Ilha de Santiago – Cabo Verde

INFORMAÇÃO PRETENDIDA	TÓPICOS	ALGUMAS QUESTÕES
Função;	I. CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS	1.1 O que faz enquanto coordenadora desse espaço?
Surgimento do espaço; Entidade Financiadora e executora; Parcerias (quem são e quantos são; qual é o contributo na parceria)	II. O PROJECTO	2.1 Como surgiu a ideia da criação e implementação do projecto “Casa do Direito” no bairro Safende? 2.2 Há quanto tempo existe esse espaço? 2.3 Qual é a organização financiadora e executora desta iniciativa? 2.4 Quais são os vossos parceiros? E como contribuem para o projecto?
Serviços prestados; Beneficiários dessa iniciativa	III. SERVIÇOS	3.1 Que tipo de serviços oferecem nesse espaço? 3.2 Quantas pessoas trabalham nesse espaço? 3.3 Qual é a função de cada um desses quadros? 3.4 Qual é o vosso grupo –alvo?

ANEXO VI

Guião da entrevista:

Entrevista ao Director do “Espaço Aberto” Safende - Ilha de Santiago – Cabo Verde

INFORMAÇÃO PRETENDIDA	TÓPICOS	ALGUMAS QUESTÕES
Função;	I. CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS	1.1 O que faz enquanto director desse espaço?
Surgimento do espaço; Entidade Financiadora e executora; Parcerias (quem são e quantos são; qual é o contributo na parceria)	II. O PROJECTO	2.1 Como surgiu a ideia da criação e implementação do projecto “Espaço Aberto” no bairro Safende? 2.2 Há quanto tempo existe esse espaço? 2.3 Qual é a organização financiadora e executora desta iniciativa? 2.4 Quais são os vossos parceiros? E como contribuem para o projecto?
Serviços prestados; Beneficiários dessa iniciativa	III. SERVIÇOS	3.1 Que tipo de serviços oferecem nesse espaço? 3.2 Quantas pessoas trabalham nesse espaço? 3.3 Qual é a função de cada um desses quadros? 3.4 Qual é o vosso grupo –alvo?

ANEXO VII

Guião da entrevista:

Entrevista a um dos líderes comunitário do bairro Safende – ilha de Santiago – Cabo Verde

INFORMAÇÃO PRETENDIDA	TÓPICOS	ALGUMAS QUESTÕES
Função do líder comunitário (tarefa desempenhada; tempo de exercício desta função);	I. CARACTERÍSTICAS GERAIS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Há quanto tempo exerce a função de líder comunitário neste bairro? 2. Que tarefas desempenha no bairro?
Actividades desenvolvidas; Entidades promotoras; Existência de grupos; Características dos grupos; Actividades dos grupos; Critérios de admissão;	II. ASSOCIATIVISMO	<ol style="list-style-type: none"> 2.1 Que tipos de acções, geralmente, são realizadas no bairro? Quem as promove? 2.2 Quantas associações/grupos existem no bairro? 2.3 Quais são as suas características? 2.4 Que tipo de actividades esses grupos realizam no bairro?
Formas de ocupação dos tempos livres; Actividades realizadas: lúdicas; culturais, etc. Avaliação das actividades;	III. FORMAS DE OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES	<ol style="list-style-type: none"> 3.1 Como os jovens ocupam os tempos livres no bairro? 3.2 Quais são as actividades lúdicas promovidas no bairro? Quem as promove? 3.3 Na sua opinião considera as actividades realizadas suficientes? 3.4 As actividades são adequadas às necessidades dos jovens? 3.5 Se não, que tipo de actividades considera importante desenvolver no

		<p>bairro? Justifique a sua resposta.</p> <p>3.6 Quais são as actividades culturais promovidas no bairro?</p> <p>3.7 Quem são os promotores?</p>
<p>Características habitacionais; Programa de requalificação urbana;</p>	<p>IV.HABITAÇÃO</p>	<p>4.1 Como caracteriza as casas no bairro?</p> <p>4.2 Tem conhecimento de alguma actividade desenvolvida para a requalificação dessas casas?</p> <p>4.3 Se sim, quem é a entidade financiadora e quem a executa?</p> <p>4.4 Qual é o tempo previsto para execução das actividades?</p> <p>4.5 Quantas famílias já foram contempladas?</p>
<p>Sector de actividade; Fonte de rendimento das famílias; Tipos de rendimento.</p>	<p>V. RENDIMENTO</p>	<p>5.1Qual é o sector de actividade (primário, secundário, terciário) que prevalece no bairro?</p> <p>5.2 De onde provém o rendimento das pessoas que moram no bairro?</p> <p>5.3 Como avalia as famílias do bairro quanto ao rendimento? Na sua opinião, a maioria, tem um rendimento fixo? Justifique a sua resposta.</p>

ANEXO VIII

EIXO 1: (In) activos dos jovens do bairro Safende

DIMENSÃO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	CÓDIGO DE ENTREVISTA	UNIDADE DE REGISTO
Características individuais		Nível de escolaridade	J1;	“Estudei até o 9º ano de escolaridade; actualmente não estou a frequentar a escola (J1);
			J2;	Actualmente eu não estudo, terminei o 12º no ano lectivo 2007/2008. (J2);
			J3;	(J2);
			J4;	“12º ano de Escolaridade” (J3);
			J5;	“Frequentei até o 6º ano de escolaridade, depois disso abandonei os estudos”. (J4);
			J6;	“Frequentei até o segundo trimestre do 7º ano de escolaridade, isto porque tive más influências dos amigos e com isso perdi muitas oportunidades”. (J5);
			J7;	“Eu estudei até o 12 ano”. (J6)
			J8;	“Estudei até o 7º ano de escolaridade”. (J7);
			J9;	“Não estou a estudar, parei no 6º ano de escolaridade. Estou sem estudar há três anos”. (J8);
			J10;	Estou a estudar o 9º ano de escolaridade, no período da noite. (J9)
			J11;	“Estudei até o 7º ano escolaridade. Parei de estudar porque só “rodava”, faltava as aulas, depois desisti e fui viver com a minha mãe na ilha da Boavista, mas depois regressamos”. (J10);
			J12;	“Frequentei o 8º ano de escolaridade. Estudei por dois anos (8º ano) e não terminei, faltava muitas aulas, saía com os meus amigos”. (J11);
			J13;	“Terminei o 12º ano de escolaridade”. (J12);
			J14;	“Actualmente não estudo, estudei até o 6º ano de escolaridade. Não me lembro em qual período deixei de estudar, mas terminei o 6º ano. (J13);
			J15;	“Estudo o 8º ano de escolaridade”. (J14);
			J16;	“Estudei até o 10º ano de escolaridade”. (J15);
			J17;	“Estou no 1º ano de curso de comunicação e multimédia”. (J16);
			J18;	“Tenho o 7º ano de escolaridade completo, frequentei o 8º ano mas desisti a meio caminho”. (J17);
			J19;	“Actualmente não estudo, estudei até o 7º ano de escolaridade”.(J18);
			J20	“Estou a estudar o 7º ano de escolaridade”. (J19);
	Capacidades dos jovens			“Estudei até o 6º ano”. (J20);

**Qualificação
profissional (formação)**

- J1; “Nunca trabalhei formalmente, mas tenho feito formações no Espaço Aberto, estágios; formação de atendimento ao cliente, agente de crédito e cobrança; estágio no Centro de Formação Profissional na Fazenda”; (J1)
- J2; “Fiz alguns trabalhos em sistema de “biscates” e depois fiz uma formação na área de construção civil no Centro de Emprego e Formação Profissional da Praia. A formação teve uma duração de 7 meses. Participei nalgumas formações no “Espaço Aberto Safende” de informática, nalguns seminários. (J2)
- J3; “Sim, fiz uma formação profissional na área de construção civil nesse mesmo estabelecimento de ensino”. “Formação em arte em cabedal e bijutaria, gestão de pequenos negócios e reciclagem de papel todas realizadas no “Espaço Aberto Safende” aqui no bairro”. (J3);
- J4; “O único curso que frequentei foi, no “espaço aberto” , de arte em cabedal, foi o único em que fui seleccionado. Durante dois meses”. (J4);
- “Fiz a Formação profissional no sistema de informação geográfica na Escola de formação profissional”. (J6);
- J6; “Tenho só um diploma de formação de bijutaria, no Espaço Aberto”. (J9);
- J9; “Fiz um curso de informática de três meses no Espaço Aberto”. (J12);
- J12; “Fiz um curso de informática no Espaço Aberto, de dois meses e meio”. (J14);
- J14; “Fiz formação de arte em cabedal e informática. O curso de informática durou 1 mês e o de arte em cabedal três semanas”. (J15);
- J15; “Fiz uma formação de contabilidade, na associação Comercial Sotavento no Plateau durante quinze dias”.(J16);
- J16;

Família

- J1; “Já trabalhei numa empresa de MCF em Achada Trás, numa empresa de construção civil, mas no momento estão suspensos os trabalhos; Normalmente quando preciso de dinheiro ou algum objecto peço à minha mãe ou aos meus irmãos mais velhos”. (J1);
- J4; “_Actualmente não estou a trabalhar, qualquer coisa que eu preciso peço aos meus pais”. (J4);
- J5; “Já faz um bom tempo que estou sem trabalho mas os meus pais e as minhas duas irmãs (que trabalham no aeroporto) me apoiam financeiramente”. (J5)
- J6; “A minha fonte de rendimento vem dos meus pais, são eles que financiam quase tudo para mim”. (J6);
- J8; “Na minha casa trabalham a minha mãe e o meu padraсто. Os meus irmãos são menores de idade. Quando preciso de alguma coisa peço à minha mãe”. (J8)

	Apoio familiar	<p>J10; “Quando preciso de alguma coisa a minha mãe me dá”. (J10); J11; “Quando preciso comprar alguma coisa, peço ao meu pai ou à minha mãe”. (J11); J12; “ Quando preciso de alguma coisa a minha mãe é que me dá”. (J12); J13; “Só a minha mãe é que trabalha, ela é empregada doméstica. (J13) J14; “Dependo financeiramente dos meus pais, e por vezes o pai do meu filho me ajuda”. (J14); J15; “Nunca trabalhei, tudo o que preciso peço aos meus pais e aos meus irmãos”. (J15); J16; “Nunca trabalhei, tudo o que preciso peço aos meus pais e irmãos”.(J16); J17; “A minha mãe e o meu irmão são as únicas pessoas quem trabalham em casa”, e agora que estou desempregado dependo deles”. A minha mãe vende comida à noite no bairro e o meu pai morreu há quatro anos”.(J17); J19; “Quando preciso de alguma coisa, por vezes a minha tia é que me dá. A minha mãe vende brincos, só ela é que trabalha em casa”. (J19);</p>
Grupos associativos	Participação nos grupos associativos	<p>J1; “Sou um jovem de Safende - arte, apesar de neste momento não estar a participar, sei fazer esse trabalho. Sendo um jovem que faz arte e sabe fazê-lo bem, as pessoas podem fazer a sua encomenda”.(J1); J2; “Pertencço à associação Santo Egidio”. “Gosto de pertencer esses grupos, porque me sinto bem, contente em fazer parte de um grupo cujo objectivo é ajudar os outros, o que gosto de fazer”. (J2); J3; “Pertencço a grupo da comunidade Santo Egidio (único em Cabo Verde). Participo na organização e coordenação das actividades”. Sempre participo e gosto de participar”. (J3); “ Eu faço parte do grupo SB que outrora também era um grupo de delinquentes, e faz algum tempo que deixamos desta vida de delinquência com a morte de um dos nossos colegas resultante do conflito entre os grupos”. (J4); J4; “Eu posso falar do meu grupo (SB júnior) promovemos convívio entre nós, todos levam o seu dinheiro cozinhámos, todos se divertem. (J5) J5; “Temos uma associação progredir Safende, onde desenvolvemos, entre outras actividades, actividades culturais. Participo nessas actividades, como por exemplo, quando organizamos a passagem de modelo, participo no desfile como modelo. (J7) J7; “Pertencço ao grupo SB júnior. Somos mais de 20 elementos, o mais velho tem 20 anos e o membro mais novo tem 16 anos”. (J8); J8; “Pertencço ao grupo SB Júnior. Neste grupo quando temos que cozinhar, eu é que o faço: Por vezes cozinho nas “<i>karaka</i>” com a ajuda de um amigo, nós somos os chefes de cozinha”. (J10)</p>

Redes de suporte	Vizinhança	Relação de tranquilidade	J11; J12; J13; J1; J3; J13; J12; J15; J16; J17; J18; J20;	<p>“Pertencço ao grupo SB júnior. Somos sempre unidos, podemos ter os nossos momentos de delinquência porque não temos muita coisa útil para fazer. De quanto em vez realizamos o nosso “<i>karaka</i>” onde os jovens que moram mais longe podem contribuir e comer”. (J11);</p> <p>“Gosto do meu grupo de amigos, nós não realizamos nenhuma actividade social, só jogamos à bola aos fins-de-semana”. (J12);</p> <p>“Pertencço ao grupo SB Júnior”.(J13);</p> <p>“Acho que temos um bom relacionamento, visto que onde eu moro quase não há conflito entre vizinhança”. (J1);</p> <p>“Tenho uma relação que considero boa com os moradores do bairro”. (J3)</p> <p>“Com algumas pessoas do bairro tenho uma boa relação mas, com outras não, porque não temos intimidade. (J13)</p> <p>“Acho que no bairro existem pessoas que dão o seu contributo, como por exemplo um dos líderes comunitários que selou a paz entre os grupos de <i>thugs</i>, que brigavam todos os dias”. (J12);</p> <p>“A relação com as demais pessoas do bairro é boa”. (J15);</p> <p>“No bairro existem pessoas que ajudam, como as mais velhas, sempre que podem conversam com os rapazes”. (J16);</p> <p>“Relaciono -me bem com as demais pessoas do bairro”. (J17);</p> <p>“Temos um relacionamento tranquilo”. (J18);</p> <p>“Acho que temos uma boa relação porque nunca fiz nada de mal a eles e nem eles a mim”. (J20);</p>
		Relação de desconfiança	J5; J11; J19;	<p>“Eu convivo bem com as pessoas do bairro porém os vizinhos não ajudam, eles não confiam em nós porque já fizemos muitas asneiras no passado e acham sempre que somos culpados, acusam-nos injustamente e mesmo que provarmos a nossa inocência ainda se mostram indignados criando um ambiente de desconfiança e de discórdia. Esta atitude deixamos com muita raiva e com vontade de fazer asneira”. (J5);</p> <p>“Eu e os meus colegas do grupo sentimos marginalizados por algumas pessoas do bairro na medida em que elas não nos dão nada,”. (J11);</p> <p>“No bairro mesmo se não fizeres nada discriminam-te na mesma, mas eu não ligo por mais que falem mal de mim. (J19)</p>
		Relação de instabilidade	J7; J10; J14;	<p>“Por vezes damos bem outras vezes não, muitas vezes julgam-me pelas minhas companhias, por isso não sei o que pensam de mim”. (J7);</p> <p>“Há pessoas que chamam os jovens para as suas casas e aconselha-os para deixarem as brigas de lado. Entretanto existem pessoas no bairro que apoiam essas brigas. (J10);</p> <p>“não sei,.... nos damos bem,..... mais ou menos”. (J14);</p>

Grupo de pares

**Relação de
Cumplicidade**

Relação de interesse

- J3; “Sim tenho muitos amigos. Nossa relação é aberta e não há espaço para desrespeito”. “Para mim a amizade é algo de bom em qualquer momento. A pessoa amigo deve estar sempre disponível para colaborar”. (J3);
- J5; “Formamos o nosso grupo “SB Júnior” à base da amizade existe muita união, temos algumas diferenças mas nada que não possa ser superado”. (J5)
- J7; “Conversamos, praticamos desportos... coisas assim”. (J7);
- J8; “Tenho muitos amigos. A amizade é importante. Estou sempre com muitos rapazes mas não são todos que são meus amigos”. (J8)
- J9; “A amizade é importante sim, tenho muitos amigos, nós jogamos a bola, basquetebol, ou tiramos as dúvidas dos trabalhos de escola. Ultimamente estou a gostar disso, e fazemos alguns trabalhos: se um amigo tiver alguma tarefa ajudámos e quando eu precisar de ajuda em minha casa ou em casa de algum outro amigo, ajudamo-nos”. (J9)
- J10; “Tenho muitos amigos no bairro eu me relaciono bem com todos”.(J10)
- J11; “Tenho muitos amigos, temos união e também relacionamos muito bem entre nós, vivemos como irmãos (J11)
- J12; “Sim tenho muitos amigos eu me relaciono bem com todas as pessoas”.(J12);
- J14; “Tenho alguns amigos aqui no bairro. Quando estamos juntos divertimos, sentamos a conversar, distraímos. (J14)
- J15; “A amizade é tudo, quem não tem amigos não tem ninguém. É preciso ter amigos como quem se conviver”.(J15)
- J16; “A amizade é muito importante! é bom mesmo! Imagina se eu não tivesse amigos!? Em vez de ficar em casa, saio com eles. Se eu não tivesse amigos ficaria sempre em casa, não falava com eles, tornar-me-ia numa pessoa fechada”.(J16)
- J17; “Ter amigos traz muitas vantagens, os amigos ajudam-te em muitas coisas, como construir casa, como por exemplo... se pedires ajuda eles ajudam-te, se tiveres um trabalho eles fazem-no. (J17)
- J18; “Tenho muitos amigos e relacionamos bem. Passeamos juntos pelo bairro, conversamos, bebemos, fumamos”. (J18)
- J20; “Tenho muitos amigos e relacionamo-nos muito bem”. (J20);
- J19; “A amizade no bairro é fraca, aqui só tens amigo quando tens dinheiro. Se tens dinheiro tens muitos amigos, mas se não tiveres afastam-se de ti. Enquanto tiveres dinheiro eles estão contigo, mas quando o dinheiro acaba saem de perto de ti e procuram outros que têm mais dinheiro”. J19);

ANEXO IX

EIXO 2: Percepção da vivência no bairro Safende

DIMENSÃO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	CÓDIGO DE ENTREVISTA	UNIDADE DE REGISTO
Tipologia das oportunidades		Oportunidades novas	J1;	“ Só agora é que temos alguma oportunidade como o “Espaço Aberto” que se destina aos jovens e às pessoas que queiram frequentá-lo. Nesse espaço oferecem informações importantes sobre formação/curso, ajudam crianças e jovens. (J1);
			J16;	“Quando fizeram o Espaço Aberto o bairro ficou mais atractivo “ <i>mas sabi</i> ”, fazem actividades para os jovens para que estes não fiquem a vaguear pela rua”. (J16);
			J18;	“O que acho interessante no bairro é o “Espaço Aberto Safende” e o campinho que estão a construir (J18);
			J19;	“No bairro existem muitas formações [no “Espaço Aberto Safende”], às vezes dá-me vontade de fazer formações, mas, muitas vezes, desisto. Não tenho coragem de ir sozinho. Espero sempre por um amigo: assim, iremos juntos”. (J19);
		J2;	“Acho que satisfaz pouco às necessidades dos jovens na medida em que um número muito reduzido de jovens tem a possibilidade de usufruir desses espaços [Espaço Aberto Safende; Casa do Direito Safende; Terra batida, pavimento para a prática de desporto]”. (J2);	
		J3;	“Penso que sempre existiu pouca oportunidade para os jovens, pois não existiam infra-estruturas que os jovens pudessem usufruir, o que exige muito dos pais, principalmente, na educação dos seus filhos”. (J3);	
		J4;	“As oportunidades são quase inexistentes. Houve uma oportunidade dada pelo “Espaço Aberto” através dos seus parceiros para os que os jovens fizessem um curso de informática e só”. (J4);	
		J5;	“Eu acho que no bairro deveria se fazer mais actividades para ajudarem os jovens”. (J5);	
		J6	“Existem algumas oportunidades, mas nem sempre essas são oferecidas as pessoas que merecem e muitas vezes às pessoas a quem são dadas essas oportunidades não as aproveitam da melhor maneira, como por exemplo, as formações que são dadas aos jovens nesse bairro”. (J6);	
		J7;	“No bairro Safende não temos nada, as únicas coisas boas que temos são o Espaço Aberto e a Casa do Direito”. (J7)	
J9;				

Do bairro	Classificação das oportunidades	Oportunidades insuficientes	Oportunidades inexistentes	Atitude pró-activa ⁷⁹
		J11;		
		J12;		
		J13;		
		J14;		
		J15;		
		J8;		
		J10;		
		J17;		
		J20;		
		J2;		
		J3;		
		J4;		

No bairro só tem o Espaço Aberto... deveria haver uma placa desportiva, uma praça que motivasse os jovens”. (J9)

“Aqui no nosso bairro não temos muitas oportunidades, muitos jovens estão desempregados o que não é bom para o próprio bairro. (J11)

“O bairro Safende tem mais ou menos (pausa), mas tem poucas oportunidades. O bairro não tem nada. Por causa das eleições legislativas disseram que iriam fazer numa placa desportiva, mas ainda não fizeram e o terreno é muito pequeno não dá para jogar como se quer (J12)

“O bairro é mais ou menos, é apenas uma placa desportiva que está quase pronta, que mais divertimos. Só a placa desportiva, se aparecer algo com que possamos divertir... mas não aparece. (J13)

“Aqui era apenas um espaço, mas mudaram -no de sítio, era um espaço onde divertíamos mais. Aonde se situa actualmente não tenho tempo de lá ir, quando era perto da minha casa dava uma espreitadela, mas lá em baixo não dá para ir (J14);

“ Nobairro há muitas coisas a serem feitas... mas sempre acho que pode ser melhorado. Deve haver mais centros, mais oportunidades para os jovens, empregos nas áreas de construção civil, mecânica, informática, canalização (J15);

“Aqui, não vejo nenhuma oportunidade. Preciso de trabalhar “*da cabidal*”. (J8);

“Nada. Não existe nada no bairro. Devia ter praças, um outro Espaço Aberto para a música, com um estúdio para apoiar os jovens principalmente, os meus amigos do grupo que gostam de cantar”. (J10);

“Não vi nada ainda. Eu acho que devia ter muitas coisas como uma placa desportiva”. (J17);

“No bairro não temos nada para os jovens se divertirem, principalmente onde resido [alto Safende]”. (J20);

“Normalmente as necessidades são maiores do que as oportunidades. Por isso quando aparecem as poucas oportunidades procuro aproveitá-las da melhor forma possível, como exemplo para que os jovens percebam que devem aproveitar o pouco que aparece da melhor maneira possível”. (J2);

“Vou sempre à procura, uso fontes de informações, uso todos os meios disponíveis para chegar a onde pretendo”: (J3);

⁷⁹ Capacidade que alguém ou algo tem de fazer com que determinadas coisas aconteçam ou se desenvolvam.

Apropriação das oportunidades do bairro	Formas de apropriação das oportunidades	Inactividade	J5;	“Se forem dadas as oportunidades, sempre as aproveito”. (J4); “Faço tudo para alcançar um objectivo, principalmente se isso me vai ajudar”. (J5);
			J6;	“Adopto sempre uma atitude positiva, lutando sempre para conseguir algo que preciso”. (J6);
			J9;	“Procuro informações no Espaço Aberto para saber o dia e a hora da inscrição nas formações porque por vezes há muita adesão das pessoas e algumas podem conseguir e outras podem ficar para trás...” (J9);
			J12;	“Procuro [informar-me das oportunidades], através da internet, do jornal. (J12)
			J16;	“Eu vou atrás, se eu não encontrar uma pessoa que me possa ajudar, vou à procura de informações, pergunto outras pessoas”. (J16);
			J17;	Eu procuro trabalho, pergunto às pessoas, saio, vou à procura”. (J17);
			J20	“Vou ao centro de juventude da Praia, usar internet, ter informações”. (J20);
			J1;	“Faz tempo que não frequento o Espaço Aberto, não pela falta de vontade, mas fico com a minha mãe em casa ajudando-a nas tarefas domésticas e a cuidar dos sobrinhos na ausência das minhas irmãs, por isso nos últimos meses não tenho tido tempo para frequentar o espaço como gostaria”. (J1);
			J7;	“Não tenho aproveitado muito as oportunidades porque não tenho habilitação, não tenho ninguém para me orientar”. (J7);
			J8;	“Como o “Espaço Aberto” que abriram aqui, muitas vezes quero frequentá-lo, mas vou lá muito pouco”. (J8);
J10;	Nunca fiz uma formação no Espaço Aberto. Neste momento quero fazer uma, mas ainda não apareceu nenhuma formação”. (J10);			
J11;	“Não tenho aproveitado muito”. (J11);			
J13;	“Eu nunca fui para as formações porque a minha amiga disse-me que não tinha vaga”. (J13);			
J15;	“Não participo em todas [as formações], só em algumas, é que não gosto de outras actividades como construção civil, o que mais gosto é de informática”. (J15);			
J18;	“Por vezes procuro um dia ou dois e quando não consigo fico com raiva e volto para casa”. (J18);			
J19;	“Acabo sempre por não ir se não tiver um companheiro”. (J19);			
J1;	(...)”passo os meus tempos livres, na sua grande maioria na berma da estrada com os meus amigos”. (J1);			
J2;	“Ocupo os meus tempos livres como voluntário (falar e ouvir as pessoas), no Espaço Aberto Safende, conversando com os meus colegas entre			

Tempos livres no bairro	Formas de ocupação dos tempos livres	Com os amigos	J4;	outros”. (J2); “ (...) Por vezes vou à discoteca com os meus amigos”(J3)
			J5;	“Nos meus tempos livres tenho o hábito de estar com os meus amigos e jogar futebol”. (J4);
			J7;	“Eu ocupo o meu tempo livre passeando com os meus amigos no bairro e às vezes encontramos outros amigos que muitas vezes nos deixam algum dinheiro e juntos organizamos um pequeno convívio e jogos de basquetebol como entretenimento”. (J5);
			J8;	“ Na maioria das vezes passo o meu tempo livre aqui no bairro, com os meus colegas conversando”. (J7);
			J9;	“Acordo e fico a andar pelo bairro. Por vezes incómodo os outros, faço delinquência”. (J8);
			J11;	“Passo os meus tempos livres no desporto (jogar à bola com os meus amigos) e no estudo”. (J9);
			J12;	“No meu tempo livre fico às vezes a conversar com os meus amigos”. (J11);
			J13;	“Passo os meus tempos livres com os meus colegas, estamos sempre juntos. Normalmente aos fins-de-semana, fazemos a nossa <i>paródia</i> tipo “ <i>xintada</i> ”, compramos bebidas, quem bebe sumo compra sumo quem consome cerveja compra cerveja, eu bebo cerveja. Juntamos e compramos”. (J12);
			J14;	“Passo os meus tempos livres com os meus amigos, divertimos, contamos piadas, passeamos pelo bairro, por vezes ficamos na berma da estrada, visitamos amigos em Ponta D`água. Convivemos, cozinhamos (fazemos” karaka”). (J13);
			J15;	“Divirto-me com os meus colegas, ficamos sentados a conversar. Tenho alguns amigos não muito”. (J14);
			J16;	“Jogar à bola, sentar com os amigos, estar na rua a divertir-me com eles”. (J15);
			J17;	“(…) Saio com as minhas amigas (J16)
			J19;	“Jogo à bola com os meus amigos, e <i>Play Station</i> ”. (J17);
		Com a família	J3;	“Ocupo os meus tempos livres passeando com os meus filhos (três filhos (J3)
			J1;	“No período de manhã, depois de realizar as tarefas domésticas fico em casa a ver TV”. (J1); “Ocupo os meus tempos livres, por vezes utilizando a internet, mas só

**Tipologia dos
constrangimentos
do bairro**

Sozinho

J6;

posso fazer isso quando tenho dinheiro para pagar esse serviço. Se assim não for não faço nada”. (J6)

“Fico em casa a ouvir música”. (J11);

J16;

“Uso computador, vejo televisão, (...)”. (J16);

J18;

A minha diversão resume - se em: ir a discotecas e frequentar as mercearias no bairro ou nos outros bairros para beber”. (J18);

J20;

“Ocupo o meu tempo livre ouvindo música e também frequento sempre o centro de juventude da Praia, onde tenho informações e uso a internet gratuitamente”. (J20);

**Instabilidade
Ambiental**

J18;

“O ambiente do bairro é mais ou menos. Podemos estar bem com os outros e, por vezes, podemos ter conflito, brigas e violência”. (J18);

J19;

“Safende, às vezes está bem em clima de paz outras vezes está cheio de conflitos”. (J19);

J1;

“Normal, vejo as pessoas a beberem muito e a drogarem-se, mas muitas vezes fazem-no de uma forma escondida, pois sabem que não estão a fazer a coisa certa. Normalmente quando usam álcool e drogas acabam por entrar em conflito”.(J1)

**Consumo de
substâncias**

J3;

“Um ambiente menos bom em que os jovens às vezes se envolvem em brigas e alguns distúrbios como consequência do consumo de droga e álcool”. (J3);

J20;

“No bairro há um bom ambiente mas, às vezes somos confrontados com algumas brigas entre os moradores como consequência do consumo excessivo do álcool e ou da droga” .(J20);

J4;

(..) também podes encontrar um ambiente negativo incluindo a delinquência juvenil”.(J4);

J5;

“O ambiente no bairro é de conflito, mas se tivermos apoio de pessoas que nos possam oferecer alguma ocupação pode melhorar”. (J5);

J8;

“Muitos rapazes não respeitam ninguém e ficam a abusar dos mais novos e nós também não queremos aceitar nenhum tipo de abuso”. (J8);

Acho que em Safende não existe nenhuma parte que é tranquila, porque em todas as partes há grupos de *thugs* que entram em conflitos(*fundu riba e fundu baxu*). Aqui não há ajuda mútua entre os moradores, a não ser no seio das famílias”. (J13).

J13;

J2;

“Não temos espaço adequado para praticar desporto (com a mesma qualidade que existe noutros bairros)”.(J2);

J7;

“O bairro de Safende precisa de uma placa desportiva/mini ginásio como existe em outros bairros (como a Vila Nova)”. (J7);

Conflito

Constrangimentos do bairro	Infra-estruturas Insuficientes	J8; J9; J10; J13; J20;	<p>“Precisa ter uma praça para divertirmos”. (J8);</p> <p>“O bairro tem necessidade de uma placa desportiva, uma praça de diversão (J9)</p> <p>“Não existe nenhum espaço de diversão”. (J10);</p> <p>“Gostaria que se fizesse mais uma placa desportiva [para a modalidade de futebol], porque a que estão a fazer é de basquetebol... é dessas modalidades que mais gosto”. (J13);</p> <p>“O bairro precisa de uma placa desportiva, porque a placa desportiva que temos é muito pequena não dá para jogar futebol, por isso, gera muitos conflitos. Existe um campo de “terra batida”, mas a maioria dos rapazes não gosta de lá ir, (muitas pessoas acham isso), havia conflitos”. (J20);</p>
	Imagem negativa	J7; J16; J4; J6; J9;	<p>“É um bairro que durante muito tempo não teve uma boa fama, porque na parte inferior do bairro (<i>tchetchénia</i>) existiam passadores de drogas, alcoólicos, tiroteios” (J7);</p> <p>“O bairro tem má fama, por ter muitos <i>thugs</i>, muitas drogas que prejudicam a imagem interna e externa do mesmo; os jovens não ajudam muito. Antigamente havia muitas coisas más, mas isso mudou um pouco. Hoje os jovens não querem ouvir falar mal do bairro”. (J16);</p> <p>“As dificuldades do bairro provêm de pouco apoio, como por exemplo devíamos ter um psicólogo para orientar os jovens de modo a terem um comportamento saudável, digamos assim”. (J4);</p> <p>“O apoio e a solidariedade entre os moradores são muito deficitários”. (J6)</p> <p>“O bairro também necessita de energia eléctrica adequada e de água que está sempre a faltar”.(J9);</p>
	Insuficiência de apoios sociais	J11; J19; J20; J1; J2;	<p>““Nós não somos ajudados pelos membros do bairro porque consideramos <i>thugs</i>, <i>somos</i> sempre mal vistos pela maioria da população residente no bairro”. Eu e os outros colegas enfrentamos muitas dificuldades por não haver nada para ocupar os nossos tempos livres, sem falar na falta do emprego”.(J11);</p> <p>“No bairro existe muitas dificuldades, aqui não fazem nada, não ajudam a maioria dos jovens, não lhes dão emprego, só dão oportunidades para alguns, e nós jovens não gostamos disso, eles apoiam mais os jovens que não são do bairro do que aqueles que são daqui”. (J19);</p> <p>“Há muitas famílias que vivem em situações precárias, muitas mães que precisam de muita ajuda, como por exemplo ter um emprego”. (J20);</p> <p>“Talvez se estes jovens tivessem uma placa desportiva ou estivesse numa formação, ou emprego talvez não existir muito alcoolismo e droga no bairro, porque é uma grande perda para os jovens e para o bairro que tem muitos jovens que não estão a frequentar a escola e não estão a trabalhar e</p>

Níveis de impacto	Comportamental	J4;	outros que não têm formação”.(J1) “Essas dificuldades fazem com que os jovens enveredem para a delinquência criando alguma insegurança entre os moradores do bairro”. (J2)
		J5;	“Se fossem apoiados (formação por exemplo) os jovens sentir-se iam motivados (<i>mural</i>) a aproveitar, a frequentar, desde que dois ou três jovens comecem a participar os outros vão atrás”. (J4);
		J6;	“Devia haver mais actividades para entreter os jovens, como praças de lazer, pequenos ginásios, e os jovens teriam menos acesso ao mundo da delinquência”.(J5)
		J10;	“Eles precisam de oportunidade de emprego, porque se a maioria dos jovens tiver o seu emprego, não precisa de assaltar as outras pessoas que trabalham honestamente”. (J6)
	Relação com o espaço (formas de consumo)	J11	“Só existe o Espaço Aberto, não gosto muito de ir a esses lugares. No Espaço Aberto não tem muito o que fazer e quando lá vou não tem formações por isso prefiro ficar em casa ou nos “becos”. (J10) “Por não termos nada com que nos ocupar, isso leva-nos à delinquência e desordem no bairro, por sermos muitos e também por ficarmos muito tempo juntos”. (J11).
		J6;	“Estou desempregado neste momento e tenho necessidade de adquirir algumas coisas pessoais e não posso comprar, porque não estou a trabalhar, não tenho dinheiro para comprar e em casa somos muitos o que não me permite estar sempre a pedir aos meus pais. Se tivesse um emprego sei que teria honorários e poderia comprar o que precisasse”. (J6);
		J17;	“Os grupos de <i>thugs</i> brigaram muitas vezes com armas (pistolas, facas). Já me convidaram para fazer parte dos seus grupos mas, não aceitei porque vi que se aceitasse não poderia entrar em muitos bairros, agredir-me -iam fisicamente para não lá ir”. (J17)
Potencialidades	J2;	“Jovens que perspectivam um futuro com a paz entre os moradores, com uma profissão digna, e até mesmo que aqueles neste momento se encontram envolvidos com álcool e drogas também perspectivam uma vida melhor (sem droga e sem álcool) para si e para suas famílias e maior segurança entre os moradores (sem medo de sair à rua e ser morto)”. (J2) “A maioria mora com a mãe, tem outros mais velhos que moram com as tias ou com a avó. Por mais que fizemos “cabeça rijo” sempre as nossas mães nos apoiam, quando somos presos elas visitam - nos, levam-nos comida e procuram saber porque estamos lá”. (J8);	
	J8;	“(…) até já fizeram um acordo de paz, Safende foi o primeiro bairro a fazer	

Imagem dos jovens do bairro Safende

Dificuldades

J16; J20;	este acordo entre grupos rivais, isto mostra que não somos os piores...(J16); “Os jovens daqui tem muito orgulho e talento, há alguns que cantam, dançam e jogam futebol”. (J20)
J1;	“Passam por muitas dificuldades em termos de trabalho e formação (...) mas Safende quase não é muito apoiado em termos de emprego, formação” (J1); “Jovens de Safende, penso que precisam de mais apoio e também precisam fazer a sua parte como por exemplo formar um grupo que realiza apenas coisas boas (<i>intendi</i>) como uma equipa de futebol, associação juvenil. Apesar de existir associações juvenis no bairro, na sua maioria, os jovens não as frequentam, essas associações precisam de ser alargadas a mais jovens, ou ter a participação dos mesmos”. (J4);
J4;	“Precisam de ajuda, uma formação, um emprego de maneira a não ficarem desocupados no bairro. Acho que tendo uma oportunidade vão melhorar a nossa vida”. (J5);
J5;	“Eu vejo-os como jovens sem perspectivas de vida e sem rumo, a vaguear de uma lado para o outro até chegar a hora de irem para a casa dormir. São mal vistos por pessoas do próprio bairro como também dos outros bairros”. (J7);
J7;	“Precisam de um espaço para ocuparem os seus tempos e também oportunidade para continuarem os seus estudos, porque muitos jovens aqui estão sem estudar. Muitos jovens não agarram as oportunidades de estudo oferecidas por instituições como “Infância Feliz” porque os grupos rivais do bairro Calabaceira (lugar onde está localizado o complexo escolar Fundação Infância Feliz) têm impedido os de Safende de frequentar os estudos. (J11);
J11;	“Precisam de mais emprego, porque a maioria dos jovens que eu conheço abandonou os estudos, por influências”. (J12);
J12; J13; J14;	“ Os jovens do bairro precisam de ajuda. Muita ajuda (não sei... e fica quieto)” . (J13); “Os jovens que estão por aí na rua, precisam de frequentar a escola, ter apoio porque há pais que não têm condições de os manter no sistema de ensino... Precisam de escolas, jardins...” (J14);
J15;	“Precisam de mais oportunidades para ocuparem os seus tempos livres principalmente os que não vão à escola para não entrarem nos grupos de <i>thugs</i> .(J15)
J17;	“Precisam de empregos. Em qualquer área trabalhariam”. (J17); “Os jovens do bairro precisam de emprego, de trabalhar todos os dias”.

Imagem e Representação do		J18;	(J18);
		J19;	“Os jovens gostam muito da escola e de formação, muitos têm vontade de frequentá-las, mas há pouco apoio por parte dos pais em termos de materiais (cadernos). Muitos gostam de ir às aulas, mas têm conflitos com muitos bairros e têm medo de serem atacados nas escolas por esses bairros, mas ainda assim gostam de lá ir”. (J19)
	Comportamental	J6; J9;	“Os jovens do meu bairro procuram sempre assaltar as pessoas principalmente quando estas regressam do seu trabalho”. (J6); “Alguns jovens de Safende bebem álcool, jogam cartas bebendo “grogue” acabam, por descuidar das suas vidas”. (J9);
	Vantagem	J2;	O lado bom é que eles têm melhores infra-estruturas desportivas (ex. campo de futebol relvado), parque de diversões, entre outros (aspectos que os jovens consideram como oportunidade para diversão, ocupação dos tempos livres)”. (J2)
		J6;	“Os jovens dos outros bairros procuram fazer algo de bom para os seus bairros e para as suas vidas”. (J6);
		J7;	“Acho que a vida dos jovens de outros bairros não é muito diferente da nossa, embora posso destacar os jovens de Calabaceira e Vila Nova que têm placa desportiva, ginásio, campo de futebol relvado, algo que os faz ocupar melhor os seus tempos livres, o que não temos na nossa zona”. (J7);
		J11;	“Os jovens de outros bairros podem até estar melhor, porque eles conseguem trabalho com mais facilidade do que nós se calhar por procurarem ou lutarem mais para o conseguir”. (J11);
		J17;	“Acho que os jovens de outros bairros estão melhores porque agora não fazem brigas, nem cabeça “rijo”. (J17)
		J20;	“Os jovens dos outros bairros têm condições melhores do que nós de Safende, como por exemplo eles têm placa desportiva, praças de diversão o que lhes permite preencher melhor os seus tempos livres”. (J20)
	Equilíbrio	J3;	“Eu acho que há um equilíbrio entre os jovens dos diferentes bairros da capital e o bairro de Safende. Nos outros bairros também existem jovens que estudam e trabalham, que são responsáveis e outros que são mais para delinquência”. (J3);
	J14;	“Alguns jovens estão bem e outros não. Uns estão bem porque estão estudando ou trabalhando, e outros estão na delinquência. <i>Cada um com a sua sina</i> ”. J14;	
	J15;	“Posso dizer que a situação dos jovens dos outros bairros é a mesma,	

bairro	Imagem dos jovens dos outros bairros		porque vejo muitos jovens que saem do seu bairro para ir participar nas actividades em outros bairros. (J15); “Em relação aos jovem de outros bairros vejo - os como qualquer jovens como nós, somos iguais”. (J18);	
		J18;		
		J2; J4;	“O lado pior é que não existe um relacionamento saudável entre os vários grupos de jovens existentes noutros bairros, enquanto no nosso bairro esse relacionamento é muito mais saudável”. (J2)	
		J7;	“ Os jovens de outros bairros também estão a precisar de um “chá da paz” para poderem relacionar melhor (<i>poi paz</i>) porque os jovens agora estão “ perdidos” a pensar asneiras. O que eu quero é que se concentrem e comecem a pensar apenas em coisas boas”. (J4);	
		J13;	“Nos outros bairros existem muitas influências dos grupos <i>thugs</i> , o que actualmente não acontece com a mesma intensidade no nosso bairro”. (J7);	
	Desvantagem	J19; J20;	“Envolvem-se com maior frequência nos conflitos com os colegas dos bairros vizinhos”. (J13); “ Os jovens dos outros bairros estão a entrar em conflitos. Alguns dizem que estão em paz e de repente atacam”. (J19); “Noutros bairros existem mais delinquentes do que no nosso bairro”. (J20);	
		J2;	“Apesar das dificuldades, é um bairro onde eu me sinto à vontade, posso andar em qualquer lugar a qualquer hora, é o único bairro em que os grupos dos jovens rivais podem coabitar sem problemas, sem brigas”. (J2);	
		Segurança	J3;	“Nunca passou pela minha cabeça mudar de Safende, só se eu viajar para outro país. Não sei se será possível adaptar-me a outros bairros”. (J3);
			J14;	“Não gostaria de mudar de bairro, gosto muito de Safende, já me habituei a viver aqui, os que se adaptam a um bairro é difícil desligarem-se... não é porque tem alguma coisa que me prende aqui, mas eu gosto do meu bairro... por causa dos meus colegas que crescemos juntos não gostaria de abandoná-los”. (J14);
			J1;	“Praticamente gosto de morar no meu bairro porque foi onde nasci, gosto de viver cá, entretanto gostaria de ter melhores condições de vida”. (J1);
Representação positiva do bairro	Afectividade	J4; J5;	“Não, não me mudaria do bairro, porque nasci e cresci neste bairro (<i>bu intendi</i>) e tenho fé que este bairro ficará bem (<i>ser dretu</i>)”. (J4); “Não, não gostaria de mudar de bairro, não suportaria morar longe da família e dos meus amigos, pela amizade que temos em comum”. (J5);	
		J8;	“Gostaria de morar aqui mesmo (em Safende) porque foi aqui que nasci e cresci”. (J8)	
		J10;	“Não, o bairro não tem nada de bom para os jovens, mas não gostaria de	

**Representação
negativa do bairro**

**Instabilidade
relacional**

**Infra-estrutura
Inadequada**

Financeira

J13;

J17;
J20;

J6;

J11;

J15;

J19;

J9;

J2;

J4;

J5;

J7;

J8;

J10;

J11;

J14;

mudar de bairro porque foi aqui que eu nasci e cresci tenho os meus amigos por isso não conseguiria sair daqui”. (J10);

“Não, [não mudaria do bairro] os meus familiares vivem todos em Safende por isso não dá para sair do bairro. (J13)

“É um sítio onde sempre gostaria de viver, não mudaria, cresci aqui, não gostaria de conhecer outro bairro, porque aqui tenho os meus amigos e se eu me fosse embora demoraria muito tempo para fazer outros amigos, por isso não mudaria. (J17);

“Não, mudaria de bairro porque gosto do bairro onde nasci”. (J20)

“Sim, todos queremos morar num bairro com características diferentes deste. Eu preferiria morar no bairro de achada S. Filipe. É um bairro calmo em que os moradores se respeitam mutuamente”. (J6);

“Sim mudaria para o mais longe possível, para o interior da ilha, longe das influências de outros jovens de modo a ter paz. O bairro está estagnado no tempo. E neste momento tenho vontade de viajar para outras paragens”. (J11);

“Sim, gostava de ir viver em Ponta D’água, porque gosto de lá tem bom ambiente, tenho bons amigos lá”. (J15);

“Sim, se eu tivesse um outro bairro poderia mudar, porque num outro bairro poderia ficar melhor, porque não conheceria o lugar e assim ficaria mais relaxado. Não sei dizer em que bairro viveria. (“*mas discontra*”): (J19)

“Sim, moraria em Fazenda, bairro Craveiro Lopes... gosto muito porque tem placa desportiva, é uma zona calma sem conflitos, São Filipe. Também gostaria muito de viver em Achada São Filipe, gosto de zonas que têm uma boa organização, condições para praticar desporto”. (J9);

“ Ter uma boa profissão”. (J2);

“Trabalhar para evoluir”. (J4);

“Ter um emprego fixo e ganhar algum dinheiro para ajudar a família”. (J5);

“Ter uma boa habilitação e ajudar os meus familiares. Ter uma boa habilitação é importante porque o mundo está sempre em desenvolvimento não há nada melhor do que estudar para poder acompanhar esse desenvolvimento “. (J7);

“Ter um emprego”. (J8);

“ Ter um emprego na área da construção civil (trabalhar na obra), ter um trabalho fixo”. (J10);

“Conseguir bom emprego”. (J11);

“Terminar os estudos, encontrar um trabalho fixo que me permita cuidar bem do meu filho como eu quero (...)”. (J14);

Expectativa de mobilidade	Níveis de mobilidade social	J16; J18;	“Terminar os meus estudos, trabalhar e ficar a viver no bairro. (J16) “Ter o emprego, para não ficar o dia inteiro na rua. (J18)
	Profissional	J5; J15; J19;	“Fazer uma formação de electricidade pois tenho algum conhecimento na área”. J5; “Gostava de ser jogador de futebol”. (J15); “Gostaria de ser arquitecto”. (J19);
	Familiar	J3; J20;	“Ter a minha casa e viver com os meus filhos e o meu marido”. (J3); “Ter a minha esposa e os meus filhos, uma casa própria e ter condições para ajudar a minha mãe”. (J20);
	Geográfica	J6; J11;	“Fazer a minha vida fora do país”. (J6); “Emigrar para ir ter com a minha mãe na França e conseguir viver melhor”. (J11);